

FRANCILENE DUARTE SANTOS QUEIROZ

**PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO
PARA A MODALIDADE A DISTÂNCIA: um estudo
sobre a qualidade dos materiais produzidos nas
Universidades Públicas do Estado do Maranhão**

Orientador: Prof.Doutor João Batista Bottentuit Junior

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2015**

FRANCILENE DUARTE SANTOS QUEIROZ

**PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO
PARA A MODALIDADE A DISTÂNCIA: um estudo
sobre a qualidade dos materiais produzidos nas
Universidades Públicas do Estado do Maranhão**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 09 de julho de 2015, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 290/2015, de 08 de julho de 2015, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor António Teodoro -
Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias

Arguente:

Profª. Doutora Dulce Maria Morais Franco -
Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias

Vogal:

Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa -
Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias

Orientador:

Prof. Doutor João Batista Bottentuit Junior
– Universidade Federal do Maranhão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2015

Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra.

(Paulo Freire)

Aos meus pais, ao meu marido, irmãos e sobrinhos por trazerem luz e alegria à minha vida. Por contribuírem, cada um ao seu modo, para que eu alcançasse esse objetivo, por suportarem as ausências e as chatices e por estarem sempre ao meu lado nessa conquista, o meu amor e minha sincera gratidão. Sem vocês nenhum sonho seria possível ou valeria à pena.

Agradecimentos

A Deus, pois sem ele jamais teria chegado aonde cheguei. Sua proteção me fez forte e sua bênção me fez seguir em frente, sem me abater diante dos problemas.

Ao meu marido Claudimar Filho, por ter acreditado em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava e por ter sido símbolo de força e de esperança em minha vida, sendo incansável quando se trata de me apoiar e me dar força quando esta tende a faltar. A calma que me transmite foi fundamental para levar “a bom porto” o meu turbilhão de ideias.

Rei, Amo você!

Aos meus pais Lourival e Tomazia, que souberam à sua maneira, com comidinha gostosa, cafezinho na hora certa e muitas orações, dar o apoio necessário. Obrigado por acreditarem em mim.

As minhas irmãs Flávia, Fabiana e Fernanda pelo amor, carinho e incentivo. Sem vocês eu não estaria aqui no meio do caminho, pois já caminhei bastante, mas ainda falta chão para trilhar e sei que posso contar com vocês.

Aos meus sobrinhos que são os meus maiores tesouros: Stephany, Sarah, José Bento, Sophia e Maria Clara, obrigada queridos pelo amor e afeto que sempre recebi de vocês, pois era nele que buscava alento para continuar.

Ao meu orientador, mentor, chefe e grande amigo Prof. Dr. João Batista Bottentuit Junior, por ter sido paciente com uma orientanda tão complicada. Obrigada por tudo! Obrigada pela oportunidade profissional e acadêmica, bem como, pela confiança no meu trabalho e principalmente por não desistir de mim!

Meu agradecimento é imenso!

Resumo

A Educação a Distância (EaD) tem sido concebida nas Instituições de Ensino Superior (IES), como modalidade com grande potencial para favorecer a democratização do ensino público. Em 2012, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Brasil ultrapassou a marca de um milhão de alunos matriculados em cursos de graduação na modalidade a distância. No centro desta expansão existem vários fatores que precisam ser considerados na oferta de cursos a distância, dentre eles o material didático que é produzido para este segmento. Esta pesquisa teve como objetivo investigar o processo de produção e a qualidade do material didático para EaD, tomando como estudo os cursos de licenciatura na modalidade a distância, no contexto da Universidade Aberta do Brasil, ofertados pela Universidade ALFA (UNIALFA), o Universidade GAMA (UNIGAMA) e a Universidade BETA (UNIBETA). A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de caráter analítico e descritivo. Para o seu desenvolvimento foram utilizados os livros didáticos elaborados para EaD dos cursos de: Pedagogia, Filosofia, Matemática, Química e Informática (um quantitativo de 36 apostilas) onde se utilizou a pesquisa documental e ficha de análise. Além disto, procedeu-se a um questionário com um total de 16 professores autores para identificação de aspectos relacionados à produção do material didático. A base teórica do trabalho aponta as principais questões conceituais para o desenvolvimento de materiais impressos. Para vencer as dificuldades identificadas tais como: a elaboração do material didático impresso, considerando sua abrangência interdisciplinar; falta de preparação prática do docente para com a escrita, considerando que o perfil do aluno a distância é diferente do aluno presencial; como também uma melhor formação dos professores para o uso das tecnologias. O resultado final da análise dos itens investigados constatou que a avaliação das Instituições (de modo geral) apresentaram potencialidades e fragilidades com maior percentual de conformidade nos critérios de conteúdo e linguagem dos materiais didáticos analisados. Com isto identifica-se a necessidade de estudos mais aprofundados, por parte dos autores e a criação de cursos de formação para professores-autores, principalmente no que concerne a elaboração de materiais impressos para EaD.

Palavras-chave: Critérios de qualidade. Educação a distância. Material didático impresso.

Abstract

The Distance Learning (DL) has been designed in Higher Education Institutions (HEIs), as a modality with great potential to promote the democratization of public education. In 2012, the National Institute of Educational Studies Teixeira (INEP), Brazil surpassed the mark of one million students enrolled in undergraduate courses in the distance. At the heart of this expansion there are several factors that must be considered in the provision of distance learning courses, including the teaching material that is produced for this segment. This research aimed to investigate the production process and the quality of teaching materials for distance education, taking as study the degree courses in the distance, in the context of the Open University of Brazil, offered by the University ALFA (UNIALFA), the University RANGE (UNIGAMA) and the University BETA (UNIBETA). The research is characterized as a case study of analytical and descriptive. For its development we used the textbooks designed for distance education courses in: Education, Philosophy, Mathematics, Chemistry and Informatics (quantitative 36 booklets) which we used the desk research and analysis form. In addition, it proceeded to a questionnaire with a total of 16 authors teachers to identify aspects related to the production of teaching materials. The theoretical basis of the work points out the main conceptual issues for the development of printed materials. To overcome the difficulties identified such as: the preparation of printed educational materials, considering its interdisciplinary scope; lack of practical preparation for the teaching with writing, considering the profile of the distance student is different from student attendance; but also better training of teachers for the use of technologies. The end result of the analysis of the investigated items found that the assessment of the institutions (generally) had strengths and weaknesses with the highest percentage of compliance criteria of content and language of teaching materials analyzed. With this identifies the need for further studies, by the authors and the creation of training courses for teachers, authors, particularly regarding the development of printed materials for distance education.

Keywords: Quality criteria. Distance education. Printed educational material.

Siglas

AVA	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEE	Conselho Estadual de Educação Consórcio Universitário de Educação Continuada e a Distância
DI	Design Instrucional
EaD	Educação a Distância
EUA	Estados Unidos da América
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IES	Instituições de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LVCEAD	Lista de Verificação de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EaD
MD	Materiais Didáticos
MDI	Material Didático Impresso
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEAD	Núcleo de Educação à Distância
NUEAD	Núcleo de Educação a Distância
PAR	Programa de Ações Articuladas
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PNAP	Programa Nacional de Formação em Administração Pública
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UNIALFA	Universidade Alfa
UNIBETA	Universidade Beta
UNIBETANET	Núcleo de Tecnologias para Educação da UNIBETA
UNIGAMA	Universidade Gama
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

Índice

Introdução.....	13
Capítulo I - Sociedade da Informação e do Conhecimento	17
1.1 Educação na Sociedade da Informação	21
Capítulo II – Educação a Distância	27
2.1 Conceitos de Educação a Distância	28
2.2 Teorias da Educação a Distância	30
2.3 Teorias da Aprendizagem	31
2.4 Atores da EaD e suas atribuições	35
2.5 Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA	37
2.6 Educação a Distância no Brasil	40
Capítulo III - A Importância dos Materiais Didáticos na EAD	44
3.1 Elaboração do Material Didático	47
3.2 O Designer Instrucional na EaD	52
Capítulo IV - Critérios de Qualidade dos Materiais Didáticos	55
4.1 Critérios de qualidade referentes ao conteúdo	61
4.2 Critérios de qualidade referentes à linguagem	62
4.3 Critérios de qualidade referentes à estética	64
Capítulo V - Metodologia	67
5.1 Sujeitos da Pesquisa	69
5.2 Locais do Estudo	69
5.2.1 Universidade Alfa – UNIALFA	69
5.2.2 Universidade Gama – UNIGAMA	72
5.2.3 Universidade Beta – UNIBETA.....	73
5.3 Instrumentos	75
5.4 Caracterização da Pesquisa	76
Capítulo VI – Análise dos Dados	78
6.1 Resultados da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos-Referente ao Conteúdo ...	88
6.2 Resultados da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos- Referentes a Linguagem	87

6.3 Resultados da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos-Referentes a Estética	94
6.4 Análise dos Questionários com os Docentes	102
Conclusão	108
Bibliografia.....	112
Índice Remissivo Onomástico.....	125
Anexos	I

Índice de Quadros

Quadro 1 - Diferença de material impresso	47
Quadro 2 - Etapas da construção do material didático impresso	48
Quadro 3 - Fases de investigação	79

Índice de Figuras

Figura 1 - Organograma do NEAD/UNIALFA	72
Figura 2 - Mapa dos Polos presenciais da UNIALFA	73
Figura 3 - Mapa dos Polos presenciais do UNIGAMA	74
Figura 4 - Mapa dos Polos presenciais da UNIBETANET	76
Figura 5 - Material analisando da UNIALFA	77
Figura 6 - Material analisando do UNIGAMA	77
Figura 7 - Material analisando da UNIBETA	77
Figura 8 – Atende e Não Atende o item 13_Conteúdo	84
Figura 9 – Atende e Não Atende o item 15_Conteúdo	85
Figura 10 – Atende e Não Atende o item 16_Conteúdo	85
Figura 11 – Atende e Não Atende o item 21_Conteúdo	86
Figura 12 – Atende e Não Atende o item 1_Linguagem	91
Figura 13 – Atende e Não Atende o item 7_Linguagem	92
Figura 14 – Atende e Não Atende o item 11_Linguagem	92
Figura 15 – Atende e Não Atende o item 14_Linguagem	93
Figura 16 – Atende e Não Atende o item 10_Estética	99
Figura 17 – Atende e Não Atende o item 11_Estética	99
Figura 18 – Atende e Não Atende o item 12_Estética	100
Figura 19 – Atende e Não Atende o item 22_Estética	100

Índice de Tabelas

Tabela 1	- Dados relativos ao conteúdo do material didático da Universidade Alfa.....	81
Tabela 2	- Dados relativos ao conteúdo do material didático da Universidade Gama	82
Tabela 3	- Dados relativos ao conteúdo do material didático da Universidade Beta	83
Tabela 4	- Somatório dos itens da lista de verificação referente ao conteúdo	84
Tabela 5	- Dados relativos à linguagem do material didático da Universidade Alfa	88
Tabela 6	- Dados relativos à linguagem do material didático da Universidade Gama	89
Tabela 7	- Dados relativos à linguagem do material didático da Universidade Beta.....	90
Tabela 8	- Somatório dos itens da lista de verificação referente à linguagem	91
Tabela 9	- Dados relativos à estética do material didático da Universidade Alfa	95
Tabela 10	- Dados relativos à estética do material didático da Universidade Gama.....	96
Tabela 11	- Dados relativos à estética do material didático da Universidade Beta.....	97
Tabela 12	- Somatório dos itens da lista de verificação referente a estética	99
Tabela 13	- Somatório de itens “atende” verificados nas instituições pesquisadas	108

Introdução

A Educação a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino que vem se evidenciando no contexto atual, especialmente porque se adapta a diversas realidades dos alunos que buscam formação através deste meio. Trata-se de uma sistemática que contempla as necessidades de um público distinto e está alcançando cada vez mais segmentos.

Faz-se necessário considerar como a EaD se desenvolveu no mundo, nos países onde marcam seu surgimento e expansão e como tal modalidade se estruturou no Brasil.

No Brasil, seu desenvolvimento histórico é notado pelo surgimento e a difusão dos meios de comunicação. Esta modalidade educacional igualmente passou pela fase da correspondência, do rádio, da televisão, chegando à ação associada de vários meios de comunicação, principalmente os beneficiados pelo uso da internet.

Segundo Zordan (2012), o sistema educacional brasileiro no século XX iniciou um processo de transformação no ensino utilizando a educação a distância como modalidade de ensino, possibilitando que mais indivíduos, morando em locais afastados dos grandes centros, pudessem adentrar no ensino superior, inclusivo e de qualidade, sem sair da sua localidade.

O Brasil ultrapassou a marca de um milhão de alunos matriculados em cursos de graduação na modalidade a distância. É o resultado de um crescimento que chama a atenção, pois em menos de uma década houve um salto de 59.611 estudantes (2004) para 1.113.850, de acordo com o Censo de Educação Superior 2012 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira[INEP] (2012).

Considerando este contexto, “a EaD apresenta-se como uma alternativa extremamente relevante na (re) orientação educativa da contemporaneidade e na formação de profissionais capazes de responder os desafios de hoje.” (Porto, 2009, p. 11).

Atualmente na modalidade de Educação a Distância o processo ensino-aprendizagem é mediado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), onde professores e alunos estão separados geograficamente, mas permanecem conectados por uma série de recursos tecnológicos (MORAN, 2002).

Existem diversas questões na EaD que merecem investigação, porém, nesta pesquisa, concentra-se no item que corresponde à produção e qualidade do material didático impresso, considerando que o mesmo encadeia todo o processo, organizando o desenvolvimento e a dinâmica do ensino-aprendizagem.

Segundo Silva (2011), um dos principais problemas da EaD está na produção de conteúdos e atividades didáticas adaptadas às necessidades e às características do aluno que, independente do lugar e do tempo, estuda e aprende mediado pelas tecnologias.

Na EaD, ainda prevalece o uso de tecnologia (ambientes virtuais de aprendizagem vídeos, multimídia, etc.), por ser mais disponível. Conforme dados do Censo EaD de 2010, das instituições que participaram da pesquisa e que possuem Polos de Apoio Presencial, 91% utilizam material impresso. Mas, quando se observa a oferta de cursos de graduação, praticamente 100% das instituições o utilizam (Associação Brasileira de Educação a Distância [ABED], 2011).

Preti (2010) mostra que as Instituições que atuam na EaD estão em processo crescente de produção de material didático específico para os cursos em oferta. Se estimarmos que, em um curso de graduação, há uma média de 40 a 50 disciplinas e que são mais de 200 os cursos oferecidos, pode-se ter uma ideia aproximada da quantidade de livros produzidos na EaD. E ao multiplicar estes livros pelo número de alunos matriculados (aproximadamente um milhão), logo vai se deparar com uma “indústria do livro” no campo da EaD.

Nesta pesquisa destaca-se o Material Didático Impresso, por se tratar de um recurso considerado indispensável pela maioria das Instituições de Ensino Superior no Brasil, conforme dados do Censo da EaD de 2012, uma vez que o seu uso dispensa recursos tecnológicos, facilidade no manuseio, flexibilidade de local de estudo, dentre outras características que o tornam acessível ao aluno (ABED, 2013).

Para o desenvolvimento do material didático impresso tem-se a figura do professor-autor, cujo objetivo principal é estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem com alunos heterogêneos, através da modalidade escrita na perspectiva do conteúdo, da linguagem e da estética que são premissas que consolidam-se como fundamentais neste processo.

Porém, o professor-autor se depara com algumas dificuldades que ainda interferem na produção dos materiais didáticos, como por exemplo, a falta de capacitação ou treinamento na produção do material didático para o público da EaD, suporte de uma equipe multidisciplinar, dentre outros aspectos que se pretende confirmar com a realização deste estudo.

O estudo de materiais didáticos para EaD não é novidade no campo da investigação, diversos autores já se debruçaram por este campo, tais como: Averbug (2003), Belisário (2006), Effting (2010), Preti (2009), Possari (2009), assim como, outros autores já tiveram interesse em estudar a qualidade de materiais didáticos, sendo este tema muito inquirido nos últimos tempos, conforme se observa nos estudos de Soares (2014), Santos et al. (2014), Mercado e Freitas (2013). No campo específico que se pretende investigar neste

estudo ainda não existe até a presente data¹ nenhuma pesquisa realizada em nível de artigo, bem como, em nível de trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações ou teses).

Com efeito, a inquietação, interesse e curiosidade da pesquisadora na área da EaD, se deu pelo fato de trabalhar como coordenadora de tutoria do curso de Pedagogia, cuja atribuição é acompanhar todo o processo de produção do material didático para o referido curso, mais especificamente na produção de material didático impresso, atrativo esse que ganhou novas proporções a partir do seu envolvimento com a equipe multidisciplinar que desenvolve o *design* instrucional nos cursos de licenciatura da Universidade Alfa (UNIALFA) onde a autora desenvolve seu trabalho.

Este estudo tem como propósito responder ao seguinte problema central **“Como ocorre a produção, e qual a qualidade do material didático impresso produzido para a modalidade a distância nas Universidades Públicas do Estado do Maranhão?”**

Os questionamentos de investigação que surgiram em relação à produção de material didático impresso para EaD e que serviram de norte para esta pesquisa foram:

- a) Como se dá o processo de produção mais especificamente do material didático impresso no Brasil e nas universidades públicas do Maranhão?
- b) Qual a qualidade do material didático produzido pelas instituições de ensino superior públicas do Maranhão no que tange a qualidade estética, linguagem e conteúdo?
- c) Qual a preparação didática dos docentes que produzem os materiais didáticos?

Neste sentido, o objetivo geral nesta investigação científica é analisar o material didático impresso produzido e utilizado pelos cursos a distância no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), ofertados na Universidade Alfa (UNIALFA), na Universidade Gama (UNIGAMA) e na Universidade Beta (UNIBETA), à luz dos referenciais de qualidade do ensino superior a distância do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Para atingir a finalidade, ora exposta, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Estudar o referencial de qualidade para educação superior a distância;
- b) Selecionar uma Ficha/ Grelha de análise para materiais didáticos na modalidade a distância;
- c) Analisar o material didático impresso produzido pelas Instituições de Ensino Superior (IES);
- d) Identificar as principais deficiências encontradas nos materiais didáticos analisados.

¹ Novembro de 2014.

e) Investigar através de entrevistas um conjunto de professores-autores acerca do processo de produção do material didático para EAD.

Espera-se que a presente pesquisa, além de fomentar novos conhecimentos, também tenha aplicação prática nas Instituições de Ensino Superior que fazem uso de materiais didáticos impressos, como também para os professores-autores da EaD.

Dada a apresentação introdutória, a estruturação textual da pesquisa realizada se divide a partir dos seguintes elementos:

Apresenta-se no primeiro capítulo, um panorama que aborda as mudanças na sociedade da informação e do conhecimento e como estas mudanças vêm influenciando diretamente no desenvolvimento social, cultural e econômico da população, como também a expansão da informação através das tecnologias de informação e comunicação.

No segundo capítulo serão tratadas questões referentes aos conceitos de Educação a Distância, bem como o processo histórico da EAD no mundo e no Brasil, tendo como foco os materiais didáticos.

O terceiro capítulo trata da importância do material didático na EaD, as características, pontos positivos e o seu uso nesta respectiva modalidade de ensino.

No quarto capítulo apresentam-se os critérios de qualidade para a EaD relacionados ao conteúdo, à linguagem e à estética.

O quinto capítulo destina-se à trajetória metodológica da pesquisa. É apresentado o modelo de pesquisa desenvolvido no estudo, considerando o método, a abordagem e os fins de pesquisa, assim como os instrumentos de coleta de dados, análise e interpretação dos resultados e de delimitação da pesquisa.

O sexto capítulo toma como abordagem a coleta e análise de dados frente à aplicação dos recursos. São apresentados os resultados da análise dos dados da ficha de análise e do questionário e a discussão com base nas contribuições teórico-metodológicas, com o objetivo de apresentar os fatores que possam favorecer uma melhor produção dos materiais didáticos para a EaD.

Por fim, são apresentadas as conclusões da investigação e as recomendações para ampliação do estudo e indica-se que padronização do layout e apresentação das citações e bibliografia, utilizou-se a norma da *American Psychological Association* (APA).

Capítulo I - Sociedade da Informação e do Conhecimento

A sociedade de forma geral pode ser conceituada como um grupo de pessoas, que mantém relações econômicas, políticas, sociais e culturais. Tendo como perfil primordial a unidade de idioma pátrio e hábitos em que o grupo tem de cumprir um conjunto de leis específicas de cada localidade. Seguindo esta linha de pensamento, pode se dizer que é um sistema de atributos, princípios, finalidades, práticas e regras, distribuídas por um determinado grupo de pessoas.

Segundo Tomazi (2000) para Durkheim, a sociedade é um conjunto de regras e normas, padrões de conduta, pensamentos e sentimentos que não existem apenas na consciência individual; os sentimentos não estão no coração, mas sim na existência social: nas instituições, que são encarregadas de instituir nos indivíduos tais valores e referências.

Ainda citando Tomazi (2000) Weber não enxerga a sociedade como um ente para além e acima do indivíduo; os padrões, as convenções, regras, etc. são constituídos e se transformam nas relações sociais estabelecidas entre indivíduos. Portanto têm a ver com as motivações dos mesmos e com o sentido que atribuem às suas ações em relação ao outro com quem interagem. A sociedade é tecida nas relações sociais.

Uma sociedade é um corpo social autônomo, onde acontece o processo de interação entre as pessoas. Podendo ser ainda, um modelo institucional, como, sociedade civil, sociedade anônima e outras. Geralmente, não se faz referência a sociedade unicamente a um grupo de pessoas que convivem mutuamente em um determinado local ou região. Contudo, é imprescindível a existência de uma organização social, formada por leis e instituições que conduzem a vida dos indivíduos e suas relações correspondentes.

Mills (1965) relata que: o homem vive sobre o que a sociedade determina, onde muitas vezes seus próprios valores e gostos são irrelevantes, já que cada homem precisa se adaptar e viver o que a sociedade estabelece.

Em vista disso, Durkheim salienta que: “nosso egoísmo é, em grande parte, produto da sociedade.” (Durkheim, 1984, p.225). Potencializando, como ser egoísta, o indivíduo define a sociedade como um conjunto de relações de interesses. Ainda a esse respeito Saramago conclui que:

“Estamos a construir uma sociedade de egoístas. Se a ti te dizem que o que importa é o que compras, e segundo o que compras têm mais ou menos consideração por ti, então convertes-te num ser que não pensa senão em satisfazer os seus gostos, os seus desejos e nada mais. Não existe em nenhuma faculdade uma disciplina do egoísmo, mas não é preciso, é a própria experiência social que nos vai fazendo assim.” (Saramago, 1995, p. 62).

Neste mesmo entendimento, a contribuição de Pacheco e Pacheco enfocam o termo sociedade, dizendo que:

“[...] em sua forma mais elementar, refere-se à associação básica entre os humanos. Num sentido mais amplo, inclui-se todas as espécies de graus de relações estabelecidas entre indivíduos, organizadas ou não, diretas ou indiretas, conscientes ou inconscientes, cooperativas ou antagônicas. Inclui toda a trama

de relações humanas que não tem fronteiras nem limites assinaláveis.”(Pacheco& Pacheco, 2008, p.308).

Várias singularidades entre as sociedades permaneceram ao longo do tempo, como hierarquias, coletivismo e ideologias compartilhadas entre os sujeitos. Contudo, aconteceram algumas transformações, uma delas é em consequência da velocidade das telecomunicações, que resultou na eliminação do sujeito fixo no tempo/espaço, como ocorria anteriormente.

A sociedade passou por uma série de transformações ao longo dos tempos tendo utilizado diversos meios para realizar a comunicação, desde os escritos rupestres, passando pelas palavras escritas até ao texto em formato digital. Levi (1999) apresenta-nos o conceito de cibercultura no qual o homem utiliza uma série de recursos tecnológicos em todos os setores da sua vida.

A sociedade atual passa por diversas mudanças de ordem científica e tecnológica. Essas mudanças proporcionam alterações na economia, na cultura e na maneira de as pessoas se relacionarem e apropriarem-se do conhecimento. Segundo Schnell e Quartiero (2009) a sociedade que emerge a partir dessas mudanças é conceituada como “sociedade da informação” ou do “conhecimento”, tendo como característica principal o grande fluxo de informação difundida através das tecnologias de base digital. Esta tendência tem proporcionado mudanças significativas nas formas de aquisição, organização e armazenamento das informações.

A sociedade da informação tem como consequência a expansão da informação através dos recursos tecnológicos, cuja característica principal visa a um desenvolvimento acelerado dos processos de produção e propagação da informação e do conhecimento. Para Castells e Cardoso (2006) o que também caracteriza esta sociedade é a grande quantidade de atividades que estão submetidas a gestão de fluxos de informação, ligados ao uso acentuado das novas tecnologias de informação e comunicação.

Ainda citando Castells, a sociedade do conhecimento “trata-se de uma sociedade na qual as condições de geração de conhecimento e processamento de informação foram substancialmente alteradas por uma revolução tecnológica centrada no processamento da informação, na geração do conhecimento e nas tecnologias da informação” (Castells, 1999, p.35).

Abdul Khan (apud Burch, 2005) estabelece a distinção entre Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento:

“A Sociedade da Informação é a pedra angular das sociedades do conhecimento. O conceito de ‘Sociedade da Informação’, a meu ver, está relacionado à idéia de ‘inovação tecnológica’, e enquanto o conceito de ‘Sociedade do conhecimento’ inclui uma dimensão de transformação social, cultural, econômica, política e institucional, assim como uma perspectiva mais pluralista e de desenvolvimento.

Segundo Castells e Cardoso (2006) a definição de sociedade pós-industrial não determina com precisão a origem das recentes transformações vivenciadas pelo capitalismo na era da globalização. De acordo com o autor, o mais correto é conceituar a sociedade atual como a “Sociedade em Rede.” Um de seus questionamentos versa em torno do papel do conhecimento, da informação e da tecnologia nessa nova sociedade.

A sociedade atual também pode ser denominada como “sociedade da informação”, por acreditar-se que vivencia-se um momento em que uma grande quantidade de informações encontra-se disponível, porém, estas informações necessitam ser analisadas, exploradas e incorporadas. Este é um contexto essencial para que se possa alcançar de fato a sociedade do conhecimento, cuja trajetória se faz de forma letárgica. Bianchetti, ao investigar as condições de como o conhecimento é projetado, afirma que:

“[...] uma construção individual e social, num espaço e num tempo determinados, possibilitando apreender a realidade e nela interferir conscientemente, no sentido da promoção de todos os homens e mulheres. Neste processo, as novas TICs, bem como os dados e informações que possibilitam o seu armazenamento e veiculação, se constituem em poderosos meios para que este conhecimento possa ser construído. Se a quantidade e a qualidade puderem ser assim entremescladas, passa a ser possível pensar numa sociedade em que a esfera pública, o interesse coletivo ganhe primazia sobre os interesses privados, unilaterais de uma classe ou de um bloco de países. Enquanto isto não se efetivar, a chamada sociedade do conhecimento não passará de um simulacro ou de um eufemismo para mascarar a contradição de um lugar e um tempo da história no qual todas as condições materiais estavam dadas para a sua efetivação, tendo, porém as opções políticas andado no sentido da sua obstrução” (Bianchetti, 1998, p. 101).

A situação atual é definida por uma nova ordem mundial, globalizada, que se manifesta através de transformações significativas na vida das pessoas, basicamente com referência ao tempo e espaço, sendo que há uma reformulação na sua forma de percepção, com base no uso das TIC.

Um padrão dessa nova ordem, de acordo com alguns autores (Ianni, 2006; Castells & Cardoso, 2006), é o entendimento do tempo e do espaço, onde as fronteiras são ampliadas e dissolvidas e há a organização de uma rede de relações políticas, sociais e basicamente econômicas entre países, tendo como sustentação a massificação e a facilidade da troca de informações em rede.

Partindo deste princípio, concorda-se com Lévy, quando afirma que as tecnologias digitais, “surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento.” (Lévy, 1999, p. 32).

As possibilidades de agregar de forma digital (som, imagem e texto) se potencializaram para uma integração, o acesso e o uso de várias mídias integradas no mesmo espaço virtual, atualmente chamado de ciberespaço. Estes recursos possibilitam

uma maior integração e interação entre os sujeitos, que estão temporal e geograficamente distantes.

Como demonstra Kenski: “Essa capacidade de intercomunicação é um dos pontos mais significativos dessas novas mídias. Ela garante que, independente de onde as pessoas estejam, elas possam se comunicar, trocar ideias, desenvolver projetos em conjunto, ir além da informação.” (Kenski, 2013, p.67)

Conforme Castellse Cardoso (2006), nesta nova organização, formada a partir da interconexão das redes, a economia mundial torna-se global e interdependente. O autor demonstra que há um destaque na função realizada pela informação na constituição da sociedade contemporânea. Na chamada “sociedade da informação”, a tecnologia, com todas as suas inovações, é o atributo principal desta nova ordem social.

Concorda-se com Lisboa e Coutinho (2012) quando dizem que as redes podem ser consideradas a base de todos os segmentos sociais, congregando de forma clara os diversos modelos ou níveis de comunicação como o interpessoal, organizacional e de massa.

A sociedade da informação requer um novo comportamento para todos os sujeitos nela incluídos. Este novo comportamento evidencia o dever desses sujeitos para o fornecimento de uma fluência contínua de informações que favoreçam a geração de novos conhecimentos e uma apoderação de decisão nos diversos setores da sociedade, inclusive no Estado.

As tecnologias de informação e comunicação devem ser empregadas para a interação da escola com a comunidade. Mas devem, também, capacitar pessoas para tomar decisões e escolher sobre os aspectos na vida em sociedade.

O surgimento da internet como meio de comunicação e socialização oferece possibilidades em diversas áreas, entre elas a educação que aderiu a esta tecnologia no processo de ensino, tanto no presencial como a distância.

Aumentaram também, as oportunidades de aquisição de conhecimento em outros espaços que não sejam apenas a sala de aula, como em casa ou no trabalho em vários horários e com a possibilidade do uso de recursos multimídia e tecnologias síncronas (são as atividades que ocorrem em dia e horário determinados, exigindo a presença do aluno) e assíncronas (são as atividades que não precisam ocorrer em dia e horário determinados. Ou seja, não é exigida a presença de todos os alunos ao mesmo tempo).

1.1 Educação na Sociedade da Informação

A “sociedade da informação” proporcionou mudanças significativas na educação, estabelecendo uma reforma no papel e na formação do docente, iniciando com o uso de recursos tecnológicos de ensino, associados às novas práticas pedagógicas.

Considerando que o procedimento educativo se conecta com o cenário social no qual tem espaço, torna-se indiscutível que a organização social passa a readequar um novo “tipo” de indivíduo, readequando também as relações interpessoais do espaço escolar. Porém há um conflito de paradigmas e referenciais da educação por se apresentar descontextualizada, por desconsiderar especificidades do indivíduo envolvido no sistema educativo.

As transformações ocorridas na sociedade da informação e também na educação através das TIC, demandam da comunidade docente importantes adaptações nas suas funções habituais, assim como a participação de cada ator no processo de inclusão das tecnologias educacionais e na mudança da cultura escolar para adesão a esta nova realidade.

De acordo com Coutinho,

“A finalidade dos sistemas educacionais em pleno século XXI, será pois tentar garantir a primazia da construção do conhecimento, numa sociedade onde o fluxo de informação é vasto e abundante, e em que o papel do professor não deve ser mais o de um mero transmissor de conhecimento, mas o de um mediador da aprendizagem. Uma aprendizagem que não acontece necessariamente nas instituições escolares, mas, pelo contrário, ultrapassa os muros da escola, podendo efetuar-se nos mais diversos contextos informais por meio de conexões na rede global.” (Coutinho, 2011, p.6).

Para Almeida, “a escola é um local privilegiado, porém não é o único para a aprendizagem e uso crítico da tecnologia” (Almeida, 2007, p.49). Contudo, o uso dos recursos tecnológicos na prática pedagógica possibilita uma educação conectada com os avanços da atualidade, e, se observadas de forma pedagógica, pela visão do educador, pode favorecer de forma significativa o processo de ensino e aprendizagem.

O acelerado desenvolvimento e a consolidação das TIC demandam dos professores uma formação reflexiva que favoreça principalmente a pesquisa e a interação a respeito das tecnologias e sua aplicação na prática educativa. Todavia, esse tipo de capacitação exige alterações pedagógicas que fomentem nos professores novas formas de refletir sobre o seu fazer pedagógico, como também suas habilidades e competências. Segundo Moran “Ensinar com as mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial.” (Moran, 2003, p.63).

Nesta perspectiva, a incorporação das TIC na educação, surge como um recurso inegável no contexto social, cultural ou tecnológico, ou seja, pelo fato de muitos paradigmas

pedagógicos encontrarem-se arcaicos e descontextualizados diante das novas ferramentas de comunicação e difusão da informação.

O processo educativo tem a função imprescindível de mediar a informação e o conhecimento, tendo como objetivo despertar o senso crítico dos sujeitos, que diferenciam o correto e o incorreto possuindo, assim, uma atitude autônoma diante do sistema de informação.

De acordo com Prensky (2001), os jovens recorrem a recursos digitais e à internet para adquirir informações, antes de buscá-las em livros. Prensky os denomina como “nativos digitais”, em razão de “falarem” a linguagem digital desde o seu nascimento.

Neste contexto, os educadores, em sua grande maioria, “imigrantes digitais”, precisam repensar suas práticas pedagógicas, considerando o perfil dos “nativos digitais.” Portanto, há necessidade de uma maior flexibilidade e disposição para interagir e aprender com os educandos, objetivando um compartilhamento de informações em redes digitais, construindo assim redes de aprendizagem.

Para Borderie (1997), o saber informar-se e compreender os mecanismos de produção e de difusão da informação exige uma formação específica que deveria constituir uma das prioridades da prática pedagógica. Logo, o uso das TIC, de forma crítica e consciente, pode colaborar para mudança da relação professor-aluno e da dinâmica da sala de aula.

Segundo Moran (2000, p.30) o papel principal do professor é ajudar o aluno a interpretar os dados da realidade e do conhecimento, relacionando-os e contextualizando-os de forma reflexiva. Neste cenário, ao se apropriar das TIC na sua prática pedagógica o educador adota a condição de pesquisador, identificando alternativas para intervir no processo de ensino aprendizagem.

Considerando as TIC um instrumento que vem colaborar com o processo ensino-aprendizagem, é necessário que o professor domine estes recursos com competência e eficiência.

Após a apropriação para utilização dos recursos tecnológicos em sua prática educativa, cada educador fará as devidas adequações à sua necessidade e realidade escolar gerando, assim, de modo particular, a sua forma de fazer uso das TIC em consonância com o projeto político pedagógico de sua escola.

Bonilla e Preto demonstram que “nessa perspectiva, a incorporação das TIC está se dando com o sentido de abrir possibilidades para fazer, pensar e conviver que não poderiam ser pensadas sem a presença dessas tecnologias.” (Bonilla& Preto, 2007, p.84).

Em conformidade com Gregio² a capacitação dos professores para o uso do computador “tem se caracterizado como sendo uma formação aligeirada”, e com uma excessiva quantidade de informações em período muito curto de tempo, sem considerar que a temática da informática educacional na formação inicial destes professores jamais tenha sido abordada (Vieira, 2004, p.18).

Os cursos de formação inicial e continuada de professores devem inserir em seus programas a avaliação pedagógica das TIC. Não basta apenas ensinar os educadores a fazer uso das tecnologias educacionais. Como relata Libâneo (2000), faz-se necessário uma integração dos meios de comunicação à escola como conteúdo curricular, competências, habilidades e atitudes profissionais como meios tecnológicos de comunicação humana implicando efeitos didáticos.

Nessa perspectiva, é condição *sinequan non*, o aparelhamento das escolas, com equipamentos digitais de boa qualidade, com conexão à Internet e todos os recursos disponíveis; no entanto, de nada adianta haver escolas bem preparadas se não há o principal: professores preparados para introduzir estas tecnologias no seu fazer pedagógico. Martinez concorda que o aparelhamento das escolas é importante, mas atenta para o fato de que “a tecnologia deve estar a serviço da educação, e não o contrário.” (Martinez, 2004, p.100).

Concorda-se com Lencastre quando diz que “estamos na era em que os docentes se devem colocar como mestres e aprendizes, na expectativa de que, por meio da interação estabelecida na comunicação didática com os estudantes, a aprendizagem aconteça para ambos.” (Lencastre, 2009, p.1).

Como enfatiza Libâneo (2004), é na escola, no contexto de trabalho, que os professores enfrentam e resolvem problemas, elaboram e modificam procedimentos, criam e recriam estratégias de trabalho e, com isso, vão promovendo mudanças pessoais e profissionais.

Portanto, o objetivo dos sistemas educacionais deste século, é assegurar a competência na construção do conhecimento, em uma sociedade onde a informação é ampla e veloz, e em que a função do professor é o de mediador da aprendizagem.

Aprendizagem esta que não se dá apenas no espaço escolar, mas também nos mais diferentes contextos informais através da rede global. Não se está divulgando a extinção da escola, pois ela será sempre uma instituição de ponta na produção e institucionalização do conhecimento, mas, alertar que esta precisa estar aberta para

² Gregio, B. M. A. (2004). *O uso das TICs e a formação inicial e continuada de professores do ensino fundamental da escola pública estadual de Campo Grande / MS: uma realidade a ser construída*. Dissertação apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Católica Dom Bosco, para obtenção do grau de mestre, orientada por Cláudia Maria de Lima, Campo Grande.

entender os novos contextos em que pode ser estimulada a construção colaborativa do saber (Illich, 1985).

Os recursos que favorecem a aprendizagem na sociedade moderna estão com um novo suporte. Tem como característica na era digital, uma vasta corrente de informação que atinge de forma direta a tomada de decisão e a inclusão das tecnologias no cotidiano da população, também favorecendo uma constante interação e interatividade, como também uma comunicação em tempo real. Diante deste novo contexto, o comportamento dos professores e alunos pode ser ressignificado com base na apropriação pedagógica das TIC.

Considerando estes fatores, ensinar na era da informação favorece possibilidades de uma relação de ensino e aprendizagem bilateral (Ramos e Farias, 2011), com uma metodologia aberta e descentralizada, mediada pelas TIC, assegurando um ambiente favorável à interação e compartilhamento de conhecimentos e saberes.

Vive-se atualmente em um mundo conectado em redes, onde o enfoque está no valor do que está sendo assimilado e não somente no processo de aprendizagem, visto que a quantidade de informação acessível é em grande proporção e aumentam diariamente, superando a nossa capacidade de processar e filtrar as que forem importante.

Siemens (2004) expõe uma teoria alternativa de aprendizagem, adequada à nova realidade tecnológica e à sociedade em rede. O Conectivismo parte do princípio de que o conhecimento se dá através de uma rede de correlação, e que a aprendizagem é a capacidade de construir conhecimento em conexão. Consequentemente, o conhecimento está disponível através de redes e o procedimento na forma de aprender é a habilidade de construir uma ampla rede de conexões.

Partindo desse princípio, concorda-se com Anderson e Dron (2011), quando dizem que, para o conectivismo, como a informação é hoje muito vasta e de fácil acesso e considerando que parte do processamento mental e da resolução de problemas pode ser armazenada em máquinas, a aprendizagem não é mais compreendida como memorização ou mesmo entendimento de tudo, e sim resultante de uma elaboração e continuidade de conexões em rede para que o aluno tenha condições de identificar e aplicar o conhecimento quando e onde for necessário.

Seguindo essa linha de pensamento, Mattar diz que,

“O aprendizado não é mais um processo que está inteiramente sob controle do indivíduo, uma atividade interna, individualista: está também fora de nós, em outras pessoas, em uma organização ou em um banco de dados, e essas conexões externas, que potencializam o que podemos aprender, são mais importantes que nosso estado atual de conhecimento. E a cognição e a aprendizagem são distribuídas não apenas entre pessoas, mas também entre artefatos, já que podemos descarregar trabalho cognitivo em dispositivos que

são mais eficientes que os próprios seres humanos na realização de tarefas.” (Mattar, 2013, p.10).

Deste modo, à medida que a sociedade da informação venha a ser assentida como sociedade do conhecimento (Werthein, 2000), é de fundamental relevância que se determine critérios para estruturar e selecionar as informações para que se possa criticamente analisar as informações disponíveis. “A dinâmica da sociedade da informação requer educação continuada ao longo da vida, que permita ao indivíduo não apenas acompanhar as mudanças tecnológicas, mas, sobretudo inovar” (Takahashi, 2000, p.7).

Diante deste novo contexto, a integração curricular das TIC podem colaborar de forma significativa para que sejam utilizadas no âmbito educacional, estratégias pedagógicas inovadoras e significativas (Ribeiro, 2013), tanto para o aluno como para a comunidade, neste caso, se faz necessário a formação continuada e assistida dos professores.

Entretanto, apenas a formação dos professores não salvaguarda um bom uso das TIC, uma vez que é necessário habilidade e competência pedagógica para selecionar informações que estão desordenadamente dispostas na internet. É fundamental que os alunos adquiram competências cognitivas necessárias para transcender do pensamento elementar e alcançar o pensamento crítico (Schnell, 2009), que “envolve a reorganização dinâmica do conhecimento de formas significativas e utilizáveis” através de “três competências gerais: avaliar, analisar e relacionar.” (Jonassen, 2007, p.40).

Analisando o cenário atual, percebe-se que as tecnologias têm reconfigurado o contexto social e educacional.

“As tecnologias digitais vêm superando e transformando os modos e processos de produção e socialização de uma variada gama de saberes. Criar, transmitir, armazenar e significar estão acontecendo como em nenhum outro momento da história. Os novos suportes digitais permitem que as informações sejam manipuladas de forma extremamente rápida e flexível envolvendo praticamente todas as áreas do conhecimento sistematizado bem como todo cotidiano nas suas multifacetadas relações. Vivemos efetivamente uma mudança cultural” (Santos, 2002, p.114).

As tecnologias adentram na sociedade do século XXI, objetivando o desenvolvimento da capacidade humana de construir, transformar e modificar o mundo. No compasso das transformações, vivenciando-se mudanças significativas, no cenário acadêmico, visto que o crescimento contínuo das TIC, tem potencializado as estratégias educativas, principalmente na modalidade a distância.

Capítulo II - Educação a Distância

2.1 Conceitos de Educação a Distância

Segundo Belloni (2008), Gomes (2005) e Keegan (1996), o conceito de EaD é de certa forma um pouco complexo, haja vista que se está defronte de várias concepções distintas e complexas. Ainda sobre este assunto Keegan (1996) já na década de 70 apresentou inquietação em tornar evidente os termos relacionados aEaD. Neste momento, percebe-se que tal inquietação é relevante, considerando que o termo é muito amplo pelas diversas denominações e conceitos utilizados.

Ainda a esse respeito, Keegan (1996) e Maia e Mattar (2007) destacam as várias definições que a EaD apropriou-se em diversas partes do mundo, tal como: estudo ou educação por correspondência (Reino Unido); estudo em casa e estudo independente (Estados Unidos da América - EUA); estudos externos (Austrália); telensino ou ensino a distância (França); estudo ou ensino a distância (Alemanha); educação a distância, (Espanha); teleducação (Portugal), entre outras.

Os termos mais usados atualmente são: ensino por correspondência; ensino a distância; educação a distância; educação permanente ou continuada; teleducação (educação à distância por correspondência, rádio, televisão etc.); educação aberta e a distância; aprendizagem a distância; aprendizagem aberta e a distância; aprendizagem por computador; *e-learning* (modalidade de ensino a distância, utilizada para definir aprendizagem por meio de mídia eletrônica.); aprendizagem virtual; aprendizagem flexível (Maia& Mattar, 2007; Nunes, 2009).

Neste caso, compreende-se que muitos termos são usados para classificar a EaD. Partindo desse princípio, concorda-se com Gomes quando chama a atenção que “não se trata apenas de se reconhecer formulações diferentes de expressões como “educação a distância”, “*e-learning*”, “*online learning*”, entre outros, mas sim, de identificar as diferenças conceptuais significativas”, que por vezes divergem na própria utilização e aplicação (Gomes, 2005, p.229).

Após a explanação de várias denominações que a EaD pode receber, se faz necessário apresentar alguns conceitos. Para Keegan (1996), Preti (2000) e Lima e Capitão (2003), a educação a distância, descrita de modo claro e elementar, caracteriza-se pela separação espaço/tempo de aluno/professor. Nessa compreensão, Lima e Capitão (2003) corroboram ainda que o ensino a distância é um modelo educacional que proporciona a aprendizagem sem os limites do “espaço ou do tempo.”

Esta mesma visão é partilhada por Maia e Mattar, quando enfatizam que a EaD pode ser entendida como “uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de

comunicação.”(Maia e Mattar, 2007, p.6). Neste mesmo entendimento, ilustra-se a contribuição de Moran, o qual entende que a EaD “é o processo de ensino- aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente.” (Moran, 2008, p.1). Já Schlemmer refere a “EaD,consiste em utilizar as tecnologias da Internet para propiciar um amplo conjunto de soluções que objetivam servir de suporte para que a aprendizagem ocorra.” (Schlemmer, 2005, p.31).

Como se pode perceber são vários os conceitos sobre a EaD. Adota-se neste trabalho o entendimento de Almeida (2003), por este ser mais global, conforme comprovação abaixo:

“Uma modalidade educacional cujo desenvolvimento relaciona-se com a administração do tempo pelo aluno, o desenvolvimento da autonomia para realizar as atividades indicadas no momento em que considere adequado, desde que respeitadas as limitações de tempo impostas pelo andamento das atividades do curso, o diálogo com os pares para a troca de informações e o desenvolvimento de produções em colaboração.” (Almeida, 2003, p.331).

Esta visão inclui o próprio desenvolvimento da autonomia do aluno em gerir sua aprendizagem, tendo nas tecnologias um aporte necessário para interagir com os colegas e o professor, e assim aprender de forma colaborativa. Frente a esta questão é comum deparar-se com termos recentes como *e-learning*, *m-learning* e educação online (Vilaça, 2010) que, por vezes, são usados como sinônimos da EaD.

A este respeito, Litto posiciona-se afirmando que atualmente torna-se impossível a existência de um “padrão dominante” de *e-learning* no mundo (como para o relógio de pulso ou o automóvel comum)” e ainda por tratar-se de algo novo e em expansão, presente em ambientes variados, existentes em escolas e corporações (Litto, 2009, p.18).

Considera-se ainda Lencastre (2009) quando enfatiza que o ponto-chave para a educação online é o ensino e a aprendizagem. Para Stockley³, educação *online* é “a distribuição de conhecimento ou de um programa educativo cuidadosamente construído através de meios electrónicos, computador ou outro.” (Lencastre, 2009, p.11).

Desta forma, compreende-se que a educação online envolve as inúmeras combinações e possibilidades interativas nos meios digitais, como o chat, fóruns, blog e no ambiente *online* de aprendizagem (Santos& Silva, 2009). A este respeito, pode-se complementar que o ensino presencial e *online*, conforme apresentado por Teles, destaca que são exigidos técnicas diferenciadas “devido à introdução dessa nova noção de tempo e espaço, da mídia e também da pedagogia apropriada aos ambientes colaborativos *online*.” (Teles, 2009, p.72).

³ Stockley, D. (2003). E-learning Definition and Explanation (Elearning, Online Training, Online Learning).In <http://www.derekstockley.com>. Acesso em 15 de agosto de 2008, em <http://www.derekstockley.com.au/elearning-definition.html>.

2.2 Teorias da Educação a Distância

Tendo em vista que a EaD já existe há mais de um século, é evidente a preocupação de diversos teóricos em tentarem abordar um marco conceitual que justifique “esforços de organização, sistematização e teorização do conhecimento no domínio da educação a distância” (Gomes, 2004, p.62).

As contribuições das diferentes perspectivas teóricas no âmbito da EaD serão feitas de forma breve. É importante frisar que apesar de na literatura existir renomados e inúmeros trabalhos de diferentes teóricos, sintetiza-se alguns dos quais se apresentam como mais relevantes neste estudo.

Nos parágrafos que seguem faz-se específicas abordagens que estão relacionadas aos diferentes contextos históricos de sua utilização, a referir: i) Teoria da industrialização; ii) Teorias da autonomia e da independência; iii) Teorias de interação e comunicação.

a) Teoria da Industrialização

Segundo Gomes (2004) e Barberà (2001), a teoria da industrialização tem como principal representante Otto Peters, o qual enfatiza que a EaD traz consigo os princípios e valores da sociedade industrial como, por exemplo: a racionalização, a divisão do trabalho, produção em massa e a mecanização. Na educação a distância, este princípio pôde ser vislumbrado na grande oferta de cursos com adoção de materiais impressos a um grande de pessoas.

A esse respeito, Preti (2002) é enfático ao afirmar que tal teoria vem sofrendo severas críticas por apresentar-se como produção de “pacotes de ensino” que tinha como principal finalidade a padronização da educação, apresentando assim, conteúdos fora da realidade do estudante, uma vez que seu principal objetivo consistia em atender às demandas de profissionalização de mão de obra mais substituível e rentável economicamente.

b) Teoria da autonomia e da independência

Segundo Gomes(2004), esta teoria tem como principais representantes: Rudolf Delling, Charles Wedemeyer, Michael Moore, FarhadSaba, John Verduin e Thomas Clark. Diferente da anterior, esta teoria baseia-se na promoção da autonomia do aluno e na necessidade de uma aprendizagem ao longo da vida. Desse modo, o estudante tem um papel central no processo de ensino e aprendizagem, não implicando a distância física ou geográfica, porque na visão de Wedemeyer ⁴ esta é uma vertente irrelevante na aprendizagem do aluno se comparada com a distância de ordem social, cultural e

⁴ Wedemeyer, C. (1981), *Learning at the backdoor*. Madison: University of Wisconsin Press.

psicológica que, por vezes, pode causar alguns entraves ou empecilhos na aquisição e apropriação do conhecimento (Gomes, 2004).

A interação aprendente/conteúdo diz respeito ao aluno em explorar de forma competente os conteúdos, mobilizando seus conhecimentos prévios e assimilando em suas estruturas cognitivas as novas informações para que possa construir seu próprio conhecimento (Valentini, 2010).

Para tanto é fundamental que tenha à sua disposição diversos materiais e recursos como livros, textos, vídeos, DVD, CD-ROM, videoconferência, entre outros (Mattar, 2009). Esta interação “síncrona ou assíncrona fornece motivação e feedback aos alunos, auxiliando seu aprendizado.” (Mattar, 2009, p.116).

c) Teoria da interação e comunicação

Esta teoria, cujos principais representantes são: Börge Holmberg, John Bääth, David Sewart, Kevin Smith, John Daniel e Garrison, está ancorada em dois elementos que são a comunicação e interação, através de um diálogo orientado no sentido de proporcionar o intercâmbio entre professores e alunos (Gomes, 2004).

Neste âmbito, tem-se o termo “comunicação didática guiada”, desenvolvido por Holmberg, o qual prediz que a interação na educação a distância pode efetivar-se sob duas vertentes, ou seja, entre o estudante e o professor, designado de tutor, e também entre o estudante e o próprio material didático, especialmente desenvolvido para este fim (Gomes, 2004).

Neste contexto, o tutor assume uma importância acrescida, somada ao uso de tecnologias que favoreçam uma comunicação síncrona ou assíncrona. Para além disto, procura adaptar o ensino e a aprendizagem de acordo com as necessidades de cada estudante. Nesta mesma linha de pensamento, Smith⁵ vê a necessidade de estimular a realização da comunicação bidirecional, quer seja mediatizada, quer seja presencialmente, entre professores e alunos, segundo Garrison⁶ (Gomes, 2004).

2.3 Teorias da Aprendizagem

A aprendizagem é um processo complexo e requer associação de vários elementos para que de fato possa efetivar-se. Lima e Capitão afirmam que até o princípio do século XX a “prática educativa não era considerada objecto de estudo científico” e acrescentam ainda que, após a separação da Psicologia da Filosofia é que começaram a surgir as primeiras teorias da aprendizagem (Lima e Capitão, 2003, p.51).

⁵ Smith, K. C. (1984). *Diversity down under in distance education*. Toowoomba: Darling Downs Institute Press.

⁶ Garrison, D.R. (2000). Theoretical challenges for distance education in the 21st century: a shift from structural to transactional issues. *International Review of Research in Open and Distance Learning*, 1(1).

Na literatura pode-se evidenciar um número significativo de teorias que se ocupam em explicar o processo de aprendizagem. Contudo, neste trabalho, a atenção está centrada no Behaviorismo, Cognitivismo, Construtivismo, Conectivismo e Construtivismo Comunal uma vez que elas estão diretamente relacionadas com as concepções pedagógicas da EaD nos seus diferentes contextos históricos.

a) Behaviorismo

Segundo Lima e Capitão (2003), o Behaviorismo, também conhecido como teoria Comportamentalista, tem como pressuposto filosófico o Positivismo, o qual rejeita qualquer tipo de subjetividade no comportamento humano, uma vez que o mesmo é fruto das influências e estímulo do meio.

Segundo tais autores, durante o período de 1913 a 1940 esta teoria foi denominada por Watson (1914) de Behaviorismo Clássico, tendo como pressuposto a psicologia animal de Pavlov, através do experimento da salivação do cão, sendo posteriormente aplicada aos seres humanos. Inspirado nos trabalhos de Pavlov, nasce o Behaviorismo radical de Skinner (1982), o qual defendia que o comportamento dos seres humanos era fruto de sucessivos estímulos do meio ambiente que poderiam afetar positiva ou negativamente uma determinada conduta.

Nesta perspectiva, o Behaviorismo centra-se no papel do professor e quanto à aprendizagem “é vista como a aquisição de comportamentos expressos através de relações mais ou menos mecânicas entre um estímulo e uma resposta, sendo o sujeito mais ou menos passivo no processo” (Peres& Pimenta, 2011, p.62). Neste âmbito, cabe salientar que, na educação, a influência desta teoria é bem visível no planejamento das atividades e no ensino programado, que traz no seu cerne um conjunto de comportamentos esperados dos alunos ao final de uma atividade.

b) Cognitivismo

Nos anos de 1950 a 1960 começaram a surgir várias outras teorias de aprendizagem no intuito de compreender que processos mentais estariam envolvidos no ato de aprender, ou seja, começou-se a questionar de que forma o homem organiza e estrutura o pensamento advindo das informações/estímulos recebidos.

Desta forma, emergiu como pano de fundo a necessidade de explicar a motivação, as atitudes e os processos mentais que apenas podem ser associadas ou demonstradas pelos comportamentos do indivíduo, segundo Miller⁷(Anderson&Dron, 2011).

Em síntese, o cognitivismo apoia-se nos processos internos de percepção, representação e recuperação de conhecimentos pelo sujeito aprendente quando, por

⁷ Miller, G. A. (2003). The cognitive revolution: a historical perspective. *Trends in Cognitive Sciences*, 7, 141-144.

exemplo, recebe uma informação do meio e da forma como processa e desenvolve esses estímulos internamente (Filatro, 2009).

c) Construtivismo

De acordo com Filatro, esta teoria tem como marco referencial a divulgação em 1967 do modelo de aprendizagem de Bruner, através da obra intitulada *Toward a theory of instruction*, “em que a estrutura cognitiva (esquemas, modelos mentais) do indivíduo fornece significado e organização para as experiências e permite-lhe ir além da informação dada.” (Filatro, 2009, p.98).

O Construtivismo assenta-se na concepção de que todos os indivíduos constroem a própria perspectiva de mundo, por meio das experiências que cada um traz consigo.

Essa corrente defende que a aprendizagem ocorre por meio da resolução de problemas em contextos concretos. Nessa abordagem, Jean Piaget sustenta a ideia de que o conhecimento nasce a partir da interação do indivíduo e das estruturas cognitivas existentes com o meio que o circunda, através dos processos de assimilação, acomodação e equilíbrio (Peres& Pimenta, 2011).

Há também a contribuição de Vygotsky o qual, a partir do Construtivismo desenvolvido por Piaget, preconizava que o desenvolvimento do ser humano acontece através da interação do meio com os processos biológicos (Filatro, 2009). Vygotsky desenvolve uma nova abordagem, denominada mais frequentemente de “teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores.”(Ivic&Coelho, 2010, p.15).

O ponto principal das ideias de Vygotsky sobre a interação social desempenha um papel construtivo no desenvolvimento das funções psicológicas superiores do indivíduo (Ivic&Coelho, 2010), onde o conhecimento é visto como algo construído pelo sujeito, na interação com o mundo e com as outras pessoas.

Neste entendimento, Jonassen posiciona-se afirmando que o Construtivismo “pode fornecer bases teóricas para algum ambiente de aprendizagem a distância. Estes ambientes devem consistir de combinações de trabalho colaborativo apoiados pelo computador, sistema de apoio ao desempenho eletrônico, exploração proposital da Internet” (Jonassen, 1996, p.84).

Sabe-se que a aprendizagem colaborativa não é nova, mas há de se concordar com alguns autores, como por exemplo, Jonassen (1996) e Filatro (2009) quando afirmam ter no contexto atual uma infinidade de ferramentas da Web Social, tornado mais fácil a criação destes ambientes onde as pessoas podem trocar e partilhar informações, visando a construção colaborativa do saber.

d) Conectivismo

Siemens (2004) assegura que para o Behaviorismo e o Cognitivismo, o conhecimento é algo que ocorre externo ao aprendiz, e o processo de aprendizagem ocorre no ato de internalizar o conhecimento. Neste contexto, o autor confirma que o Behaviorismo, o Cognitivismo e o Construtivismo foram desenvolvidos em um tempo em que a aprendizagem não tinha sofrido os impactos das tecnologias.

Esta explicação reside no fato de que atualmente os fluxos de informação na era digital modificam-se e atualizam-se de forma rápida. Tendo em vista esta constatação, Siemens (2004) apresenta o Conectivismo, uma teoria da aprendizagem para a era digital, que visa minimizar algumas limitações do Behaviorismo, Cognitivismo e Construtivismo e que, na opinião do autor, não se adaptam aos desafios do conhecimento na atualidade.

Relativamente a esta questão, existe o posicionamento de Anderson e Dron (2011) os quais afirmam que o Conectivismo surgiu recentemente e o seu desenvolvimento ocorreu na era da informação em rede (Castells, 1999), ou seja, na era da Web 2.0. Para os autores, no Conectivismo, a informação é fluente, e nesse ínterim, o papel do aluno não é o de memorizar, mas, sim, aplicar o conhecimento em situações necessárias e relevantes.

Tem-se ainda o contributo de Carvalho (2007) que, apesar de não concordar que o Conectivismo seja uma teoria de aprendizagem, acredita em sua importância no contexto atual, e enfatiza a relevância que a conectividade apresenta na era digital, reconhecendo que, segundo Siemens “as conexões que nos permitem aprender mais são mais importantes do que o nosso estado atual de conhecimento.”(Siemens, 2004, parag. 55).

Assim, no atual contexto, o Conectivismo exige dos indivíduos a tomada de decisão em buscar as informações que se encontram em constante mudança e, nesse percurso, novas informações e desafios vão surgindo e isso constitui o fator que impulsiona as pessoas a estarem predispostas a aprenderem de forma contínua (Lévy, 1999; Siemens, 2004).

e) Construtivismo Comunal

Ramos et al.⁸ relatam que o construtivismo comunal é uma teoria que foi apresentada inicialmente por Holmes, Tangney, Fitzgibbon, Savage e Mehan (2001) (Bottentuit Júnior & Coutinho, 2010). O alicerce do argumento é de que os alunos não aprendem unicamente através do processo de construção do conhecimento em interação com o meio social, o que pressupõe uma aprendizagem mais ampla onde o conhecimento é visto como uma concepção social que acontece pela via das interações sociais em

⁸ Ramos, J. L., Leask, M., Younie, S., Holmes, B., Savage, T., Arnedillo, M., et al. (2003). Construtivismo comunal: esboço de uma teoria emergente no campo da utilização educativa das TIC na escola, no currículo e na aprendizagem. In <http://www.educom.pt>. Acesso em 20 de outubro de 2009, em <http://www.educom.pt>.

ambientes mediados pelas TIC, sendo o sujeito o ator principal na formação desse conhecimento.

Esta teoria fundamenta-se no processo de construção de conhecimento dos alunos que, em interação *online*, constroem o seu próprio conhecimento, como também contribuem para a aprendizagem das outras pessoas.

Os trabalhos de Holmeset al. (2001) sobre Construtivismo Comunal derivam de uma gama de estudos que conjugam a teoria de desenvolvimento social e os avanços das TIC e sua inserção nas novas formas de aprendizagem. Baseiam-se no Construtivismo, tido como um processo no qual os alunos desempenham um papel central na comunidade, através da cultura e da linguagem desempenhada. Esta abordagem sofre a influência dos trabalhos de Vygotsky, que acreditava que o sujeito aprende com a influência do meio social e o ambiente cultural no qual está inserido.

Para Macário, Tréz, Ferrão-Lopes, Gonçalves, Cabrita e Pombo (2010), o recurso à tecnologia digital é o ponto-chave para saber de que forma se organiza e se processa as informações, visando a aquisição de novos conhecimentos, uma vez que, atualmente, mais que em outros tempos, são demandadas inovadas formas de ensinar e aprender. Nesta perspectiva, ainda ressaltam que os utilizadores são convidados a participarem em comunidades de prática e de aprendizagem.

Essas comunidades são grupos de pessoas que constroem um repertório partilhado através do estabelecimento de estratégias que visem o envolvimento de todo o grupo na aquisição de novos saberes ou mesmo na arte de melhorar suas práticas profissionais. Isto só é possível face ao trabalho colaborativo, no compartilhar com outras pessoas, constituindo assim uma verdadeira rede de aprendentes (Wenger, 2006; Macário et al., 2010).

2.4 Atores da EaD e suas atribuições

De acordo com os Referenciais de Qualidade do Ensino Superior a Distância do Ministério da Educação e Cultura - MEC (2007), alguns atores são importantes no desenvolvimento das atividades dos cursos a distância por serem responsáveis pela logística do processo educacional. Podemos destacar:

a) Coordenador de Curso – Atua na IES

Responsável por gerenciar a implantação e execução do Curso, de acordo com o seu Projeto Político Pedagógico. Cabe ao coordenador de curso também a seleção de professores autor/especialistas responsáveis pela elaboração do material didático e pela condução das disciplinas.

Outra tarefa importante está no acompanhamento da elaboração do material educacional, junto ao designer instrucional, a fim de garantir que os mesmos se inter-relacionem com os demais trabalhos produzidos, de modo a promover a interdisciplinaridade.

Além disso, cabe ao coordenador de curso definir a agenda do curso e promover reuniões periódicas com toda a equipe, bem como aplicar os princípios da organização didática e do regulamento de ensino.

b) Coordenador de Tutoria

Participa das atividades de capacitação e atualização promovidas pelas IES, acompanha o planejamento e o desenvolvimento dos processos seletivos de tutores, em conjunto com o coordenador de curso, acompanha as atividades acadêmicas do curso, verificar "in loco" o andamento dos cursos. Conduz o planejamento e o desenvolvimento das atividades de seleção e capacitação dos tutores envolvidos no programa. Como, também, acompanha e supervisiona as atividades dos tutores.

c) Coordenador de Polo – Atua no Polo de Apoio ao Curso

Gerencia toda a infraestrutura física e humana para o funcionamento eficiente do Polo. Colabora na seleção dos tutores presenciais, na divulgação dos cursos e no acompanhamento de todo o processo seletivo (vestibular). Durante a implantação do curso, percebe-se a importância de o Polo Municipal ter um coordenador atuante, para que este fique realmente provido de todos os recursos necessários ao bom andamento do curso.

d) Professor Autor/Especialista – Atua na IES

Produz o material didático de acordo com o cronograma apresentado pelo Designer Instrucional, atendendo aos requisitos sobre direito autoral. Além disso, também é responsável por esclarecer dúvidas, acompanhar e orientar os tutores a distância, no exercício de suas atividades.

e) Tutor Presencial – Atua no Polo de Apoio ao Curso

Acompanha o desempenho dos alunos, buscando incentivá-los a cumprir dentro dos prazos todas as atividades propostas, gerando a menor taxa de evasão possível para o curso. Também é responsável por esclarecer dúvidas e orientar os alunos nos encontros presenciais obrigatórios no Polo, podendo recorrer aos Tutores a Distância, prioritariamente, e/ou professores especialistas da IES caso tenha dificuldade em solucionar a dúvida de algum aluno e/ou grupo de alunos.

f) Tutor de Laboratório - Atua no Polo de Apoio ao Curso

Assessora os alunos no cumprimento de suas atividades práticas em laboratório.

g) Tutor a Distância - Atua na IES

Realiza as funções de mediação e avaliação no processo de aprendizagem do aluno, esclarecendo as suas dúvidas quanto aos conteúdos (Gozzi, 2012). Para tal, este deverá estimular, motivar e orientar os alunos a desenvolverem suas atividades acadêmicas e de autoaprendizagem.

O Tutor a Distância se compromete através de termo de compromisso assinado, a esclarecer dúvidas dos alunos em até 24h, exceto aos sábados após as 13h, domingos e feriados. O tutor a distância deverá manter o professor especialista sempre informado sobre o nível de preparação e desenvolvimento dos alunos, além de poder recorrer a ele em caso de dificuldade para esclarecer as dúvidas enviadas.

2.5 Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA

Já é bem perceptível, no atual contexto, mudanças em todo o âmbito social. Mudanças estas reproduzidas em diversas formas e espaços educativos, daí porque este novo momento, reflete-se em mudanças nas organizações, na política nos diversos espaços sociais e também nas formas de ensinar e aprender. Desse modo, as formas de ensinar e aprender vem ressignificando a prática pedagógica em que a educação não presencial emerge com mais intensidade em tempos atuais, potencializada pelas tecnologias e avanço da Internet.

Os espaços físicos e temporais atualmente não são considerados como entraves para ensinar e aprender, conjugando a educação com a utilização da Web, dos meios tecnológicos empregados, baseados na comunicação síncrona e assíncrona e na convergência de uso de várias mídias (Almeida, 2003; Santos, 2010; Silva, 2010).

Com o avanço da telemática (comunicação à distância de um ou mais conjunto de serviços informáticos fornecidos através de uma rede de telecomunicações) tendo a Internet, o e-mail, a comunicação mediada pelo computador, entre outras, emergem novas práticas de ensino, requerendo um processo de ensino e aprendizagem diferenciados, sobretudo, nos espaços de educação que evocam a comunicação, conhecimento e aprendizado (Possari, 2009).

As tecnologias digitais propiciam um espaço educacional que conjuga interfaces de comunicação, potencialidades, múltiplas linguagens e significativa aprendizagem. Aparici destaca que a: “Web 2.0 mudou as regras do jogo e permite que a Internet pode contribuir de forma colaborativa na construção do conhecimento coletivo de atos de comunicação individual e em grupo, que podem ocorrer no ciberespaço e no espaço real.” (Aparici, 2010, p. 27).

Neste âmbito, com as tecnologias digitais, que englobam processos de comunicação, interação e colaboração, surgem os Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA, considerados como suporte das atividades da educação online, que utilizam múltiplas mídias, permitindo a interação e o compartilhamento de informações entre os usuários, independente do tempo e espaços dos sujeitos envolvidos. Reúnem, assim, uma infinidade de recursos e ferramentas, permitindo dessa forma, potencializar a utilização em atividades de aprendizagem por meio da Internet nos cursos a distância (Vavassori&Raabe, 2003).

Para Santos (2003a), o AVA pode ser definido como um “espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem, potencializando assim a construção de conhecimentos, logo a aprendizagem” (Santos, 2003a, p.223). O ambiente reúne um conjunto de recursos e ferramentas que permitem espaços de interação, com recursos diversos, além da construção de conhecimentos, ampliação de diálogos, trocas de informações, mediadas pelo uso do computador e da Internet na realização de atividades diversas.

Santos enfatiza que estes ambientes reúnem uma das “características fundantes da Internet: a convergência de mídias, ou seja, a capacidade de hibridizar e permutar várias mídias em um mesmo ambiente” (Santos, 2010, p.38). Por questões de organização conceitual, a autora caracteriza o AVA como: interface de conteúdos, que permite produzir, disponibilizar e compartilhar conteúdos digitalizados em diversas linguagens, como: texto, som e imagem.

Tais recursos são apresentados como hipertextos, multimídia ou hipermídia, e, ainda, como interfaces de comunicação, que são aquelas onde ocorrem a troca de mensagens entre os participantes, podendo ser síncrona, permitindo a comunicação em tempo real, a exemplo do chat, e as assíncronas, como os fóruns, blogs, em que ocorre a comunicação em momentos temporais distintos.

Para Franco, Cordeiro e Del Castillo (2003) e Kenskie Barbosa(2007), os ambientes virtuais de aprendizagem tiveram o seu primeiro projeto de construção voltado para a educação, em meados de 1990, após uma mudança expressiva na Internet, ocasionada pela criação do primeiro navegador para a Web, sendo: o Netscape e o Internet Explorer, que antes encontravam-se nos espaços acadêmicos, incorporado também em atividades empresariais (Kenski& Barbosa, 2007; Friedman, 2007).

Segundo Kenski e Barbosa, “as primeiras atividades na Web eram totalmente textuais, sem imagens, gráficos ou sons. Era possível a comunicação e a interação de usuários com a utilização apenas da escrita no fundo permanentemente escuro” (Kenski& Barbosa, 2007, p.96). Destacando este acontecimento, a autora enfatiza a ocorrência de um relevante salto no que tange a tecnologia das janelas gráficas, que tornou possível a

representação da informação, não somente através de textos, como também, por meio de imagens, o que veio determinar uma significativa progressão quanto às representações da informação no formato de textos para o formato gráfico utilizado nos computadores atualmente, facilitando o acesso aos programas e outras atividades.

Santos, em uma definição clara sobre o AVA, diz que ambiente é uma expressão contemporânea utilizada na educação, comunicação, informática e demais organizações. Assim, na definição do AVA, a autora explicita que, por ambiente, entende-se “tudo aquilo que envolve pessoas, natureza ou coisas, objetos técnicos.” (Santos, 2003b, p. 13).

Já o virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência”, segundo Santos. A autora retoma o livro de Lévy⁹, e “nos esclarece que o virtual não se opõe ao real e sim ao atual. E ratifica que virtual é o que existe em potência e não em ato” (Santos, 2003b, p.2).

Neste sentido, pode-se afirmar que um ambiente virtual abrange um campo potencial e significativo entre seus utilizadores, convergindo para o processo de aprendizagem, levando em consideração a possibilidade de uma interação e comunicação nesses ambientes, tratando-se, assim, de novas concepções nos modos de ensinar e aprender, em que são utilizadas as tecnologias digitais, por trazer possibilidades relevantes e concretas para a educação e para os sujeitos que atuam nesse processo.

Aprender no AVA implica planejar o desenvolvimento de ações, a seleção e o envio de informações, o desenvolvimento de competências para resolver problemas em conjunto e a autonomia em relação à busca, ao fazer e compreender (Silva&Silva, 2007).

Para Kenskie Barbosa(2007, p.95) a interatividade, a hipertextualidade e a conectividade garantem aos ambientes virtuais de aprendizagem um diferencial que possibilita condições para a efetivação da comunicação, acesso às informações, integração de múltiplas mídias, linguagens e recursos.

Silva e Silva, baseiam-se em Vygotsky e acreditam na premissa de que “a aprendizagem não acontece somente pelo sujeito, o indivíduo aprende internalizando as ações, os símbolos e as instruções veiculadas na mediação com o contexto social.” (Silva & Silva, 2007, p.4).

Dessa forma, o conhecimento é socialmente construído, uma vez que envolve a mediação, sendo, esta, decorrida entre sujeito e objeto do conhecimento, por favorecer as interações, a afetividade e as relações sociais entre os sujeitos. Por outro lado, tal como refere Bruno:

“O cérebro, a mente e todas as funções mentais superiores, integradas ao corpo, se desenvolvem a partir do exterior para o interior. Portanto, é o meio, a cultura, os ambientes em que os sujeitos estão imersos que irão promover sinapses mais

⁹ Lévy, P. (1996). *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34.

ou menos complexas, pensamentos mais ou menos elaborados, emoções mais ou menos intensas e, como se verá, aprendizagem mais ou menos significativas.”(Bruno, 2010, p.192).

Nesse mesmo pensamento, Moran (2000) acredita que se aprende quando se interage com os outros sujeitos e o mundo e, seguidamente, quando interiorizam-se e internalizam-se ao fazer uma síntese pessoal, em conexão com o mundo exterior.

Sob essas perspectivas e em forma de síntese, os AVAs proporcionam um espaço que integra diversas mídias e recursos, visto que ao promover interação entre os aprendentes, propiciam trocas, aprendizado e conhecimento, elevando tais possibilidades por meio dos recursos disponíveis no ambiente.

Desse modo, as situações de ensino e aprendizagem precisam contribuir de maneira mais significativa, no que tange ao conhecimento, preparação e competências nesses novos espaços que apresentam inúmeras potencialidades, nas suas funcionalidades e ferramentas oferecidas em cursos online que esses ambientes apresentam, nesse paradigma educativo.

2.6 Educação a Distância no Brasil

O contexto da EaD no Brasil vem se consolidando há algum tempo como modalidade aceita e reconhecida de educação. Desmistificando a ideia de uma educação ligada à morosidade e a certa ineficiência, a EaD vem com uma nova proposta à medida que se agrega às TIC, como ferramenta e meio de ação favorecendo, deste modo, uma nova dinâmica à forma de se estudar e aprender a distância. Particularmente no Brasil, nos últimos tempos, a EaD vem sendo apontada como modalidade bastante recorrida colaborando, em princípio, de forma decisiva para a democratização do ensino superior no país.

Alves (2009), relata que a trajetória da EaD no Brasil é marcada por avanços e retrocessos, e ainda, alguns momentos de estagnação, provocados principalmente pela ausência de políticas públicas para o setor. Conforme o mesmo autor, existem registros que colocam o Brasil entre os principais do mundo no que se referia a EaD até os anos de 1970. Depois dessa época o Brasil estagnou enquanto outras nações avançaram e, somente no fim do milênio é que as ações positivas voltaram gerando desenvolvimento considerável nesta modalidade educacional.

Pesquisas realizadas por Meister (1999), atestam que a EaD é um sistema dinâmico e eficiente, usado amplamente para atender as novas demandas de qualificação profissional: uma vez que os indivíduos e suas organizações estão sempre a atualizar informações em pesquisas, gerando novos conhecimentos. Enfim, ao produzir novos

produtos e serviços, a educação a distância atende de forma satisfatória por conseguir reunir uma multiplicidade de recursos pedagógicos e tecnológicos. Facilitando e ajustando, portanto o acesso à educação, sem rigidez de horário e local, para construção do conhecimento.

De acordo com Preti (2010), a EaD é uma modalidade de educação cuja dinâmica é proporcionada aos conteúdos e a forma de expressão, quando mediatizados pelos materiais didáticos, meios tecnológicos aliados a um sistema de tutoria e de avaliação eficaz conduz ao objetivo principal da educação: o ato de aprender.

Contudo, apesar de todas as discussões geradas em torno desta questão, a EaD há tempos foi consolidada como uma modalidade de ensino (Oliveira, 2003; Maia & Mattar, 2007; Mugnol, 2009; Silva, 2010). E isto pode ser comprovado através do artigo 80, parágrafos 1º, 2º, 3º e 4º (Incisos I e II) da Lei 9.394/96 de 20 de dezembro, os quais estabelecem:

“Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições, especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diplomas relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado que incluirá:

I – custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II – concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas.”

De acordo com o (MEC, 2007), a EaD é a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Esta definição está presente no Artigo 12 do Decreto 5.622/05 de 19 dezembro (que revoga o Decreto 2.494/98), que regulamenta o Art. 80 da Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases - LDB).

No contexto didático a EaD surge como mais uma possibilidade metodológica, que traz consigo uma série de particularidades que consolidam a necessidade de novas aprendizagens por parte de quem vai utilizá-la (planejamento, desenvolvimento e avaliação), pois trata-se de compreender um novo processo de ensino-aprendizagem (Ferreira, 2000).

No Brasil, a EaD se apresenta como estratégia para democratizar a educação superior, por meio do Programa UAB, criado pelo MEC desde 2006. O Programa UAB foi instituído pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006, para ampliação da modalidade de Educação a Distância, visando expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no Brasil.

Segundo Sathler (2014), a EaD é a escolha de 15,8% dos mais de sete milhões de alunos em cursos de Graduação. Se comparada ao crescimento no número de matrículas entre 2011 e 2012, ela apresentou um aumento de 12,2%, enquanto os cursos presenciais avançaram apenas 3,1%.

Se, por um lado, essa evolução pode significar o aumento da escolaridade média da população do país, por outro ela exige maiores cuidados na preparação de seus sistemas de operação e na produção do material didático. Isso permitirá que sejam obtidos os melhores resultados em um processo educacional em que a aprendizagem acontece a partir da construção do conhecimento, e não da simples transmissão de informações e instruções, possibilitando o desenvolvimento de um curso que contribua para efetivamente reduzir as desigualdades sociais e educacionais, ao oferecer um curso de qualidade a um número maior de participantes.

Considerando-se que na EaD o educando tem autonomia para organizar o seu estudo de acordo com seu interesse e possibilidades, é necessário disponibilizar a este aluno todas as ferramentas que possam garantir o seu aprendizado. Para Belizário (2006), o material didático é um recurso de fundamental importância no processo ensino aprendizagem, porém o mesmo deve estar devidamente estruturado de acordo com os conceitos epistemológicos, metodológicos e políticos estabelecidos no projeto pedagógico. Necessita, portanto, ser ajustado à metodologia em questão, precisa ter hipertextualidade dialógica, a fim de favorecer a interatividade e despertar o interesse do aluno sobre o tema estudado.

No entanto, nem sempre acessar o AVA revela-se tarefa fácil para alunos que dependem de *lanhouses*, por não disporem de computadores com conexão à Internet em suas residências.

Em um país continental como o Brasil, a EaD consegue chegar a locais cada vez mais distantes, mas nem sempre o acesso à Internet, em determinados municípios brasileiros, é rápido, simples e fácil. Vários municípios ainda contam com o acesso à Internet discada e os alunos vivem os desafios de realizar todas as atividades propostas nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Portanto, fazer *download* de materiais disponibilizados no AVA, enviar atividades, participar das atividades síncronas e assíncronas (chats, fóruns), fazer leitura de textos são tarefas desafiadoras para os alunos sem acesso adequado à Internet.

Preti (2010), referindo-se à modalidade a distância, afirma que em uma abordagem sistêmica, são vários os sujeitos e os componentes interligados que atuam e interagem para que o processo de ensinar seja objetivado e o de aprender se concretize de maneira efetiva. Entre os componentes, sempre foi de importância fundamental o material didático produzido especificamente para quem estuda sem contar com o apoio presencial de um professor. Diante deste cenário, a equipe de produção de material didático assume papel único e específico no processo de ensinar.

Na EaD ainda prevalece o uso do impresso por esta tecnologia ser mais disponível. Conforme dados do Censo EaD de 2010, das instituições que participaram da pesquisa e que possuem Polos de Apoio Presencial, 91% utilizam esse tipo de material. Quando se observa a oferta de cursos de graduação, conclui-se que praticamente 100% das instituições o utilizam (ABED, 2011).

Ainda citando Preti (2010) as IES que atuam na EaD estão em processo crescente de produção de material didático específico para os cursos em oferta. Ao estimar que, em um curso de graduação, há uma média de 40 a 50 disciplinas e mais de 200 cursos são oferecidos, tem-se uma ideia aproximada da quantidade de livros produzidos na EaD. E ao multiplicar estes livros pelo número de alunos matriculados (aproximadamente um milhão), logo se dá conta de que existe uma “indústria do livro” no campo da EaD. Ponto de reflexão da temática desta dissertação, ou seja, qual a qualidade dos materiais que vêm sendo produzidos e distribuídos aos alunos dos cursos a distância?

Capítulo III – A Importância dos Materiais Didáticos na EAD

Como demonstra Preti (2009), na EaD são vários os sujeitos e os recursos conectados que atuam e interagem para que o processo ensino-aprendizagem seja estabelecido. Entre eles, um dos mais relevantes são os materiais didáticos, elaborado tão somente para quem estuda sem contar com o apoio presencial de um professor.

Apesar de ter a função de organizar o desenvolvimento e a dinâmica de um curso, o material didático não precisa conter todos os conteúdos e todas as possibilidades de aprofundamento da informação oferecida. A lógica da organização enciclopédica dos conhecimentos vem perdendo força a cada dia em nossa sociedade para as tecnologias de comunicação e de informação, que possibilitam acesso rápido e disseminado a conteúdos de alta qualidade.

Mais importante que oferecer todos os conteúdos de um curso no material didático é estimular a autonomia do aluno (Preti, 2009), por meio da disponibilidade de aportes teóricos e estratégias metodológicas, em uma perspectiva interativa que lhe oriente na busca de conhecimentos e na resolução de problemas, possibilitando, assim, o desenvolvimento das competências profissionais.

Tanto na Educação presencial quanto na Educação a Distância o material didático é um recurso único. Entretanto é na EaD que o mesmo constitui-se como fundamental para a construção do conhecimento. Assim sendo, a produção do material didático é elemento determinante na qualidade de um curso na EaD, haja vista que este é responsável por grande parte do aprendizado do aluno.

De acordo com Ausubel (2000), um material didático somente é potencialmente expressivo e de qualidade, quando se apresenta de forma planejada e organizada, já que estes elementos vão colaborar de forma significativa para minimizar possíveis dificuldades que possam contribuir para que o educando não consiga, de forma autônoma, alcançar os seus objetivos.

“Na medida em que a EAD se vale de materiais auto-instrucionais para viabilizar o processo ensino-aprendizagem, é preciso salientar que, entre as funções desse tipo de material, o fomento à auto-suficiência do aluno é o mais importante, pois visa a auto-aprendizagem a partir da organização do processo educacional, na medida em que nele o aluno encontra todas as orientações para estudo, conteúdo e avaliação da aprendizagem.” (Sartori&Roesler,2005, p.61).

Conforme os Referenciais de qualidade para a educação superior, da Secretaria de Educação a Distância do MEC (2007), o material didático deve desenvolver competências e habilidades específicas, com a utilização de mídias compatíveis e o contexto socioeconômico do público alvo.

Para a implantação de projetos na modalidade a distância demanda recursos financeiros e formação continuada e assistida de uma equipe multidisciplinar de

profissionais tais como: *designers* instrucional, *designers*, gráficos, ilustradores, *web-designers*, revisores, entre outros.

Essa visão de material didático redefine dois papéis importantes na prática educativa. Primeiro o dos alunos e tutores que, no espaço da mediação dos saberes, assumem uma nova atitude, isto é, a de estarem em formação permanente. O segundo diz respeito ao papel do próprio material didático que, em vez de ter um fim em si mesmo, de ser “dono da verdade”, constitui apenas um meio, um instrumento de apoio para os parceiros da prática educativa, porém com o claro propósito de favorecer a aprendizagem, ampliar o universo simbólico do aluno, sua capacidade de compreender, refletir, participar, exercer o senso crítico, se expressar e argumentar.

O material didático assume o papel de fio condutor de todo o processo, organizando o desenvolvimento e a dinâmica do ensino-aprendizagem. Sua produção é orientada para estimular a interação do leitor/aluno em um ambiente de aprendizagem, no qual irá dialogar com diversos parceiros – autores, por meio das leituras oferecidas no material didático; tutores; orientadores de aprendizagem; demais colegas do curso.

Os Materiais Didático Impressos (MDIs) utilizados na EaD ainda apresentam-se como recurso didático de grande relevância no processo de ensino aprendizagem entre docentes e discentes. Segundo Moore e Kearsley, “o texto é, sem margem de dúvida, a mídia mais comum empregada na educação a distância e, apesar do crescimento da comunicação online que usa texto, a maioria dos textos ainda é veiculada na forma impressa.” (Moore e Kearsley, 2007, p.78).

Embora o MDI seja apenas um dos meios utilizados nos cursos da EaD, o mesmo se apresenta como uma das melhores alternativas para mediatizar a comunicação, visto que é um recurso com o qual os alunos fazem uso frequente, estão familiarizados com o manuseio, o formato, e o utilizam de forma independente. Além do que é mais acessível aos leitores/alunos que enfrentam dificuldades com outras tecnologias, tanto de acesso como de domínio do uso.

Ainda a esse respeito, Aretio (2001), diz que, algumas vantagens no uso deste recurso podem ser evidenciados, tais como: adaptação das circunstâncias espaço temporais dos leitores, ou seja, não requerem equipamentos sofisticados para sua utilização; facilidade de transporte dependendo, logicamente, do formato e do tamanho; disponibilidade imediata de informações, isto é, a consulta ao material pode ocorrer a qualquer hora, quantas vezes o usuário desejar; e facilidade de atualização. E devido à existência de novas tecnologias para a produção do material impresso, a atualização de textos torna-se mais fácil e econômica.

Para a elaboração do MDI se faz necessário uma análise prévia das concepções pedagógicas que irão nortear o aprendizado do aluno, para que o mesmo possa integrar a teoria à prática. O material impresso é utilizado

“[...] por 91% das instituições que possuem polos e por 82% das que têm unidade única. Apesar disso, pode-se notar que também são as instituições que possuem polos as grandes responsáveis pela impulsão das novas tecnologias, pois elas são 74,5% das instituições da amostra e educam 77% dos alunos (Tabela 2.32). Nota-se, portanto, uma convivência pacífica entre mídias demandantes de tecnologia e as tradicionais impressas.” (ABED, 2011, p.10).

Igualmente, os responsáveis pelo planejamento e elaboração dos MDI para EaD devem considerar que são diferentes dos materiais presenciais. Laaser (1997) apresenta essa diferença no quadro 1:

DIFERENÇA DE MATERIAL IMPRESSO	
LIVRO-TEXTO PRESENCIAL	LIVRO-TEXTO PARA EAD
Comunicação unidirecional	Comunicação bidirecional
O aluno é passivo	O aluno é ativamente envolvido
A estrutura é oculta	O aluno é ciente da estrutura
Aprendizagem autodirigida	O aluno é dirigido
Preleção	Diálogo
Impessoal	Amigável e encorajadora
Pouca aplicação de conhecimentos e Habilidades	O aluno aplica novos conhecimentos e habilidades
Sem atividades ou apenas no fim dos capítulos	Atividades e exercícios por todo o tempo
Conteúdo em capítulos ou grandes blocos	Conteúdo dividido em pequenos pedaços
Sem tarefas	Tarefas valendo nota
Sem retorno	Retorno sobre o progresso do aluno

Quadro1 - Diferença de material impresso
Fonte: Adaptado de Laaser (1997, p.75).

De acordo com o quadro 1, torna-se pertinente enfatizar que o texto produzido para a EaD deve ser um recurso de autoaprendizagem, ou seja, motive o aluno durante todo o processo. Assegure ao discente um diálogo constante com o texto, a fim de proporcionar uma maior interação e colaboração, ações fundamentais na EaD para se alcançar a aprendizagem.

Partindo deste contexto, torna-se essencial a definição da concepção pedagógica norteadora desse processo de ensino-aprendizagem e um planejamento muito detalhado para produção do material didático a ser utilizado, de acordo com os princípios determinantes da proposta pedagógica, e a definição do tipo de mídia a ser utilizada.

3.1 Elaboração do Material Didático

O planejamento e a elaboração do MDI para EaD vem redefinir a prática pedagógica do professora na condição de produtor de conteúdos pedagógicos (professo-

autor), autor de textos que efetivamente precisam garantir espaços de intercomunicação entre os alunos, objetivando a sua aprendizagem. Partindo deste princípio, a noção de autoria precisa ser reconhecida como "fundamento docente e discente, por ser referência crucial da aprendizagem no professor e no aluno. Professor que não é autor, não tem aula para dar. Só pode reproduzir. Aluno que não é autor continua copiando, ainda não está aprendendo." (Demo, 2009, p.20).

A EaD e sua produção de material merecem ser problematizadas, estudadas e discutidas sem preconceitos e encobrimentos. Pois, como manifesta Santos et al.:

"Cremos que a articulação desse curso, vinculado ao Sistema Universidade Aberta do Brasil cumpre uma função social bastante específica, a interiorização e a expansão da Universidade, mediadas pelas novas tecnologias em informação e comunicação na educação, procurando constituir uma nova cultura escolar em Educação a Distância no Brasil." (Santos, 2007, p.42).

Conforme apresentado no quadro 2, a participação dos autores no processo de construção do material didático se inicia na oficina promovida pela assessoria pedagógica e coordenação do curso, quando são apresentados e discutidos a proposta e o cronograma do trabalho, bem como a sistemática de acompanhamento pedagógico da produção, que inclui, entre outros pontos, orientações sobre a organização didática do material e a forma de apresentação do trabalho.

ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	
ETAPA	RESPONSÁVEL
1. Elaboração do projeto do curso.	Assessor Pedagógico Coordenação do Curso Especialistas convidados
2. Definição da equipe de autores do material didático.	Assessor Pedagógico Coordenação do Curso
3. Realização das Oficinas de Autores para construção do material, conforme o escopo do projeto: definição dos conteúdos, mídias e formato.	Assessor Pedagógico Autores Coordenação do Curso Equipe de Produção de Materiais
4. Criação da identidade visual do curso; apreciação pela equipe envolvida e reformulações necessárias.	Assessor Pedagógico Autores Coordenação do Curso
5. Realização da leitura metodológica do material acompanhada das reformulações necessárias pelos autores/coordenadores.	Assessor Pedagógico Autores Coordenação do Curso
6. Envio dos originais finalizados pelos autores/coordenadores para a Equipe Produção Materiais	Assessor Pedagógico Coordenação do Curso Equipe de Produção de Materiais
7. Preparação dos originais em primeira versão.	Coordenação do Curso Equipe de Produção de Materiais
8. Criação do projeto gráfico do conjunto didático, apreciação pela equipe e aprovação, com o acompanhamento da Equipe de Produção de Materiais.	Assessor Pedagógico Coordenação do Curso
9. Envio do material para a Editora Fiocruz, se for o caso; elaboração de parecer e envio do parecer à EAD.	Equipe Produção Materiais

Quadro 2 - Etapas da construção do material didático impresso

ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	
ETAPA	RESPONSÁVEL
10. Pré-editação de uma unidade de aprendizagem completa, acompanhada das revisões necessárias e consequentes reformulações.	Equipe de Produção de Materiais
11. Apreciação analítica do material pelos tutores, durante a Oficina de Formação Inicial (uma unidade de aprendizagem pré-diagramada e as demais em Word).	Responsável pela formação Assessor Pedagógico Coordenação do Curso Tutores
12. Reformulação do texto e do projeto gráfico do material com base na apreciação dos tutores e dos pareceristas da Editora (se for o caso), e retorno à Equipe Produção Materiais.	Coordenação do Curso Equipe de Produção de Materiais
13. Realização das revisões gramatical e das referências sobre o texto reformulado após a Oficina de Tutores.	Revisores Equipe de Produção de Materiais
14. Correções no material com base nas revisões gramatical e de referências.	Equipe de Produção de Materiais Coordenação do Curso
15. Diagramação do material, revisão editorial e correções necessárias.	Equipe de Produção de Materiais (ou empresa contratada)
16. Apreciação do material diagramado e realização das correções necessárias até aprovação dos organizadores para impressão.	Equipe de Produção de Materiais Coordenação do Curso
17. Impressão do material (correção das provas de gráfica; imprima-se pela EAD; impressão propriamente dita), com o acompanhamento da EAD.	Gráfica Equipe de Produção de Materiais
18. Entrega do material impresso na EAD.	Gráfica
19. Distribuição do conjunto didático aos alunos	Coordenação do Curso

Quadro 2- Etapas da construção do material didático impresso (cont.)

Fonte: Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz] (2010)

A “teoria da comunicação e interação”, mais conhecida como “teoria da conversação didática guiada”, elaborada pelo sueco Holmebrg ¹⁰ e desenvolvida posteriormente por diferentes autores (Keegan, Evans, Garrison, Shale, Paul), também enfatiza a importância do material didático na EaD. Ele deveria propiciar o estabelecimento de sentimento de relação pessoal entre professor e aluno, pois isto favoreceria alcançar os objetivos de aprendizagem. Por isso, o material didático é estruturado em forma de diálogo, com estilo pessoal, apresentando o tema de maneira acessível ao estudante, envolvendo-o emocionalmente (PRETI, 2010).

Torna-se possível realizar, por meio do texto didático, mais do que o mero ato de “ensinar” (no sentido de transmissão de conteúdo), o ato de educar, quando o estudante reflete, cria, se exprime, dialoga com o autor e se relaciona. Isso supõe que o texto esteja pedagogicamente diferente de outros materiais de ensino (Perez&Castillo, 1991). Portanto,

¹⁰ Holmberg, B. (1986). A discipline of distance education. *Journal of Distance Education*, 1(1).

o professor não pode ser um “conteudista”, alguém especialista em “despejar conteúdo”, e sim um autor, um professor que ensina e aprende dialogando com o estudante.

Diversos professores autores têm compreendido a chamada “dialogicidade” como a simples abertura do texto com uma saudação ao leitor: “Prezado estudante”, ou propondo paradas de reflexão em algumas passagens do texto: “O que você acha?”, ou “Agora é com você.” Dialogicidade é sinônimo de comunicação e pode ser entendida como a capacidade de produção de um material no qual os textos, por exemplo, reproduzam, simulem ou antecipem a possibilidade de um diálogo entre autor e leitor, que permita a este último uma percepção de igualdade e não de inferioridade ou passividade frente ao “professor” (Belizário, 2006, p.144).

Se não houver participação entre os dois polos, a dialogicidade fica prejudicada (Possari, 2009). Como diria Freire: “A educação autêntica não se faz de A para B, ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo.” (Freire, 1975, p.45).

Se o professor autor não consegue cativar o estudante, seduzi-lo na leitura do texto, motivá-lo a aceitar o desafio do novo, dificilmente se dará a aprendizagem. O que o estudante fará nas atividades “exigidas”, nos momentos de avaliação, é recorrer à memorização, à reprodução ou, até, à cópia.

O material didático, no sistema de EaD, é uma tecnologia disponibilizada ao estudante, além de outros componentes, tais como o projeto pedagógico, os sistemas de tutoria, de comunicação, de avaliação, os momentos presenciais, os colegas, as experiências pessoais.

No contexto atual da EaD muitos modelos se voltam para a utilização de mídias digitais, no entanto o MDI ainda é a mídia mais usada e de maior custo benefício nos cursos dessa modalidade de educação. A importância do uso dessa mídia na EaD é enfatizada por muitos autores.

O material impresso continua sendo o mais acessível e fácil meio de comunicação. Pode ser usado em uma variedade de circunstâncias e, o que é de especial importância, a maioria dos adultos sabe como utilizá-lo. Pode ser usado em qualquer lugar, é pedagogicamente claro, fácil de usar, referenciar e revisar. Apesar destas vantagens, existem algumas limitações: por ser um meio unidirecional, há falta de interação e, por não possibilitar movimento, apresenta ao estudante uma visão limitada da realidade.

NederePossari (2001) citam algumas funções que o material didático assume nos cursos em EaD: ensinar o diálogo permanente; orientar o estudante; motivar para a aprendizagem e também para a ampliação de seus conhecimentos sobre os temas trabalhados; ensinar a compreensão crítica dos conteúdos; instigar o estudante para a pesquisa e; possibilitar o acompanhamento e avaliação do processo de aprendizagem.

Brandão¹¹ afirma que a compreensão do texto pressupõe:

“A existência de uma base textual que supõe um sistema linguístico de domínio comum ao do autor; a necessidade de conhecimentos relevantes partilhados com os textos que trabalha; a pressuposição de que a coerência temática preside a construção do texto; a necessidade da presença mínima ou suficiente de contextos situacionais de espaço e de tempo.” (Neder&Possari, 2001, p.158).

Nesse viés, a produção do material didático exige um repensar pedagógico, incluindo a criação de estratégias didático-pedagógicas, para uma efetiva aprendizagem em uma nova configuração, onde a mídia deve ser utilizada como apoio a um processo planejado com encontros presenciais ou não e aulas on-line.

É relevante citar a importância do envolvimento das equipes de trabalho na elaboração, produção e edição do material didático para a EaD. Nessa modalidade, se considera que a interlocução entre o professor e o estudante não ocorre necessariamente em um mesmo tempo e/ou espaço. Portanto, o processo educativo é precedido de um rigoroso planejamento, principalmente na elaboração do material didático.

O material didático para EaD tem que atender a este movimento citado por Andrade (2003) e o grande desafio da educação a distância é, justamente

“produzir um material didático capaz de provocar ou garantir a necessária interatividade do processo ensino-aprendizagem’, onde o professor passa a exercer o papel de “condutor de um conjunto de atividades que procura levar a construção do conhecimento; daí a necessidade de esse material apresentar-se numa linguagem dialógica que, na ausência física do professor, possa garantir um certo tom coloquial, reproduzindo mesmo, em alguns casos, uma conversa entre professor e aluno, tornando sua leitura leve e motivadora.” (Andrade, 2003, p.137-138).

Conforme Trejo (2008) os materiais devem: alcançar os objetivos planejados no curso; identificar os conteúdos e propósitos de cada capítulo, bem como as atividades que devem realizar para construir o conhecimento; analisar o processo de conhecimento, identificando avanços, dificuldades e retrocesso; estabelecer relações, associações e comparações; realizar análise e síntese; dar resposta a problemas concretos; contrastar pontos de vista; confrontar e intervir na cultura da vida cotidiana com a cultura acadêmica; levar a conclusões; desenvolver atitude crítica em relação ao conhecimento.

Algumas considerações são importantes quando da elaboração de um MDI para EaD,: identificar o perfil do novo leitor; conhecer as concepções de EaD; conhecer teorias da aprendizagem; conhecer os objetivos da instituição que oferece o curso; trabalhar com a linguagem dialógica; identificar o perfil do aluno que utilizará o material; deixar claro o que se quer dizer com o texto; estar sempre coerente com o currículo e o processo de comunicação; conhecer o Projeto Político Pedagógico da instituição; os objetivos específicos do curso; o nível de interdisciplinaridade desejado; a estrutura do material; o cronograma; como também a metodologia a ser empreendida.

¹¹ Brandão, H. H. N. (2004). Gêneros do discurso: unidade e diversidade. *Polifonia*, 8(8), 1-18.

Portanto, para percorrer este caminho, se faz necessária uma ampla discussão acerca dos instrumentos e métodos a serem utilizados, daí a importância do Design Instrucional.

3.2 O Designer Instrucional na EaD

Gomes Filho (2003) referindo-se ao *design*, diz que este é um instrumento que pode proporcionar um aperfeiçoamento no padrão de qualidade de objetos. Qualidades estas que são devidamente organizadas, configuradas, identificadas e delimitadas, vinculadas à tecnologia e ao desenvolvimento de sua produção.

O *design* também proporciona uma inovação de produtos que favorece a integração de vários elementos relacionados à metodologia de projetos. Ainda segundo Gomes Filho (2003) essa metodologia deve ser alicerçada em uma tríade, constituída de: função, estrutura e forma.

Na elaboração de materiais didáticos (MD) de qualidade é primordial a presença de uma equipe multidisciplinar. O Design Instrucional (DI) tem uma função imprescindível no contexto da EaD, uma vez que é a partir de sua articulação entre as questões pedagógicas, linguagem, conhecimento específico da área e recursos tecnológicos que serão garantidos a qualidade na produção dos recursos educacionais.

Em vista disso, Kenski e Barbosa referem-se ao *designer* instrucional como sendo

“o profissional responsável pela coordenação e desenvolvimento dos trabalhos de planejamento, desenvolvimento e seleção de métodos e técnicas mais adequadas ao contexto em que será oferecido um curso a distância. Sua atuação também engloba a seleção de atividades, materiais, eventos e produtos educacionais de acordo com as situações específicas de cada oferta educacional, a fim de promover a melhor qualidade no processo de aprendizagem dos alunos em cursos ocorridos em ambientes virtuais.” (Kensky&Barbosa, 2007, p.3).

O *design* instrucional é responsável pela transformação dos conteúdos educativos para a sistemática da EaD. Os recursos do *design* são primordiais para o desenvolvimento do curso e a interações com os sujeitos envolvidos: alunos, professores e tutores. Tem como objetivo sugerir e planejar atividades que se beneficiem da comunicação e da interação para favorecer o processo ensino-aprendizagem. É apresentado como uma estratégia pedagógica, que se favorece da tecnologia para sugerir práticas e soluções objetivando uma aprendizagem colaborativa e autônoma suprimindo as novas demandas da sociedade da informação e do conhecimento. É reconhecido, como o componente capaz de propor e elaborar recursos para estabelecer uma relação mais favorável entre esses agentes.

Mendoza et al. relatam que o *designer* instrucional deve atuar como um

“agente que apoie e participe ativamente do processo de planejamento, construção, avaliação e adequação de cursos oferecidos [...] auxiliar na produção de materiais e de atividades que valorizem e sustentem o processo de ensino-aprendizagem e se alinhem à proposta pedagógica do curso e aos seus objetivos.” (Mendoza et al., 2010, p.97).

Ademais, Couto, Oliveira e Santos (2008) ressaltam que o *design* instrucional contextualizado contempla uma proposta construtivista, de um sistema abrangente que busca nos paradigmas educacionais as práticas mais adequadas para estimular uma maior participação do aluno no decorrer do curso. Orienta o professor no planejamento e no desenvolvimento da sua disciplina, proporcionando ao discente um maior envolvimento com o programa do curso e também com objetos de linguagem. Neste mesmo entendimento, traz-se a contribuição de Filatro:

“[...] definimos design instrucional como a ação intencional e sistemática de ensino que envolve o planejamento, o desenvolvimento e a aplicação de métodos, técnicas, atividades, materiais, eventos e produtos educacionais em situações didáticas específicas, a fim de promover, a partir dos princípios de aprendizagem e instrução como o processo (conjunto de atividades) de identificar um problema (uma necessidade) de aprendizagem e desenhar, implementar e avaliar uma solução para esse problema.” (Filatro, 2008, p.3).

Partindo desse princípio, concorda-se com Silva e Castro (2009), quando destacam alguns princípios pedagógicos de *Design* Instrucional que contribuem no planejamento da metodologia adotada na EaD, são eles:

- a) Coerência entre os objetivos do estudo e a abordagem pedagógica: é necessário levar o educando a atuar como protagonista do estudo;
- b) Contextualização: de acordo com o público-alvo elabore a melhor maneira de expor o conteúdo;
- c) Ênfase na formação e no desenvolvimento de competências: organize os assuntos de modo que promova suas habilidades;
- d) Estímulo da autonomia: procure formar pessoas capazes de ir atrás de seu próprio crescimento;
- e) Aprendizagem significativa: atribua ao estudante significação àquilo que está sendo apresentado, de forma que ele entenda a importância do tema;

Com a grande evolução das TIC, ocorreu uma vinculação da tecnologia digital ao *design* instrucional, proporcionando a utilização de recursos que disponibilizem um maior compartilhamento de informações. Se a aprendizagem do aluno se dá através do AVA, um MD bem planejado e diagramado conduz o aluno a outros links ampliando o seu repertório textual e linguístico. Quando a aprendizagem se dá pela via do MDI, o mesmo vai assegurar uma leitura agradável e prazerosa.

Capítulo IV – Critérios de Qualidade dos Materiais Didáticos

Para a aplicação desta pesquisa, qualidade será abordada como capacidade de atendimento às expectativas dos clientes em relação aos níveis de entrada e saída. Propõe-se, aqui, investigar os critérios que regulamentam a qualidade sobre o contexto da produção e elaboração de materiais didáticos.

Concorda-se partindo desse princípio, com Paladini, quando revela que “a qualidade é conceituada de acordo com a opinião dos clientes e, na busca por competitividade e melhoria contínua, as organizações devem ter este conceito suficientemente claro na tomada de decisões.” (Paladini, 1995, p.3).

Juran (1995) diz que qualidade é a adequação ao uso. Sua importância é com o desempenho do produto, no qual os seus atributos asseguram o contentamento dos clientes que o adquiriram. Seria de outra forma, a inexistência de deformidade, o que proporciona descontentamento e insatisfação.

No contexto educacional Enguita afirma que a qualidade “se refere à passagem das melhorias quantitativas, às qualitativas. Não apenas mais, mas melhores professores, materiais e equipamentos escolares [...]” (Enguita, 1996, p.107).

No processo educacional, a orientação para qualidade está associada às determinações e diretrizes estabelecidas pelo MEC, que norteia, regula e legisla sobre o desempenho das instituições públicas e privadas no Brasil. Para o contexto da EaD, o MEC publicou, em agosto de 2007, os “Referenciais de qualidade para a Educação Superior a Distância”, que define diretrizes, princípios e critérios para autorização de novos cursos ou para avaliar a qualidade dos que estão sendo ofertados no Brasil (MEC, 2007a).

Os referenciais de qualidade, embora não possuam força de lei, são parâmetros que orientam o poder público e privado, no que tange aos processos de regulação, supervisão e avaliação do Ensino Superior no Brasil (MEC, 2007a).

De acordo com o MEC (2007b), os elementos fundamentais para atender as carências dos alunos que fazem uso de materiais didáticos na EaD condizem, mutuamente, a conformidade do material didático com a fundamentação filosófica e pedagógica e do projeto político pedagógico dos cursos a distância. Ademais, é essencial uma conexão adequada das diferentes linguagens para favorecer o processo ensino-aprendizagem.

Concorda-se com Duchastel (1988), Moore e Kearsley (2007) e Fernandez (2009) quando declaram que, ao explorar os materiais didáticos, impressos e online, percebe-se a presença dos seguintes elementos: conteúdo, linguagem e estética. Portanto, os elementos primordiais para produção e elaboração de materiais impressos e online estão associados à organização do conteúdo, o estilo de redação é pertinente a linguagem e a um layout dos documentos, no caso estética.

Neste mesmo entendimento, Fernandez acentua que:

“A preparação de materiais impressos para EAD pode ser realizada de diferentes modos que se caracterizam pelo modelo de comunicação adotado, pela concepção de aprendizagem e de ensino que lhe dá direção e sentido, bem como pelas escolhas feitas em termos de sua identidade visual, sua apresentação física e sua formatação.” (Fernandez, 2009, p.396).

Não pode-se pensar em educação sistematizada, seja presencial ou a distância, sem associá-la ao uso de material impresso (Preti, 2010). Mesmo os meios audiovisuais e informáticos são utilizados de modo complementar, não exclusivo e com finalidade de ilustração ou elemento dinamizador e motivador da aula baseada no texto escrito. Na grande maioria das vezes, cabe ainda ao material impresso a profundidade da informação transmitida por outros meios.

De acordo com os Referenciais de Elaboração de Material Didático para EaD no Ensino Profissional e Tecnológico do MEC (2007b), o material impresso deve apresentar características específicas, considerando as peculiaridades do processo de educação tecnológica mediado por este meio e para o público ao qual se destina, na modalidade a distância, dentre as quais:

- a) Considerar a capacidade leitora dos alunos e os temas relativos à área e aos contextos de interesse de cada público-alvo, observando a recomendação de módulos iniciais de acolhimento voltados para a alfabetização digital e para o fortalecimento dos processos de leitura e escrita.
- b) Privilegiar, tanto quanto possível, a articulação entre os conteúdos dos módulos de acolhimento, de forma a favorecer uma aprendizagem contextualizada e significativa.
- c) Favorecer a utilização de elementos imagéticos bem como o uso de exemplos e analogias, a fim de favorecer a compreensão e a concretização dos conteúdos teóricos e práticos.
- d) Utilizar o material impresso sob uma perspectiva de letramento, de forma continuada ao longo de todo curso.
- e) Mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos, fazer uso de casos e exemplos do cotidiano, de modo a facilitar a incorporação das novas informações aos esquemas mentais preexistentes.
- f) Contemplar aspectos motivacionais e de facilitação da compreensão, usando recursos linguísticos e imagéticos variados.
- g) Utilizar o material impresso como recurso para promover a inclusão digital e o uso das tecnologias de comunicação e informação, a partir de referências que motivem o acesso a ambientes virtuais de aprendizagem.
- h) Explicitar aos alunos, de forma clara e precisa, os objetivos de aprendizagem gerais e específicos a serem trabalhados em cada bloco temático, quer sejam

unidades, módulos, aulas etc. Também se devem articular os objetivos propostos em cada bloco, utilizando, se possível, mapas conceituais.

- i) Atentar também para a interligação entre cada bloco temático, disciplinas, aulas, etc., de forma a evidenciar o sequenciamento e a coesão existente entre os conteúdos.
- j) Utilizar uma linguagem amigável, clara e concisa, em tom de conversação.
- k) Observar o papel das atividades na Educação a Distância como elementos instrucionais a partir dos quais se constrói a aprendizagem. As atividades devem guardar relação formal, quer com os objetivos de aprendizagem propostos, quer com os núcleos conceituais oferecidos, de forma que cada unidade didática garanta a integridade instrucional que favoreça a autonomia do aluno no processo educacional.
- l) Contemplar instruções ou orientações passo a passo para as atividades práticas propostas, de forma a antecipar roteiros e procedimentos e servir como referência para consultas posteriores. Tais procedimentos devem ser ilustrados com imagens, fotografias, desenhos ou esquemas de alta qualidade.
- m) Apresentar elementos de humor.
- n) Respeitar as questões ergonômicas no projeto gráfico, organizando elementos imagéticos e textuais de forma a conferir aos blocos temáticos uma programação visual arejada, trazendo leveza ao material e facilitando o estudo.
- o) Possuir elementos de identidade visual (formatação, ícones, logomarca, cor etc.) que sirvam de base para a produção de todo um conjunto de materiais.

O MDI utilizado na EaD ainda apresenta-se como recurso didático de grande relevância no processo de ensino aprendizagem entre docentes e discentes. Segundo Moore e Kearsley, “o texto é, sem margem de dúvida, a mídia mais comum empregada na educação a distância e, apesar do crescimento da comunicação online que usa texto, a maioria dos textos ainda é veiculada na forma impressa.” (Moore e Kearsley, 2007, p.78).

De acordo com o (MEC, 2007), para atender a estas concepções, o material didático deve:

- “- com especial atenção, cobrir de forma sistemática e organizada o conteúdo preconizado pelas diretrizes pedagógicas, segundo documentação do MEC, para cada área do conhecimento, com atualização permanente;
- ser estruturado em linguagem dialógica, de modo a promover autonomia do estudante desenvolvendo sua capacidade para aprender e controlar o próprio desenvolvimento;
- prever um módulo introdutório - obrigatório ou facultativo - que leve ao domínio de conhecimentos e habilidades básicos, referentes à tecnologia utilizada e também forneça para o estudante uma visão geral da metodologia em educação a distância a ser utilizada no curso, tendo em vista ajudar seu planejamento inicial de estudos e em favor da construção de sua autonomia;

- detalhar que competências cognitivas, habilidades e atitudes o estudante deverá alcançar ao fim de cada unidade, módulo, disciplina, oferecendo-lhe oportunidades sistemáticas de auto-avaliação;
- dispor de esquemas alternativos para atendimento de estudantes com deficiência;
- indicar bibliografia e sites complementares, de maneira a incentivar o aprofundamento e complementação da aprendizagem.” (MEC, 2007a, p.15).

O avanço das TIC tem favorecido uma integração do MDI com outras mídias. Esta composição não reduziu a importância da mídia impressa, ao invés, elevou as exigências na qualidade da sua produção (Effiting, 2010). Este recurso, quando bem produzido, é apreendido e aprovado pelos docentes e discentes. É adequado ao ritmo dos alunos, favorecendo a releitura, a leitura seletiva, como também de fácil manuseio. A possibilidade de se acessar partes específicas do MDI é rápida e conveniente, não sendo necessário o uso de equipamentos e também é um recurso de fácil condução.

Os materiais didáticos impressos vão relacionando-se progressivamente com outras mídias e diferentes suportes de comunicação. Segundo os Referenciais para Elaboração de Material Didático, na EaD, os MDI são fundamentais para socialização e interação do conhecimento e de orientação do processo ensino-aprendizagem, vinculado a outras mídias como: vídeo, videoconferência, telefone e ambiente virtual (MEC, 2007b).

Laaser (1997) considera que muitos MDI são negligenciados na sua elaboração, tem, por isso, como resultado final um material de baixa qualidade que não desperta no aluno o interesse pelo conteúdo. Consequentemente, a limitação não é do meio em si, e sim da forma como os professores fazem uso.

O livro didático pode ser considerado o guia dos professores e estudantes no processo de ensino, pois neles estão descritos os conteúdos relevantes aos estudantes na obtenção de conhecimentos sobre determinados assuntos. Os materiais didáticos possuem a função de instrumentar, orientar e informar um caminho que pode ser seguido na busca pela obtenção de determinados conhecimentos.

Nesse viés, a produção do material didático exige um repensar pedagógico, incluindo a criação de estratégias didático-pedagógicas, para uma efetiva aprendizagem em uma nova configuração, onde a mídia deve ser utilizada como apoio a um processo planejado com encontros presenciais ou não e aulas on-line.

Vale ressaltar que é de fundamental importância que seja oferecida ao professor-autor uma formação para que o mesmo possa se apropriar dos referenciais de qualidade para produção de material didático, onde também serão apresentados e discutidos a proposta e o cronograma do trabalho, bem como a sistemática de acompanhamento pedagógico da produção, que inclui, entre outros pontos, orientações sobre a organização didática do material e a forma de apresentação do trabalho.

Ao selecionar e/ou produzir material para a mediação em curso a distância, o professor deve considerar alguns elementos relevantes, segundo Aretio:

“A apresentação clara dos objetivos; linguagem clara, de preferência coloquial; redação simples, objetiva, direta, com moderada densidade de informação; sugestões explícitas para o estudante, no sentido de ajudá-lo no percurso da leitura, chamando a atenção para as particularidades e/ou idéias consideradas relevantes para o seu estudo; convite permanente para o diálogo, troca de opiniões, perguntas.” (Aretio, 2001, p.161).

É fundamental que os autores dos materiais considerem a aprendizagem significativa, levando em conta a separação física entre aluno e o professor-autor, o que é muito importante.

“A psicologia cognitiva e suas derivações no campo da didática enfatizaram que as práticas rotineiras, descontextualizadas dos problemas autênticos, dificilmente possibilitam o desenvolvimento da capacidade de reflexão. Trata-se de ensinar ‘problemas de mentira’, ‘pedagogizados’, os quais não implicam um desafio para o estudante e os quais se costumam resolver aplicando fórmulas prontas. Os problemas autênticos não costumam ter respostas unívocas ou facilmente previsíveis, envolvendo, na maioria dos casos verdadeiros desafios cognitivos.” (Averbug, 2003, p.11).

Um bom material deve, além disto, suprir a ausência do professor, afim de que o aluno interaja com o conhecimento. Textos expositivos e impessoais não são oportunos e de igual modo precisam permitir que o aluno organize-se. Deve proporcionar uma aprendizagem autodirigida e oferecer informações para seus próprios desempenhos, facilitando o redirecionamento de esforços.

Conforme Trejo (2008), os materiais devem: alcançar os objetivos planejados no curso; identificar os conteúdos e propósitos de cada capítulo, bem como as atividades que devem realizar para construir o conhecimento; analisar o processo de conhecimento, identificando avanços, dificuldades e retrocesso; estabelecer relações, associações e comparações; realizar análise e síntese; dar resposta a problemas concretos; contrastar pontos de vista; confrontar e intervir na cultura da vida cotidiana com a cultura acadêmica; levar a conclusões; desenvolver atitude crítica em relação ao conhecimento.

A configuração com que o MDI é produzido, considerando a forma que o conteúdo é abordado e a dialogicidade, repercute diretamente na aprendizagem do aluno. Litto alerta para a condensação dessa produção:

“No Brasil, instalou-se a prática de fornecer ao aluno apenas uma ‘apostila’ ou resumo dos pontos principais da matéria, às vezes com apenas 50 páginas contendo ‘pedaços de conhecimento’ (extraído de diferentes livros), intercalados para constituir uma ‘nova’ publicação (frequentemente sem citação das fontes originais, nem o pagamento de direitos autorais para uso comercial). Essa redução do conteúdo apresentado ao aluno representa, evidentemente, uma diminuição de seu conhecimento e de seu preparo profissional.” (LITTO, 2009, p.18).

Em conformidade com os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (MEC, 2007a), Laaser (1997), Aretio (2002), Peters (2002), Ims Global Learning

Consortium (2003) e Moore e Kearsley (2007), os materiais didáticos na EaD devem considerar três elementos: a) conteúdo, b) linguagem, c) estética.

Com o objetivo de possibilitar a comparação e avaliação dos dados relacionados aos critérios de qualidade na produção do MDI, fez-se a verificação dos elementos de conteúdo, linguagem e estética, apresentados na sequência.

4.1 Critérios de qualidade referentes ao conteúdo

Observa-se frequentemente que um dos grandes problemas dos MDI é a forma como os conteúdos são tratados. Dificilmente são relacionados à realidade do aluno, sem aplicabilidade no cotidiano.

Portanto, é de fundamental importância que os textos sejam produzidos especialmente para a EaD, dando ênfase aos núcleos de cada capítulo e aos conceitos principais, a fim de que as relações entre tais conceitos sejam conectados.

É relevante citar também a importância do uso do hipertexto na produção de MD na EaD. No contexto digital, os hipertextos são introduzidos a partir de links que redirecionará o leitor a outra página. Em se tratando do MDI, o hipertexto é apresentado através de caixas de textos, distribuídas nas laterais da página próxima ao texto.

Na elaboração do MDI deve prevalecer a clareza em todos os seus aspectos e, com isso, garantir uma hierarquia das informações e um bom ordenamento das ideias. Dessa forma, apresenta-se ao educando um material com uma sequência lógica do conteúdo capaz de estimular a leitura, favorecendo, assim, a sua aprendizagem.

Gutiérrez e Pietro (1994) a esse respeito destacam ainda que é importante ter um conhecimento geral do conteúdo, objetivando a orientação do aluno através de associações temáticas e conexão de ideias.

Mesmo com baixo índice de uma prática interativa, o material impresso deve, também, obedecer à lógica do hipertexto, com uma linguagem clara, objetiva que proporcione uma orientação real do processo de aprendizagem, isto de maneira não linear.

No que se refere à lógica do hipertexto no MDI, Santos e Silva sugerem atenção, ressaltando a necessidade de

“Conteúdos claros e bem estruturados atendendo à inter e intratextualidade, multivocalidade e multidirecionalidade. [...] É importante utilizar elementos de transição entre unidades e/ou textos, resumos e sínteses ao final de cada unidade temática indicando novas referências (links, sugestões de filmes, outras fontes de informação); [...] Vocabulário coerente com o perfil dos aprendentes. [...] ilustrações devem ser contextualizadas e utilizadas como conteúdo.” (Santos & Silva, 2005, p.29).

Em conformidade com Mercado e Freitas, os MDI elaborados para EaD devem ter as seguintes características:

“Informação conectada de forma hipertextual– em cada parte do material proporcionam-se conexões entre os conteúdos. O hipertexto dará acesso a toda informação ao aluno, proporcionado assim, uma maior flexibilidade pedagógica no estudo da disciplina;

Adequabilidade no material didático - quando o texto está adequado aos objetivos propostos no plano de curso e ou da disciplina. Verifica-se nesse critério a coerência na disponibilização do texto sem descuidar da relação: objetivo, texto e disciplina.” (Mercado&Freitas, 2013, p.540).

Gutierrez e Pietro (1994), referindo-se à produção de MDI, destacam que os textos na EaD são didaticamente distintos dos adotados no ensino presencial, considerando principalmente o tratamento do conteúdo que está à disposição da ação educativa compartilhada, produtiva, expressiva, com informação relevante, acessível, clara e organizada.

Diante das inúmeras possibilidades em que o MDI para EaD pode ser apresentado, evidencia-se como foco deste trabalho o formato de livro-texto impresso. Entre as particularidades inerentes do livro-texto, destaca-se a contribuição de Moore e Kearsley (2007), quando indicam que o procedimento para análise do MDI deve estar em consonância com os direitos autorais, da revisão de prova, da correção e da impressão ou reprodução do texto impresso.

O Conteúdo disponibilizado nestes materiais não deverá ser apenas de caráter expositivo, mas incitar a curiosidade do aluno para a busca constante de novos conhecimentos bem como, o caráter reflexivo sob os conteúdos apreendidos.

Os enunciados devem ser inteligentes e motivadores. Proporcionando uma concordância entre o conhecimento cotidiano e conhecimento científico, entre conteúdos disciplinares e conteúdos transversais, levando em conta o saber (conhecimento de fatos, conceitos, teorias, princípios, fundamentos, nomenclaturas, personagens etc.); o saber fazer (domínio de habilidades); o saber ser (desenvolvimento de atitudes e valores); o saber fazer junto (interações cooperativas com outros atores sociais).(Fiorentini, 2000).

4.2 Critérios de qualidade referentes à linguagem

A língua e as aplicações sociais da linguagem são componentes primordiais na organização de uma cultura global. Em vista disso, Saussure (1985) salienta que a língua é a forma relevante de representação de conceitos de comunicação, ideias, significados e pensamentos, mas pontua que sua estrutura, se apresenta por um sistema de signos sobre o qual se dá a produção de significados. Para o autor, um signo fraciona-se em significante

(sua forma externalizada) e em significado (seu conceito, interno), e a vinculação entre eles é consolidada pelos códigos culturais.

Bakhtin (1993) destaca que esta é um fenômeno essencialmente social, histórico e ideológico e ampliando o contexto do conceito de linguagem.

A esse respeito Vygotsky (1984) mostra que a estruturação da linguagem se estabelece no âmbito social e é apreendida pelo sujeito através das interações. O sujeito além de ser ativo, neste contexto, se torna também interativo, formando assim conhecimentos. É no processo de interação entre aluno/professor, aluno/aluno, aluno/material didático, que se consolida o processo de aprendizagem.

Ademais, Laaser ressalta que:

“Os elaboradores devem escrever de modo a estarem, continuamente, conversando com o aluno, em um diálogo amigável e encorajador. Esse diálogo deve incluir aconselhamento a respeito do que fazer, ou seja, deve servir de encorajamento para os alunos, reforço e incentivo.” (Laaser, 1997, p.76).

Segundo Bakhtin, a linguagem é eminentemente dialógica, tendo em vista que o dialogismo seria um princípio constitutivo da linguagem.

“A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.” (Bakhtin, 1993, p.88).

Dialogicidade é sinônimo de comunicação e pode ser entendida como a capacidade de produção de um material no qual os textos, por exemplo, reproduzam, simulem ou antecipem a possibilidade de um diálogo entre autor e leitor, que permita a este último uma percepção de igualdade e não de inferioridade ou passividade frente ao “professor” (Belisário, 2003).

No contexto da EaD, a linguagem tem como objetivo, nortear o aluno a um processo de reflexão, em busca da resolução de problemas, capaz de conduzi-lo a uma análise crítica que lhe propiciará respostas a determinadas questões que lhe são apresentadas, para favorecer também a construção de um pensamento pessoal.

A esse respeito, Fiorentini (1996) destaca que, referente a linguagem, é de grande relevância que o livro-texto seja fundamentado em concepções e experiências diversificadas, ajustáveis e tangíveis. Que a multiplicidade de textos façam uso de símbolos icônicos, pictóricos, não-verbais, formas, sons, movimentos, palavra escrita e oral auxiliando o ato de ler e de estudar, conduzindo assim o processo ensino-aprendizagem (Schons, 2009).

Dialogar com o estudante, por meio do texto, é, fundamentalmente, conseguir se comunicar com ele, fomentando a reflexão, apresentando desafios, valorizar e direcionar os conhecimentos prévios do aluno, para a um processo de metacognição – o pensar sobre o

pensar, levá-lo a estabelecer relações do seu cotidiano a fatos, a estudos de caso, fazendo uso de imagens, de gráficos e de desenhos.

Como demonstra Franco,

“a produção textual para EaD é essencialmente didática e dialógica. Pressupõe um forte diálogo com o leitor(aluno). [...] Geralmente, os livros-texto e manuais são produzidos em uma perspectiva unidirecional. Isso significa que não estão preocupados em estabelecer o diálogo com o leitor. Diferentemente desse modelo, os textos em EaD devem priorizar uma relação mais próxima e dialógica com o aluno, deve haver interação entre o texto produzido e o leitor.” (Franco, 2007, p.25).

De acordo com Ota (2011), a elaboração de materiais que tenham em sua estrutura uma proposta de interação do aluno com o material produzido é uma das atribuições e competência do trabalho instrucional nos meios impressos. Esta logística se dará através da linguagem empregada e do discurso instrucional utilizado, podendo ser de forma direta, pela via de um diálogo de aproximação do sujeito com o objeto de aprendizagem na construção de signos, ou indireto, na apresentação do conteúdo sem que possa construir uma relação do indivíduo com que está sendo aprendido.

De acordo com Soletic, “Uma linguagem clara, direta e expressiva pode transmitir ao estudante a idéia de que ele é o interlocutor permanente do professor e que ambos participam de maneira conjunta da construção deste conhecimento específico.” (Soletic, 2001, p.78).

O diálogo deve proporcionar um entusiasmo entre o aluno/leitor e o texto, minimizando a distância geográfica entre alunos e professores. O educando carece da presença do professor, e o MDI propicia essa interação. Segundo Scherer:

“Ao falar em proximidade, o diálogo que é estabelecido com o aluno deve provocar um sentimento de encontro. Ele precisa sentir o professor ao seu lado, próximo; o estudante precisa ‘ouvir’ e ‘falar’ com o professor, pelo livro, assim como o professor precisa ‘ouvir’ e ‘falar’ com o aluno pelo livro, em um diálogo que pode ser sempre reconstruído.” (Scherer, 2005, p.6).

O processo de dialogicidade deve permear por toda a elaboração do MDI, iniciando pelo estilo interativo da linguagem, contemplando também as atividades que favorecem uma interação verbal (Effeting, 2010). No contexto da EaD, os AVAs têm grande significado, porque é através deles que o processo de interação e colaboração entre os alunos e professores se estabelece, tendo em vista a comunicação como ferramenta importante da aprendizagem que se dá por uso dos chats, fóruns, wikis, diários de bordo e de atividades síncronas e assíncronas.

4.3 Critérios de qualidade referentes à estética

A palavra estética é procedente do grego *aisthesis*, que significa sentir. Segundo Barilli¹², “A raiz grega *aisth*, no verbo *aisthanomai*, quer dizer sentir, não com o coração ou com os sentimentos, mas com os sentidos, rede de percepções físicas” (Santaella, 2000, p.11).

O termo estética é citado nesta dissertação, de acordo com Maffezoli (1999), como o conceito mais apropriado para retratar o ambiente, em que tudo tem importância: as particularidades, os fragmentos, os símbolos, os diversos acontecimentos.

A estética está relacionada ao apelo visual e ao seu interesse para o usuário. As delimitações podem minimizar a quantidade e a qualidade gráfica do conteúdo que será apresentado (Cybis, 2007).

Para Silva (2011), os MDI materiais didáticos devem ser elaborados a partir de uma cultura de imagens, contemplando com desenhos, charges, cartuns, tirinhas, gráficos, tabelas, fotografias, pinturas, placas. Faz-se necessário considerar o poder expressivo da linguagem não verbal, através de ícones, uma vez que um material com boa qualidade estética favorece a aprendizagem do aluno. A linguagem icônica é primordial para facilitar a compreensão dos alunos/leitores no ato dinâmico da leitura.

Porém, a simples inserção de uma imagem, um gráfico ou uma tabela não garante a compreensão do aluno sobre aquele conteúdo pedagógico. É importante que se possibilite uma integração entre os textos escritos e os ícones que são inseridas nos MDI para que, de fato, esse material possa favorecer a aprendizagem do aluno. Essa adequação estética é relevante, pois busca favorecer o processo ensino-aprendizagem. Segundo Fernandez:

“O principal papel das ilustrações em materiais impressos para EAD é o de esclarecer e explicar um conceito ou de fornecer uma necessária contextualização. Para tanto, elas precisam estar em estreita unidade com o texto que complementam, sob pena de introduzir elementos distratores em relação ao conteúdo que está sendo tratado.” (Fernandez, 2009, p.400).

Partindo desse princípio, a qualidade da interface relacionado à estética é de total relevância, pois a interface é um meio que visualmente pode desestimular e ser desagradável, podendo também favorecer ou prejudicar a aquisição do conhecimento. Diante disso, Bonsiepe (1997) reafirma que esta pode ser divertida ou tediosa, pode revelar relações entre informações ou deixá-las confusas e pode abrir ou excluir possibilidades de ação efetiva, instrumental ou comunicativa.

Entre as características específicas do material impresso Laaser (1997) aponta que o uso de recursos visuais no livro-texto favorece uma informação mais precisa; rompe-se a uniformidade do texto corrido; auxilia os alunos a recordar o conteúdo; deixa o MDI mais atraente e motivador.

¹² Barilli, R. (1994). *Curso de estética*. Lisboa: Estampa.

Capítulo V – Metodologia

Investigar o processo de produção do material didático para EaD é o objetivo desta pesquisa que utilizou para amostra de análise os materiais produzidos nos cursos de licenciatura na modalidade a distância e seus professores autores, no contexto da UAB, ofertados por três instituições de ensino superior públicas: UNIALFA, UNIGAMA e UNIBETA.

Apresenta-se agora o modelo de pesquisa desenvolvido neste trabalho, considerando o método, a abordagem e os fins de pesquisa, assim como os instrumentos de coleta de dados, análise e interpretação dos resultados e sua delimitação.

A metodologia empregada para investigar essas questões abrange uma abordagem de cunho qualitativo e de natureza descritiva e analítica, apoiada em pesquisa de campo. De acordo com Moreira “Pesquisa qualitativa é um termo que tem sido usado alternativamente para designar várias abordagens à pesquisa de ensino [...]” (Moreira, 1999, p. 32).

Primeiramente, foi mapeado o processo de produção de material didático identificando etapas, atividades, atores e informações do processo. A pesquisa de campo foi realizada nos cursos de Licenciatura (Pedagogia, Filosofia, Matemática, Química e Informática), utilizando-se o material didático das instituições referidas anteriormente (UNIALFA, UNIGAMA e UNIBETA).

A estratégia de verificação considerou uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva, com abordagem de análise qualitativa dos dados coletados por meio de análise documental (apostila) e um questionário semiestruturado com os professores-autores.

A abordagem qualitativa é muito utilizada como metodologia de pesquisa em educação e é a que melhor exprime a complexidade e a dinâmica dos fenômenos sociais e humanos (Moreira, 1999). A metodologia qualitativa fundamenta-se em visões filosóficas de cunho humanista e busca a compreensão dos fenômenos sociais, segundo a perspectiva dos atores investigados, mediante a participação na vida deles. Segundo Minayo (2000), o objeto das Ciências Sociais é histórico e essencialmente qualitativo, o que significa dizer ainda que, segundo a autora:

“As sociedades humanas existem num determinado espaço, num determinado tempo, que os grupos sociais que as constituem são mutáveis e que tudo, instituições, leis, visões de mundo são provisórios, passageiros, estão em constante dinamismo e potencialmente tudo está para transformado.” (Minayo, 2000, p.20).

Gamboa enfatiza que na abordagem qualitativa o foco da pesquisa centraliza-se na “experiência individual de situações”, no “processo de construção de significados”, e o principal critério do pesquisador é a “validade” (Gamboa, 2007, p.38). Lüdke e André (1986), também concordam que a questão do “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida é foco de atenção especial.

As características descritas revelam o tipo de metodologia da pesquisa a ser desenvolvida, além de classificá-la como pesquisa descritiva e explicativa quanto aos seus objetivos comuns, propiciando estudar a descrição das características dos sujeitos envolvidos, bem como suas opiniões e concepções sobre o objeto da investigação. Gil afirma que “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2007, p. 42). Triviños (1992) considera que a maioria das pesquisas que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva.

Na busca de respostas às questões da pesquisa, optou-se pela utilização de um questionário misto (questões fechadas e abertas) e de uma lista de verificação como instrumentos de coleta de dados.

5.1 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa contou com 16 professores-autores, sendo 10 do sexo feminino e 6 do sexo masculino e foram analisadas 36 apostilas produzidas para os cursos de licenciatura na modalidade a distância das Universidades Públicas do Maranhão: UNIALFA, UNIGAMA e UNIBETA.

5.2 Locais do Estudo

Os nomes reais das instituições de ensino superiores públicas investigadas foram substituídas para manter o anonimato das mesmas sendo desta forma adotados os nomes UNIALFA, UNIBETA, e UNIGAMA.

5.2.1 Universidade ALFA – UNIALFA

A trajetória da UNIALFA é alicerçada em um processo sociocultural de construção da estrutura física e humana, que contempla hoje inúmeros cursos de extensão, graduação e pós – graduação; incluindo os cursos a distância ofertados em municípios distantes da Cidade Universitária, no Campus do Bacanga na cidade de São Luís – MA, Brasil.¹³

Com a regulamentação da instituição, houve necessidade de se analisar as diretrizes da educação na UNIALFA, quais seus principais pressupostos e objetivos, metas e metodologias de ensino. Em 1993, a UNIALFA integra o Consórcio Universitário de

¹³ São Luís é o município mais populoso do Estado do Maranhão com 1 014 837 habitantes.

Educação Continuada e a Distância (BRASILEAD) que tinha como objetivo oferecer cursos, na modalidade a Distância, para áreas profissionais, especialmente para os bancários (Zordan, 2012).

Em 1998 com o surgimento de novos programas e projetos em EaD, tornou-se indispensável a criação de um espaço físico para atender a logística de desenvolvimento dos cursos a distância como: a produção de material didático, planejamento das atividades pedagógicas, parte administrativa e outros. A partir dessa demanda, foi criada a UNIALFA Virtual, um auditório que oferecia a estrutura para o desenvolvimento dos cursos em EaD.

Para Zordan (2012), a partir da criação desse ambiente específico de ensino na EaD, seria necessário que se rompesse a resistência ainda presente entre os docentes, levando-os a perceber as possibilidades da oferta de cursos que fariam uso das TIC.

No ano de 2006, a UNIALFA adere aos Programas do Governo Federal, sendo um deles o Programa UAB, que objetivava a formação de docentes utilizando a EaD para contemplar um número significativo de profissionais na área, com a finalidade de expandir e interiorizar a educação superior, regulamentado pelo Decreto nº 5.800, de 08 de Junho de 2006, que segue o acompanhamento dos cursos e das estruturas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

“A UAB é formada por instituições públicas que levarão o ensino superior público de qualidade aos Municípios brasileiros que não têm oferta ou cujos cursos ofertados não são suficientes para atender a todos os cidadãos. O conjunto de instituições públicas de ensino superior, em articulação e integração com o conjunto de polos municipais de apoio presencial, desenvolverão políticas públicas voltadas à ampliação e à interiorização da oferta do ensino superior e de qualidade no país.” (Segenreich, 2009, p.208).

Posteriormente a consolidação do programa UAB e, através da Portaria nº 682, de 17 de março de 2006 do MEC, a UNIALFA é credenciada e autorizada a ofertar cursos na modalidade a Distância (Bastos Filho & Teixeira, 2008).

Desde sua fase de revitalização o NEAD/UNIALFA teve como objetivo principal expandir e popularizar a modalidade de ensino a distância dentro da Instituição. O Núcleo de Educação a Distância conta hoje com uma estrutura adequada para realizar videoconferências, transmissões, gravação de videoaulas e manutenção de um ambiente virtual que conta com 11 mil alunos matriculados entre graduação, pós-graduação e extensão (Núcleo de Educação à Distância [NEAD], 2014).

Assim sendo, pode-se visualizar no organograma do NEAD/UNIALFA, as particularidades dos cursos na modalidade a distância, considerando a importância de se institucionalizar a EaD, através de uma articulação entre as suas coordenações internas (Bastos Filho & Teixeira, 2008). Identifica-se essa ação na figura 1:

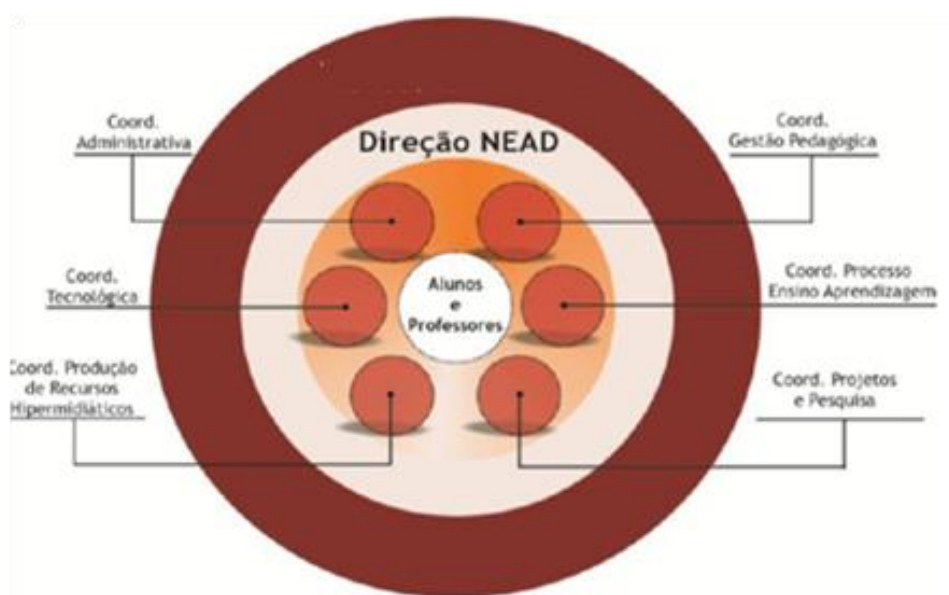


Figura 1 -Organograma do NEAD/UNIALFA
Fonte: NEAD, 2014

O NEAD tem, atualmente, nove professores doutores, dois auxiliares administrativos, dois técnicos em assuntos pedagógicos e três técnicos em informática, todos concursados com registro de vagas liberadas pelo Ministério da Educação através do programa UAB. Conta ainda com mais de quarenta colaboradores contratados como terceirizados, financiados pelos projetos de cursos de graduação e pós - graduação.

Diante do cenário de desenvolvimento o NEAD teve a necessidade de reestruturar sua equipe, constituindo coordenações que gerenciam as ações administrativas e pedagógicas, como no organograma acima, onde cada coordenação possui uma tarefa específica na parte administrativa, na gestão pedagógica, na elaboração de conteúdos, no controle e expansão de projetos e infraestrutura tecnológica.

A justificativa para a grande estrutura de pessoal centralizada no NEAD/UNIALFA é que hoje a oferta de cursos a distância se estendeu para 23 Polos de apoio presencial em todo o estado do Maranhão.

Nestes polos são ofertados os cursos de: Administração, Artes Visuais, Biologia, Química, Matemática, Pedagogia e Teatro. Na figura 2 visualiza-se a atuação nos polos UAB e Campi da Universidade.

O UNIGAMA possui hoje os cursos de Licenciatura em Informática e Licenciatura em Química oferecidos nos polos presenciais apresentados na figura 3.



Figura 3- Mapa dos Polos presenciais do UNIGAMA

O objetivo da EAD na UNIGAMA, dentro de um contexto bem amplo de inclusão, é atender a uma crescente democratização do ensino, criando possibilidades de acesso e escolarização a um contingente de pessoas que não têm ou não teriam condições de frequentar a educação escolar totalmente presencial.

Para dar sustentação às ações de formação em EAD, foi constituído o Núcleo de Educação a Distância (NUEAD), órgão criado com fins de fornecer suporte aos cursos a distância em suas necessidades operacionais.

A educação a Distância do Instituto contempla dos grandes projetos financiados pelo MEC com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE): a UAB no nível superior e o e-Tec Brasil no médio nível tecnológico. No plano estadual, tem ainda o Programa de Ações Articuladas (PAR) (UNIGAMA,2009).

5.2.3 Universidade BETA – UNIBETA

A UNIBETA definiu seus objetivos através da Resolução nº 73/98 do Cepe/UNIBETA, quando buscava “ampliar o espaço de atuação da UNIBETA, frente aos desafios geográficos limitadores da oferta de cursos presenciais” (Silva, 2009, p.5).

A implantação deste programa contou com a consultoria da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), uma das universidades pioneiras na oferta de cursos a distância no país. Iniciou com a autorização para o funcionamento do Curso de Magistério em Nível Médio (Magistério 2001), aprovado segundo Parecer nº. 246/98 e Resolução nº. 192/98 do Conselho Estadual de Educação (CEE). Esta primeira experiência com a modalidade de ensino a distância, tratava-se de uma concessão extraordinária do CEE, que permitiu a UNIBETA atuar no nível da educação básica no Estado do Maranhão. O curso contava com fascículos impressos adquirido da UFMT e era acompanhado de tutoria presencial, com tutores formados pela própria UFMT (Núcleo de Tecnologias para Educação [UNIBETANET],2014).

Em 2000, esta experiência proporcionou a criação do NEAD da UNIBETA, seguido em 2001, pelo credenciamento do MEC na oferta de cursos na modalidade a distância (Portaria nº 2.216, de 11/10/2001) e mudança para o atual nome de UNIBETANET, em maio de 2008. Um maior detalhamento deste processo será descrito no item referente à performance institucional do UNIBETANET.

Foi somente em 2005 que houve uma das grandes mudanças com a criação do primeiro bacharelado: o curso de Administração na modalidade a distância do projeto piloto da UAB. O projeto piloto da UAB construiu um consórcio nacional de instituições públicas (17 universidades federais e cinco estaduais) denominado de Fórum de Coordenadores do curso de Administração da UAB, composto pelos coordenadores de curso e coordenadores de EaD de cada instituição.

Em 2008, com a aprovação dos cursos de Pedagogia e Filosofia no Edital 02/2008 da UAB e a criação dos novos projetos do curso de Administração Pública e a pós-graduação em Gestão Pública, acredita-se que novas e intensas mudanças virão.

A estrutura de gestão do UNIBETANET está organizada de forma descentralizada em coerência com a estrutura multicampi adotada pela UNIBETA, a partir dos Centros de Estudos Superiores. Até o momento atende a um total de 36 (trinta e seis) polos organizados para suporte às atividades acadêmicas e encontros presenciais.

Na Figura 04 estão representados os polos presenciais da UNIBETA.

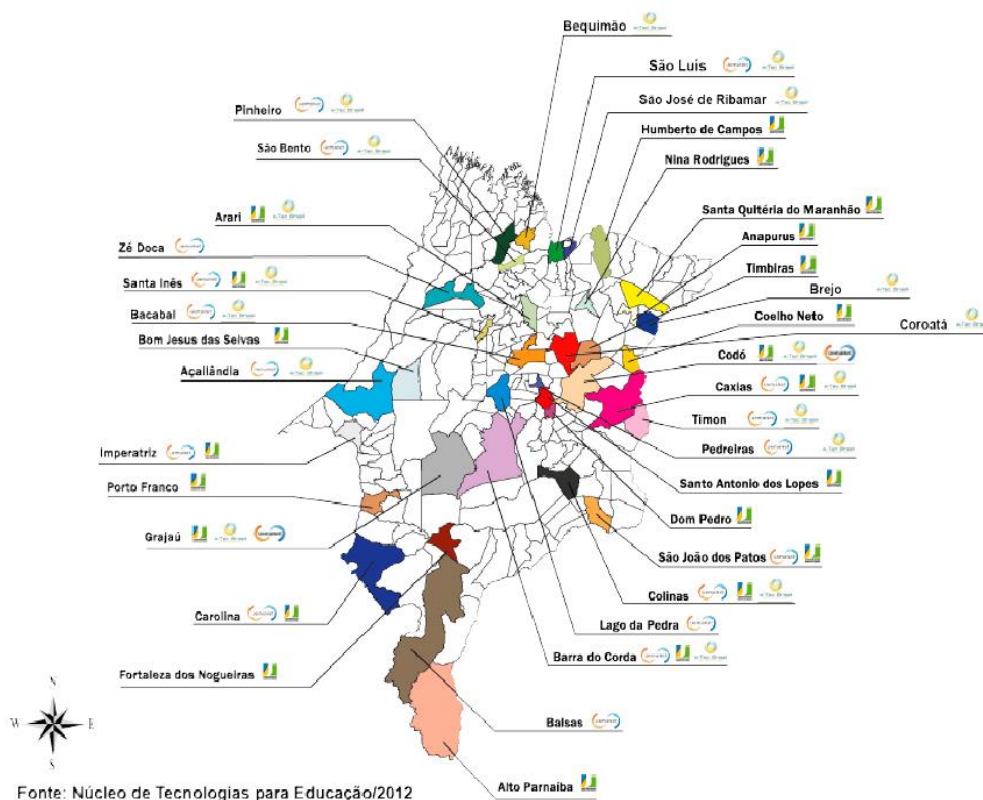


Figura 4- Mapa dos Polos presencias da UNIBETANET
Fonte: UNIBETANET

A UNIBETA, por meio do UNIBETANET, atua junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculando-se ao Sistema UAB, mediante o Programa Nacional de Formação em Administração Pública (PNAP), atuando na formação e qualificação de pessoal de nível superior que visa o exercício de atividades gerenciais e do Magistério Superior; e o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), ofertando cursos de primeira licenciatura e formação pedagógica para professores ou profissionais em exercício nas redes públicas de educação. Atua também junto à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), vinculando-se ao Programa Escola Técnica Aberta do Brasil (Rede e-Tec Brasil) com a oferta de cursos técnicos de nível médio a distância (UNIBETANET, 2014).

5.3 Instrumentos

Como instrumentos da pesquisa, utilizou-se: questionário, pesquisa documental e a análise do material impresso.

O questionário foi composto de dez perguntas (abertas e fechadas) estruturadas (Anexo I). Obteve-se 16 questionários preenchidos. A aplicação dos questionários foi realizada entre os meses de Agosto e Setembro de 2014, considerando-se, portanto, a disponibilidade de horário e local dos professores.

Utilizar o questionário como instrumento de coleta de dados proporciona inúmeras vantagens quando se deseja atingir uma amostra maior da população. No questionário misto são incluídas questões fechadas e abertas, onde o sujeito pesquisado escolhe sua resposta a partir de um conjunto de categorias.

A análise documental ocorreu de duas formas, na verificação e estudos para a construção do referencial teórico e também no preenchimento da Lista de Verificação de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EaD (LVCEAD) (Anexo I) elaborada por Schons (2009) com base em Laaser (1997), Aretio (2002), Peters (2002), Ims Global Learning Consortium (2002, 2003, 2007), Instituto Nacional de Educação à Distância [INED] (2003), Commonwealthof Learning [COL] (2005), Moore e Kearsley (2007), MEC (2007a). Sendo analisadas 36 apostilas dos seis cursos selecionados (Pedagogia, Filosofia, Matemática, Química e Informática).

A Lista de verificação utilizada possui 3 focos de atenção principais sendo o primeiro referente ao conteúdo dos materiais didáticos produzidos (qualidade e profundidade do material), o segundo diz respeito à linguagem abordada nos materiais e por fim, a estética (figuras, ícones, marcadores etc.) A lista de verificação com cada item comentado pode ser vista com maior detalhe no Anexo II.

5.4 Caracterização da Pesquisa

Considerando os procedimentos técnicos o estudo se desenvolveu inicialmente com uma pesquisa bibliográfica que correspondeu às informações pertinentes ao tema abordado como: Sociedade da informação e do conhecimento; Educação a distância; A importância dos materiais didáticos na EaD. No segundo momento deu-se a pesquisa documental dos materiais didáticos utilizados pelas IES pesquisadas.

Moreira (2005) destaca que a pesquisa documental especifica-se como processo de levantamento, verificação e interpretação de documentos, objetivando um fim predeterminado.

Os cursos selecionados para a análise dos materiais didáticos foram as licenciaturas em Pedagogia, Filosofia, Matemática, Química e Informática. O motivo da escolha destes cursos reflete-se na expectativa de que materiais didáticos produzidos por

professores de cursos ligados ao ensino possam gerar materiais de melhor qualidade didático-pedagógica. As disciplinas escolhidas em cada um dos cursos e instituições podem ser verificadas nas figuras 5 a 7.



Figura 5- Material analisando da UNIALFA



Figura 6- Material analisando do UNIGAMA

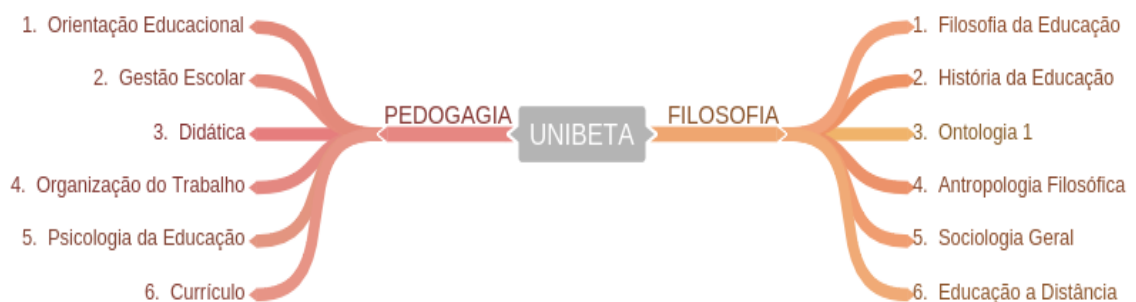


Figura 7- Material analisando da UNIBETA

De acordo com Severino na pesquisa documental “os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.” (Severino, 2007, p.28).

Capítulo VI – Análise dos Dados

A pesquisa desenvolveu-se levando em conta todas as fases de um estudo científico descritos por Freixo (2012), sendo a primeira fase dedicada a busca de informações para a construção do referencial teórico, bem como o estudo dos referenciais de qualidade para análise dos materiais didáticos para EaD.

Desta forma optou-se por utilizar uma grelha de análise intitulada Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EaD(LVCEAD) Elaborado por Schons (2009) com base em Laaser (1997), Aretio (2002), Peters (2002), Ims Global Learning Consortium (2002, 2003, 2007), INED (2003), COL (2005), Moore e Kearsley (2007), MEC (2007a). A escolha desta lista permitiu que se ganhasse tempo no estudo, bem como orientou para a escolha de um instrumento já validado por outros pesquisadores. A lista de verificação centra-se em três aspectos importantes para o material didático que são as componentes da estética, conteúdo e linguagem.

Na segunda etapa da pesquisa procedeu-se à aplicação dos questionários aos professores-autores com o intuito de obter mais dados sobre a forma como eles são capacitados e como produzem seus materiais.

Por fim, a análise dos dados obtidos juntos aos dois principais instrumentos da pesquisa, como se pode observar no quadro 3.

Fases de Investigação	
1ª Fase	Análise dos materiais para composição do referencial teórico, análise dos materiais didáticos (livro impresso) com base na lista de verificação (conteúdo, linguagem e estética).
2ª Fase	Aplicação do questionário com professores-autores para identificar as estratégias utilizadas pelos mesmos na produção do material didático para a EaD.
3ª Fase	Análise e interpretação dos dados obtidos.

Quadro 3- Fases de investigação
Fonte: Baseado em Freixo (2012)

A análise de materiais integra um conjunto de processos que se aplicam à análise das linguagens e cujo objetivo é obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a compreensão de uma comunicação escrita ou verbal (Goetz&Lecompte, 1984; McMillan& Schumaker, 1997; Bardin, 1997; Almeida& Freire, 2007). Procedimento de extrema importância, considerando que, numa investigação analítica, a fidelidade e

credibilidade dos processos de análise condiciona a qualidade informativa dos dados obtidos na pesquisa.

A análise dos itens foi realizada por uma equipe de três avaliadores, sendo dois professores da área da Tecnologia Educativa e Educação a Distância e da própria investigadora desta dissertação, que foram treinados para o efeito numa sessão de apresentação da lista orientada pela investigadora. Nessa sessão, clarificados os objetivos que presidiram à escolha e utilização da lista, foi exemplificada a análise de uma apostila escolhida de forma aleatória, podendo os avaliadores tirar dúvidas sobre aspectos relativos ao conteúdo dos itens e ao processo de análise.

Cada um dos três avaliadores, de forma independente, preencheu a sua lista de verificação para cada um dos itens avaliados. Terminada esta fase do processo, a equipe de avaliadores reuniu-se para analisar as respostas obtidas tendo sido apurado, pela aplicação da fórmula proposta por Esteves (2006), um grau de acordo ou consenso de 76%, valor que nos deu garantias sobre a validade das respostas obtidas.

Apresenta-se agora a análise dos dados obtidos através da avaliação do material didático das 3 (três) instituições de ensino superior pesquisadas a partir da LVCEAD, proposta por Schons(2009). Para a melhor interpretação visual dos dados definiu-se o seguinte padrão de cores: azul para o item “Atende”, amarelo para o item “Não Atende” e magenta para “Atende Parcialmente.”

6.1 Resultados da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos-Referente ao Conteúdo

A seguir apresentam-se as tabelas 1 a 3 com as cores destacadas em cada item, respectivamente.

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD DA UNIALFA																
CONTEÚDO	Pedagogia Apostila1	Pedagogia Apostila2	Pedagogia Apostila3	Pedagogia Apostila4	Pedagogia Apostila5	Pedagogia Apostila6	Matemática Apostila1	Matemática Apostila2	Matemática Apostila3	Matemática Apostila4	Matemática Apostila5	Matemática Apostila6	A= Atende	NA = Não Atende	P= Parcial	
1. Ter conhecimento do público-alvo	A	A	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	A	A	A	7	5	-	
2. Manter uma ordem lógica e relação entre as diferentes frases e parágrafos	A	A	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	12	-	-	
3. Conter bibliografia de referências	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	11	1	-	
4. Ter um sistema de acompanhamento e avaliação	P	A	P	A	P	P	NA	NA	NA	NA	A	NA	3	5	4	
5. Apresentar objetivos de aprendizagem claros e específicos	NA	A	NA	NA	NA	A	A	A	P	A	A	A	7	4	1	
6. Ter conteúdos que geram interatividade e motivação	A	NA	P	NA	P	NA	A	P	A	A	A	A	6	3	3	
7. Apresentar coesão do conteúdo com seções autossuficientes	A	A	P	P	P	NA	P	P	P	A	A	A	5	1	6	
8. Sequenciar e segmentar o conteúdo	A	A	A	P	P	P	A	P	P	A	A	A	7	-	5	
9. Ter guia do aluno com orientação sobre o curso	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	A	NA	A	A	NA	4	8	-	
10. Especificar equipe de elaboração do material didático	NA	NA	NA	NA	A	NA	P	P	A	NA	NA	NA	2	8	2	
11. Ter acréscimo de glossário	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	NA	NA	NA	1	11	-	
12. Apresentar lições com ordem lógica	A	A	A	A	A	A	A	NA	P	A	A	NA	10	1	1	
13. Orientar cada atividade do conteúdo	NA	A	NA	NA	P	NA	A	NA	P	A	A	NA	4	6	2	
14. Concretizar os conceitos através de exemplos	A	A	NA	A	A	A	A	A	P	A	A	A	10	1	1	
15. Utilizar sumário detalhado	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	11	-	1	
16. Destacar claramente quais são as ideias principais	A	A	P	P	P	P	A	A	P	P	A	NA	4	2	6	
17. Apresentar descrição geral de caso do uso em termos educacionais	A	A	P	A	A	A	A	A	P	A	A	A	10	-	2	
18. Respeitar questão de direitos autorais	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-	
19. Apresentar durabilidade e funcionalidade	A	A	P	A	A	A	A	P	A	A	A	A	10	-	2	
20. Fragmentar o texto em separadores, porções ou ideias fundamentais.	A	A	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	11	-	1	
21. Recapitular ideias principais ao fim das seções	NA	NA	NA	NA	NA	P	NA	P	NA	NA	A	NA	1	9	2	
22. Prover a formação inicial e familiarização com a EAD	NA	NA	NA	NA	NA	A	P	P	A	A	A	P	4	5	3	
23. Oferecer nos títulos pistas para recordar	NA	NA	NA	NA	NA	NA	P	NA	NA	A	A	NA	2	9	1	
													54	79	43	

Tabela 1 - Dados relativos ao conteúdo do material didático da Universidade ALFA

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD															
CONTEÚDO	Química Apostila1	Química Apostila2	Química Apostila3	Química Apostila4	Química Apostila5	Química Apostila6	Informática Apostila1	Informática Apostila2	Informática Apostila3	Informática Apostila4	Informática Apostila5	Informática Apostila6	A= Atende	NA = Não Atende	P= Parcial
1. Ter conhecimento do público-alvo	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
2. Manter uma ordem lógica e relação entre as diferentes frases e parágrafos	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
3. Conter bibliografia de referências	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
4. Ter um sistema de acompanhamento e avaliação	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	NA	NA	1	11	-
5. Apresentar objetivos de aprendizagem claros e específicos	NA	NA	NA	A	NA	NA	A	A	NA	NA	NA	NA	3	9	-
6. Ter conteúdos que geram interatividade e motivação	NA	A	NA	A	A	A	A	P	NA	NA	NA	NA	5	6	1
7. Apresentar coesão do conteúdo com seções autossuficientes	NA	A	NA	NA	A	A	A	P	NA	NA	NA	A	5	6	1
8. Sequenciar e segmentar o conteúdo	A	A	P	P	A	A	A	A	NA	NA	P	NA	6	3	3
9. Ter guia do aluno com orientação sobre o curso	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
10. Especificar equipe de elaboração do material didático	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
11. Ter acréscimo de glossário	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	NA	NA	NA	P	1	10	1
12. Apresentar lições com ordem lógica	A	A	A	P	A	A	A	NA	NA	NA	NA	A	7	4	1
13. Orientar cada atividade do conteúdo	NA	NA	NA	P	P	P	A	NA	NA	NA	NA	P	1	7	4
14. Concretizar os conceitos através de exemplos	P	A	P	NA	A	P	P	A	P	NA	NA	NA	3	4	5
15. Utilizar sumário detalhado	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	NA	10	2	-
16. Destacar claramente quais são as ideias principais	A	A	A	NA	A	NA	NA	A	A	NA	NA	P	6	5	1
17. Apresentar descrição geral de caso do uso em termos educacionais	P	P	A	NA	A	A	A	A	A	NA	NA	A	7	3	2
18. Respeitar questão de direitos autorais	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	P	A	11	-	1
19. Apresentar durabilidade e funcionalidade	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	P	11	-	1
20. Fragmentar o texto em separadores, porções ou ideias fundamentais.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	NA	10	2	-
21. Recapitular ideias principais ao fim das seções	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	NA	NA	NA	NA	2	10	-
22. Prover a formação inicial e familiarização com a EAD	A	A	NA	A	A	A	A	P	NA	NA	NA	NA	6	5	1
23. Oferecer nos títulos pistas para recordar	NA	NA	NA	NA	P	NA	P	NA	NA	NA	NA	NA	-	10	2
													119	133	24

Tabela 2- Dados relativos ao conteúdo do material didático da Universidade GAMA

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD															
CONTEÚDO	Pedagogia Apostila1	Pedagogia Apostila2	Pedagogia Apostila3	Pedagogia Apostila4	Pedagogia Apostila5	Pedagogia Apostila6	Filosofia Apostila1	Filosofia Apostila2	Filosofia Apostila3	Filosofia Apostila4	Filosofia Apostila5	Filosofia Apostila6	A= Atende	NA = Não Atende	P= Parcial
1. Ter conhecimento do público-alvo	NA	A	A	A	A	A	A	NA	NA	NA	NA	NA	6	6	-
2. Manter uma ordem lógica e relação entre as diferentes frases e parágrafos	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
3. Conter bibliografia de referências	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
4. Ter um sistema de acompanhamento e avaliação	NA	NA	P	NA	A	NA	NA	A	NA	NA	NA	NA	2	9	1
5. Apresentar objetivos de aprendizagem claros e específicos	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
6. Ter conteúdos que geram interatividade e motivação	NA	A	A	A	A	NA	A	NA	A	A	A	P	8	3	1
7. Apresentar coesão do conteúdo com seções autossuficientes	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	A	11	-	1
8. Sequenciar e segmentar o conteúdo	A	A	A	A	A	P	P	P	A	A	A	A	9	-	3
9. Ter guia do aluno com orientação sobre o curso	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
10. Especificar equipe de elaboração do material didático	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	NA	A	A	10	2	-
11. Ter acréscimo de glossário	A	A	NA	NA	NA	NA	A	NA	NA	NA	NA	NA	3	9	-
12. Apresentar lições com ordem lógica	A	NA	A	P	A	NA	NA	A	A	A	A	A	8	3	1
13. Orientar cada atividade do conteúdo	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	1	11	-
14. Concretizar os conceitos através de exemplos	P	A	A	P	P	P	P	P	NA	P	P	P	2	1	9
15. Utilizar sumário detalhado	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
16. Destacar claramente quais são as ideias principais	P	A	A	NA	P	A	P	A	P	A	A	P	6	1	5
17. Apresentar descrição geral de caso do uso em termos educacionais	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
18. Respeitar questão de direitos autorais	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
19. Apresentar durabilidade e funcionalidade	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
20. Fragmentar o texto em separadores, porções ou ideias fundamentais.	A	A	A	P	P	A	P	A	P	A	A	A	8	-	4
21. Recapitular ideias principais ao fim das seções	A	NA	NA	NA	A	A	NA	A	A	A	A	NA	7	5	-
22. Prover a formação inicial e familiarização com a EAD	NA	A	A	P	NA	NA	P	P	P	A	A	A	5	3	4
23. Oferecer nos títulos pistas para recordar	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	P	A	NA	2	9	1
													172	74	30

Tabela 3 - Dados relativos ao conteúdo do material didático da Universidade BETA

Realizando uma análise a partir dos totais obtidos nas tabelas apresentadas anteriormente e calculando seus percentuais, pode-se perceber que os materiais produzidos pela UNIALFA (56%) e UNIBETA (62%) no critério conteúdo possuem uma qualidade superior a 50%. Sendo que o UNIGAMA com (43%) não conseguiu atingir o percentual igual ou superior a 50% (tabela 4).

	ATENDE		NÃO ATENDE		ATENDE PARCIALMENTE	
UNIALFA	154	56%	79	29%	43	16%
UNIGAMA	119	43%	133	48%	24	9%
UNIBETA	172	62%	74	27%	30	11%

Tabela 4 - Somatório dos itens da lista de verificação referente ao conteúdo

Os critérios relacionados ao conteúdo devem ser elaborados de forma que estimulem os alunos a desempenhar um papel ativo em sua própria aprendizagem. Neste mesmo entendimento, Masseto quando relata que

“É a forma de se representar e tratar um conteúdo que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela.” (Masseto, 2008, p.144).

No que se refere ao item conteúdo, da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EAD é possível observar nas figuras: 08, 09, 10 e 11 os Exemplos de alguns critérios que Atendem (A) e que não atendem (NA) identificados nas apostilas analisadas.

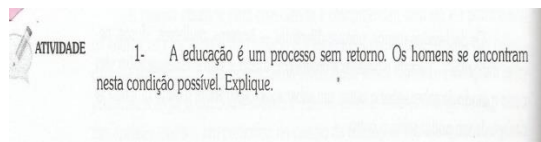
CONTEÚDO_13- Orientar cada atividade do conteúdo	
ATIVIDADE: Pesquise a cultura de um povo e comente sobre seus peculiares conhecimentos matemáticos. Tal conhecimento deve ser socializado com sua turma, estabelecendo comparativos quanto aos procedimentos matemáticos apresentados por seus colegas de sala de aula, considerando a evolução da história humana. É importante não gerar conceitos deturpados sobre as culturas, pois já destacamos que o Programa Etnomatemática não encontra demérito em nenhuma delas.	
Curso: Pedagogia_Disciplina: Fund. Met. Do Ens. Matemática	Curso: Filosofia_Disciplina: Antropologia Filosófica
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 8 – Atende e Não Atende o item 13_Conteúdo

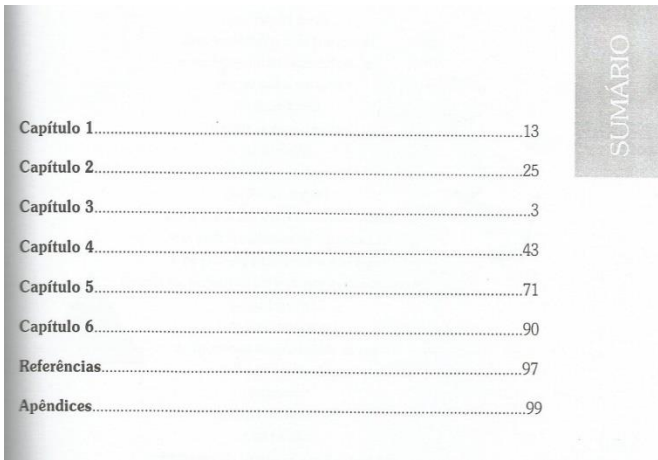
CONTEÚDO _15- Utilizar sumário detalhado	
SUMÁRIO APRESENTAÇÃO UNIDADE 1 TRAJETÓRIA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL .. 15 Breve Histórico da Orientação Educacional no Brasil 15 Práticas educativas e Orientação Educacional 21 UNIDADE 2 FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL 29 A Orientação Educacional: objetivos, princípios e funções 29 Perspectivas da Orientação Educacional 33 UNIDADE 3 A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR 37 A escola e seus desafios atuais 37 A prática da orientação educacional: planejamento, projetos de intervenção e técnicas de trabalho 41 Momentos de intervenção: a orientação educacional na infância e na adolescência 45 REFERÊNCIAS 57	
Curso: Pedagogia_Disciplina: Orientação Educacional	Curso: Informática_Disciplina: Introdução a Computação
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 9 – Atende e Não Atende o item 15_Conteúdo

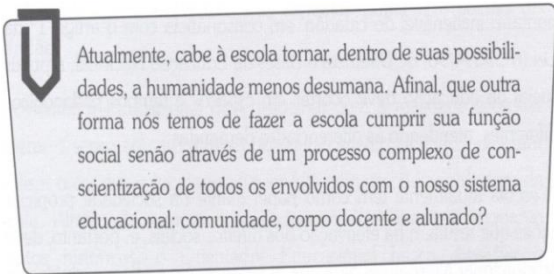
CONTEÚDO _16- Destacar claramente quais são as ideias principais	
 Atualmente, cabe à escola tornar, dentro de suas possibilidades, a humanidade menos desumana. Afinal, que outra forma nós temos de fazer a escola cumprir sua função social senão através de um processo complexo de conscientização de todos os envolvidos com o nosso sistema educacional: comunidade, corpo docente e alunado?	Então, para efeito de intervenções pedagógicas mais satisfatórias, com o sujeito criança, na etapa e no contexto da educação infantil, é preciso situá-la em suas bases biopsicossociais, sabendo que o desenvolvimento de uma criança não acontece de forma linear. As mudanças que vão se produzindo ocorrem de forma gradual, são períodos contínuos que vão se sucedendo e se superpondo. Fonseca (2008) parece assumir uma posição pautada no pensamento dos estudiosos referenciados no materialismo histórico dialético quando afirma: Defendo a ideia de que o desenvolvimento da criança depende, fundamentalmente, da experiência social, isto é, da ação e da mediação que os adultos lhes proporcionam. É a recreação pelo adulto de um ambiente próprio que concretiza o conjunto de condições (estímulos, situações, tarefas, etc.) que estão na base do desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo da criança. Fonseca, (2008, p.514). Durante seu percurso de vida a criança experimenta avanços e retrocessos, vivendo seu desenvolvimento de modo particular. Assim, na construção de si, em cada idade há um jeito próprio de se manifestar, uma sincrasia ¹¹. Portanto, antecipar etapas e não estimular a criança por meio de ricas experiências, compatíveis com a fase de desenvolvimento, podem ser geradores de futuros conflitos e dificuldades de várias ordens: psíquicos, afetivos, sociais e cognitivos. Eis o desafio histórico da escola e da família: conhecer e respeitar o desenvolvimento infantil pelas suas características. Quando se utilizam os fundamentos teóricos e metodológicos na observação das formas como a criança se relaciona com o meio, com seus pares, com seus brinquedos, como manifestam suas vontades e afetos, apreende-se sobre seu jeito de ser, de lidar com suas frustrações...conflitos na construção do conhecimento. A educação infantil não prescinde de uma pedagogia que favoreça a interação da criança com o mundo, com todos os que a cercam e com ela mesma. Desta forma, essa etapa de ensino poderá viabilizar as condições para que o potencial de desenvolvimento da criança se realize por meio de experiências regidas segundo a intencionalidade do professor. Sob a perspectiva de VIGOTSKI, (2004, p. 73) essa intencionalidade do professor sugere que "[...] cabe ao mestre um papel ativo: o de cortar, talhar e esculpir os elementos do meio, combiná-los pelos mais variados modos para que eles realizem a tarefa de que ele, o mestre, necessita". Num aprofundamento desse pensamento poder-se-ia concluir que essa necessidade do mestre, é que seu aluno aprenda e então, se desenvolva. Assim, mediados pelo objetivo de compreender como se desenvolvem as crianças abordando o aspecto cognitivo, físico e motor desde o nascimento e durante a sua infância poder-se-ia perguntar: como se desenvolvem as crianças no contexto da educação infantil? A partir desta indagação, certamente se poderá percorrer vários caminhos em busca do entendimento sobre essa questão. Esses caminhos são as explicações sobre formas de desenvolvimento da criança por meio de diferentes perspectivas teóricas. 11 Sincrasia corresponde ao jeito próprio de cada indivíduo se comportar. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
Curso: Química_Disciplina: Fundamentos da Educação	Curso: Pedagogia_Disciplina: Fundamentos Educação Infantil
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 10 – Atende e Não Atende o item 16_Conteúdo

CONTEÚDO _21- Recapitular ideias principais ao fim das seções	
RESUMINDO Nesta unidade você estudou os conteúdos da Didática que tratam da formação do docente. Compreendeu que o conteúdo da Pedagogia tem uma estreita relação com a sociedade e o homem, o que implica a necessidade de entender as questões sociais, ao mesmo tempo em que exige também o entendimento da dinâmica do próprio conhecimento, requerendo do professor métodos e técnicas apropriadas ao processo ensino-aprendizagem. Assim, você estudou: • A relação entre teoria e prática e sua importância para a ação pedagógica e para a compreensão do processo não dicotomizado do conhecimento. • A cultura e a didática intercultural como o eixo articulador de uma metodologia de ensino que dialoga com as diferenças na escola e na sala de aula. • O método de ensino como a organização didática do trabalho docente, com vistas ao alcance de objetivos voltados para a aprendizagem dos alunos.	desejo do educador incluir o(a) aluno(a) no contexto de ensino e aprendizagem. Assim, têm-se nas perspectivas teóricas objetivistas, subjetivistas e interacionistas, posicionamentos reducionistas que se não forem utilizadas com cautela no contexto pedagógico com as crianças. Na Educação Infantil, certamente reforçarão a exclusão de crianças do processo escolar nas situações de aprendizagens. Da perspectiva histórico cultural, destaca-se Vigotski como fundador, evidenciando-se a influência do materialismo histórico dialético de Karl Marx, na construção do aporte conceitual desta abordagem. Sob esta perspectiva, as crianças são consideradas como sujeitos multideterminados. Assim, a partir dessa posição teórica encontra-se um forte subsídio para ampliar práticas pedagógicas consubstanciadas pelas características físicas, psicológicas, históricas, sociais e culturais que correspondam às demandas da criança como sujeito histórico de aprendizagem. Na consecução das reflexões questiona-se: que implicações os fundamentos teóricos que têm subjacentes as concepções apresentadas poderão trazer para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças na educação infantil? Que abordagem ou teoria poderá ou poderão corresponder às suas demandas socioafetivas, psíquicas e habilidades cognitivas? Os questionamentos fundamentam-se principalmente em função de dois aspectos inerentes ao desenvolvimento humano: as características filogenéticas e ontogenéticas⁷. s, etc. O termo modelo não se refere à ideia de modelo idealizado, mas sim, expresso nas práticas e discursos do cotidiano educacional⁸. Para aprofundamentos sobre a trajetória histórica da Educação Infantil no Brasil, acesse: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde14/rbde14_03_moysses_kuhlmann_ir.pdf No tocante as novas formas de conceber a criança a partir de orientações e diretrizes legais assistindo ao vídeo com entrevista da Profa Gisela Wasjkop (Drª em Educação da USP) acesse: http://www.youtube.com/watch?v=W4LWNfH1xzc
Curso: Pedagogia_Disciplina: Didática	Curso: Química_Disciplina: Psicologia
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 11 – Atende e Não Atende o item 21_Conteúdo

Para a análise dos itens da LVCEAD, verificou-se que nem todos os materiais atingiram um percentual de 100%, portanto destaca-se a seguir os itens mais pontuais em cada uma das instituições no que tange ao **conteúdo**.

- Manter uma ordem lógica e relação entre as diferentes frases e parágrafos (apresenta em ordem lógica as unidades através de breve introdução e exemplos práticos para apresentar o conteúdo), as três instituições atingiram a porcentagem máxima neste quesito (**UNIALFA**, **UNIGAMA** e **UNIBETA**).
- Conter bibliografia de referências (citar referências no final de cada unidade e bibliografia complementar numa seção intitulada “Saiba mais”), a **UNIGAMA** e a **UNIBETA** alcançaram a porcentagem máxima.
- Apresentar objetivos de aprendizagem claros e específicos (deixar claro os objetivos que se propõe a alcançar durante o curso em cada capítulo), somente a **UNIBETA** conseguiu o objetivo.
- Utilizar sumário detalhado (apresentar sumário com subseções), somente a **UNIBETA** fez o detalhamento.
- Apresentar descrição geral de caso do uso em termos educacionais (o livro apresenta conteúdo claro e vários exemplos), somente a **UNIBETA** seguiu a proposta.

- f) Respeitar questão de direitos autorais (obedece às leis de direitos autorais, valorizando a propriedade intelectual do conteúdo e obter autorização formal), a **UNIALFA** e a **UNIBETA** alcançaram a percentagem máxima.
- g) Apresentar durabilidade e funcionalidade (conteúdo evolutivo e dinâmico, tratando de toda história, seus modelos e tendências) somente a **UNIBETA** atendeu tal item.

Os outros itens podem ser melhor apreciados na lista de verificação dos critérios de conformidade dos materiais assíncronos para EaD – Porcentagem (Anexo III).

6.2 Resultados da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos-Referentes a Linguagem

A seguir apresentam-se as tabelas 5 a 7 com as cores destacadas em cada item, respectivamente.

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD

LINGUAGEM	Pedagogia Apostila1	Pedagogia Apostila2	Pedagogia Apostila3	Pedagogia Apostila4	Pedagogia Apostila5	Pedagogia Apostila6	Matemática Apostila1	Matemática Apostila2	Matemática Apostila3	Matemática Apostila4	Matemática Apostila5	Matemática Apostila6	A = ATENDE	NA = NÃO ATENDE	P = PARCIAL
1. Apresentar conceitos e argumentos claros	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
2. Manter estilo conversacional com incentivos e amigável	NA	A	A	NA	P	A	NA	NA	NA	P	NA	NA	3	7	2
3. Utilizar abordagem lógica com método dedutivo e método indutivo	NA	P	A	NA	P	P	P	A	P	P	A	A	4	2	6
4. Apresentar linguagem inclusiva e acessível	A	A	A	A	P	A	A	A	P	P	P	A	8	-	4
5. Manter esquema de correção	NA	NA	NA	P	NA	NA	NA	A	NA	NA	A	NA	2	9	1
6. Ter parágrafos com uma ou duas ideias principais	A	A	A	P	A	A	A	A	A	A	A	A	11	-	1
7. Propor frases curtas, bem estruturadas e conectadas entre si	A	A	P	A	A	A	A	A	A	A	A	A	11	-	1
8. Apresentar orações sem negações em excesso	A	A	A	P	A	A	A	A	A	A	A	A	11	-	1
9. Escrever verbos ativos e diretos, verbos de ação, em voz ativa e no presente	NA	A	P	P	P	P	A	A	P	P	A	NA	4	2	6
10. Apresentar palavras concretas	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
11. Explicar todos os termos técnicos e expressões idiomáticas	A	A	A	A	P	P	A	P	A	A	A	A	9	-	3
12. Combinar o estilo com o assunto a ser tratado	A	A	A	A	P	A	A	P	A	A	A	A	10	-	2
13. Estruturar as ideias por tópico a tópico	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
14. Utilizar estilo pessoal, usando “você” aos alunos e referindo-se a si por “eu”	NA	A	P	P	P	P	A	NA	NA	P	NA	NA	2	5	5
15. Não economizar conectivos entre palavras e frases	A	A	A	P	P	P	A	P	A	P	P	P	5	-	7
16. Evitar as palavras desnecessárias e difíceis de entender	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
17. Evitar o uso de verbos substantivados	A	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	11	-	1
18. Usar pronomes pessoais e possessivos	NA	A	P	P	P	P	A	P	NA	P	NA	NA	1	4	7
19. Utilizar de forma equilibrada metáforas, analogias, repetições e comparações.	A	A	A	P	A	A	A	A	P	P	A	A	9	-	3
													149	29	50

Tabela 5 - Dados relativos à linguagem do material didático da Universidade ALFA

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD

LINGUAGEM	Química Apostila1	Química Apostila2	Química Apostila3	Química Apostila4	Química Apostila5	Química Apostila6	Informática Apostila1	Informática Apostila2	Informática Apostila3	Informática Apostila4	Informática Apostila5	Informática Apostila6	A= ATENDE	NA = NÃO ATENDE	P= PARCIAL
1. Apresentar conceitos e argumentos claros	A	A	A	P	A	A	A	A	A	A	P	A	10	-	2
2. Manter estilo conversacional com incentivos e amigável	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	P	NA	NA	NA	NA	-	11	1
3. Utilizar abordagem lógica com método dedutivo e método indutivo	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	NA	NA	NA	NA	1	11	-
4. Apresentar linguagem inclusiva e acessível	P	P	A	P	A	P	A	A	NA	A	A	A	7	1	4
5. Manter esquema de correção	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
6. Ter parágrafos com uma ou duas ideias principais	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	NA	NA	P	8	3	1
7. Propor frases curtas, bem estruturadas e conectadas entre si	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	NA	A	11	1	-
8. Apresentar orações sem negações em excesso	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
9. Escrever verbos ativos e diretos, verbos de ação, em voz ativa e no presente	P	NA	NA	NA	NA	P	A	P	NA	NA	NA	P	1	7	4
10. Apresentar palavras concretas	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
11. Explicar todos os termos técnicos e expressões idiomáticas	P	NA	P	P	A	P	P	P	A	P	P	P	2	1	9
12. Combinar o estilo com o assunto a ser tratado	A	P	A	A	A	A	A	A	A	P	NA	A	10	2	-
13. Estruturar as ideias por tópico a tópico	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	NA	10	2	-
14. Utilizar estilo pessoal, usando “você” aos alunos e referindo-se a si por “eu”	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
15. Não economizar conectivos entre palavras e frases	A	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	NA	NA	9	3	-
16. Evitar as palavras desnecessárias e difíceis de entender	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	P	A	11	-	1
17. Evitar o uso de verbos substantivados	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
18. Usar pronomes pessoais e possessivos	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
19. Utilizar de forma equilibrada metáforas, analogias, repetições e comparações.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	P	A	11	-	1
													126	77	25

Tabela 6 - Dados relativos à linguagem do material didático da Universidade GAMA

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD

LINGUAGEM	Pedagogia Apostila1	Pedagogia Apostila2	Pedagogia Apostila3	Pedagogia Apostila4	Pedagogia Apostila5	Pedagogia Apostila6	Filosofia Apostila1	Filosofia Apostila2	Filosofia Apostila3	Filosofia Apostila4	Filosofia Apostila5	Filosofia Apostila6	A = ATENDE	NA = NÃO ATENDE	P = PARCIAL
1. Apresentar conceitos e argumentos claros	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
2. Manter estilo conversacional com incentivos e amigável	NA	P	A	P	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	2	8	2
3. Utilizar abordagem lógica com método dedutivo e método indutivo	P	A	A	A	A	A	P	P	P	P	A	A	7	-	5
4. Apresentar linguagem inclusiva e acessível	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	A	A	11	-	1
5. Manter esquema de correção	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	12	-	-
6. Ter parágrafos com uma ou duas ideias principais	A	NA	A	A	P	NA	P	A	P	P	A	A	6	2	4
7. Propor frases curtas, bem estruturadas e conectadas entre si	A	A	A	A	P	A	P	A	P	A	A	P	8	-	4
8. Apresentar orações sem negações em excesso	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
9. Escrever verbos ativos e diretos, verbos de ação, em voz ativa e no presente	NA	A	A	A	A	A	A	NA	P	NA	P	A	7	3	2
10. Apresentar palavras concretas	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
11. Explicar todos os termos técnicos e expressões idiomáticas	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	A	11	-	1
12. Combinar o estilo com o assunto a ser tratado	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
13. Estruturar as ideias por tópico a tópico	A	NA	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	10	1	1
14. Utilizar estilo pessoal, usando “você” aos alunos e referindo-se a si por “eu”	NA	P	A	NA	A	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	2	9	1
15. Não economizar conectivos entre palavras e frases	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
16. Evitar as palavras desnecessárias e difíceis de entender	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
17. Evitar o uso de verbos substantivados	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
18. Usar pronomes pessoais e possessivos	NA	P	A	NA	A	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	2	9	1
19. Utilizar de forma equilibrada metáforas, analogias, repetições e comparações.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
													174	32	22

Tabela 7 - Dados relativos à linguagem do material didático da Universidade BETA

Em relação aos critérios de linguagem vistos nas tabelas: 5, 6 e 7, verifica-se que o item “Atende” está presente em todos os materiais pesquisados, uma vez que todos atendem um percentual acima de 50%, ou seja, UNIALFA (65%), UNIGAMA (55%) e UNIBETA (76%) conforme se pode verificar na tabela 8.

	ATENDE		NÃO ATENDE		ATENDE PARCIALMENTE	
UNIALFA	149	65%	29	13%	50	22%
UNIGAMA	126	55%	77	34%	25	11%
UNIBETA	174	76%	32	14%	22	10%

Tabela 8 - Somatório dos itens da lista de verificação referente à linguagem

A tabela 8 mostra os dados comparativos em relação à linguagem, os quais condizem com referências anteriores e da destaque para a importância de uma linguagem clara, pessoal, simples, dialógica e direta para elaboração de um material assíncrono que corresponde ao pensamento de Fernandez, quando diz que:

“A linguagem utilizada no material deve ser clara, direta, expressiva e dialogada. No caso do material impresso é o aspecto que apresenta a maior dificuldade, visto que o autor utiliza textos resultantes de suas produções científicas e costuma não levar em consideração o perfil de seus alunos, exigindo conhecimentos prévios de certos assuntos que o aluno ainda não os tem.” (Fernandez, 2009, p.39).

No que se refere a linguagem, da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EAD é possível observar nas figuras: 12, 13, 14 e 15 os Exemplos de critérios que Atendem (A) e que não atendem (NA) identificados nas apostilas analisadas.

LINGUAGEM _ 1- Apresenta conceitos e argumentos claros.	
ANTROPOLOGIA NA EDUCAÇÃO A educação pode ser vista como um processo de interação social entre duas culturas no quadro de uma mesma sociedade: a cultura dos adultos e os padrões de desenvolvimento comportamental das crianças. O conhecimento antropológico das ideias infantis e dos conceitos de que estas se socorrem, inventam e definem, é central para os processos relacionados com a produção e reprodução social.  A compreensão antropológica da educação é também central para uma discussão informada sobre tópicos educacionais, como o multiculturalismo, a literacia e as distribuições assimétricas do capital cultural, que são temas centrais das sociedades contemporâneas. No quadro desta área de pesquisa analisam-se diferentes contextos do processo educacional, desde a família e a comunidade até à interação social entre as crianças, e, finalmente, até instituições de natureza mais formal, como escolas, departamentos educacionais, cursos de formação de professores e algumas áreas do conhecimento envolvidas nos processos educacionais. Saiba mais Multiculturalismo (ou pluralismo cultural) é um termo que descreve a existência de muitas culturas numa região, cidade ou país, com no mínimo uma predominante. Literacia - a capacidade de cada indivíduo compreender e usar a informação escrita, contida em vários materiais impressos, de modo a desenvolver seus próprios conhecimentos.	Como o ser não é um gênero não é possível uma ciência dele, isto é, não é possível uma ciência unívoca de algo que é plurívoco. Mas, não seria possível um discurso plurívoco sobre o ser como o próprio Estagirita dá a entender na <i>Ética a Nicômaco</i> quando afirma que “a opinião de todos é medida do ser” (EN, X, 2 1173a1)? A questão é ainda mais grave, pois a dificuldade não está em que o ser seja plurívoco, mas em que ele é equívoco. O ser é plurívoco por que, no fundo, é equívoco. Não sendo um gênero ele se presta a enganos e a interpretações duvidosas e ambíguas. Esse é o espectro que ronda toda a tentativa de formular-se uma ciência do ser enquanto ser. O ser é equívoco por que se é levado a tomar por ser aquilo que não é. O ser é furtivo. Ele resiste não apenas à monotonia de um só discurso, como à polifonia dos discursos variados. Assim à famosa expressão de que “o ser se diz de vários modos” é também uma tentativa de dizer o que, a rigor, sem o risco de contra sentidos, não pode ser dito.
Curso: Pedagogia_Disciplina: Antropologia	Curso: Filosofia_Disciplina: Ontologia I
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 12 - Atende e Não Atende o item 1_Linguagem

LINGUAGEM _ 7- Propor frases curtas, bem estruturadas e conectadas entre si.	
AUTONOMIA FINANCEIRA: a escola pública é uma unidade escolar que tem como função principal o atendimento ao cidadão, oferecendo acesso à educação de qualidade. Tal unidade, certamente, não age sozinha, mas depende de recursos para operacionalizar suas atividades. Desse modo, necessita também de normas para direcionar esse trabalho. Desse modo a escola pública faz parte do sistema de administração pública da administração federal, estadual ou municipal, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9394/96. Dentre seus mecanismos de sustentação está a gestão financeira, existindo, assim, duas formas de aplicação dos recursos que financiam a escola: a centralizada e a descentralizada. A aplicação centralizada, que corresponde a maior parte dos recursos que financiam a escola, acontece por meio do órgão ao qual está a escola diretamente ligada, geralmente a Secretaria de Educação. Deste modo os recursos chegam à escola sob forma de benefícios, a saber: pagamento dos servidores, carteiras, estrutura física. A aplicação descentralizada é feita pela escola, que por meio dos recursos públicos pode realizar a aquisição de materiais e contratação de serviços executados direto na escola. A escola pública pode ser entendida também como uma unidade administrativa, estando, entretanto, vinculada ao sistema de administração pública da educação, como podemos perceber no gráfico que segue:	Para cumprir essa missão e assumir tais funções a escola terá de sofrer alterações estruturais e organizacionais, de forma a ganhar maior flexibilidade e maior coerência com a proposta educacional requerida e almejada. Da mesma forma, o papel do professor terá de ser revisto: deixa de ser o simples transmissor e repassador de um conhecimento já produzido para se tornar o mediador do conhecimento, o mobilizador de energias, aquele que investiga e aprende junto com os alunos, descobre e favorece o desenvolvimento de talentos, instiga a busca e a descoberta. A tarefa de ensinar ganha contornos totalmente novos, uma vez que o professor não é mais aquele que ensina, mas sim o que viabiliza o processo de aprendizagem dos alunos. Ele é o organizador do ambiente de aprendizagem e, para tanto, mobiliza e articula as forças sociais existentes, estabelece parcerias – com os alunos principalmente – trabalha com as suas experiências e busca a sua articulação com o saber escrito. São muitas as dificuldades que ele terá de enfrentar para assumir seu novo papel. Por isso, é importante que não trabalhe isoladamente.
Curso: Matemática_Disciplina: Pré-Cálculo I	Curso: Química_Disciplina: Política educacional
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 13 - Atende e Não Atende o item 7_Linguagem

LINGUAGEM _ 11- Explica todos os termos técnicos e expressões idiomáticas.	
Bioética como um tipo de ética, senão como parte integrante dos estudos morais contemporâneos, o que a torna uma especificidade dos discursos axiológicos mais gerais. E, como tal, ela fica submetida às mesmas regras de qualquer valoração. Nessa ótica, uma operação axiológica realizada por um bioeticista é, na verdade, a apropriação de regras gerais da valoração. Saber, portanto, como operamos as nossas valorações é de fundamental importância para deciframos as valorações bioeticistas em particular. E sobre o quê operam as valorações bioeticistas? Elas operam basicamente sobre as mudanças, consequências e promessas de mudanças, no âmbito da organização da vida, ocorridas com as ciências nos últimos séculos.	 Operação axiológica é qualquer operação semântica que implique uma valoração, como são os juízos de valor que fazemos sobre os estados de coisa. Por exemplo, quando digo "é bom que se fale a verdade em um tribunal para evitar perjúrio", isso é uma operação axiológica e o termo "é bom que" é o operador axiológico. Os anos de 1990 trouxeram para a educação brasileira novidades, inclusive quanto ao referencial teórico presente nas Propostas Curriculares. O fundamento Cognitivista/ Construtivista, motivado pelos pilares da educação, instituídos pela UNESCO – aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver –, configuraram novas alternativas metodológicas para a ação educativa. De tais pilares, surgem as competências e habilidades, atentando à sociedade hodierna, haja vista a ideologia mercadológica existente no mundo contemporâneo, muito embora o sentido das séries iniciais esteja na preparação para a vida. Das competências e habilidades, nascem os objetivos conceituais, procedimentais e atitudinais, sistematizando uma ação educativa que ultrapassa a perspectiva do conceito, tão comum em meio à prática da escola cartesiana. Disto, funda-se a linguagem interdisciplinar, motivando a comunicação por afirmação, negação e complementaridade entre as disciplinas, pois se compreendeu
Curso: Filosofia_Disciplina: Antropologia Filosófica	Curso: Informática_Disciplina: História e Filosofia da Educação
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 14 - Atende e Não Atende o item 11_Linguagem

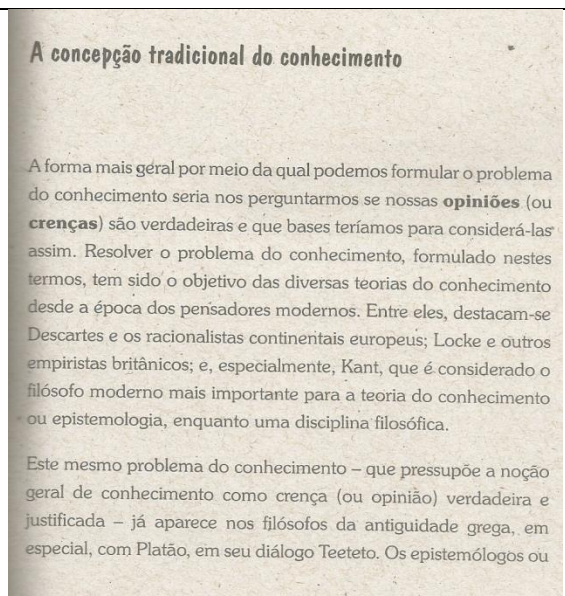
LINGUAGEM _ 14- Utiliza estilo pessoal usando "você" aos alunos.	
Para continuar pensando sobre a importância do ensino de ciências, reflita: Nesta unidade, você deve ter observado que discutimos questões teóricas e metodológicas relativas às concepções de Ciências, bem como sua trajetória histórica no currículo escolar brasileiro. Você refletiu sobre os questionamentos levantados; realizou leituras complementares e assistiu a vídeos. Como se sente agora? Apesar das dificuldades que surgem no percurso dos estudos, você conseguiu avançar? Compreende a importância do ensino de Ciências desde a infância? Vamos, então, refletir mais sobre os assuntos desta unidade, realizando a atividade seguinte:	 A concepção tradicional do conhecimento A forma mais geral por meio da qual podemos formular o problema do conhecimento seria nos perguntarmos se nossas opiniões (ou crenças) são verdadeiras e que bases teríamos para considerá-las assim. Resolver o problema do conhecimento, formulado nestes termos, tem sido o objetivo das diversas teorias do conhecimento desde a época dos pensadores modernos. Entre eles, destacam-se Descartes e os racionalistas continentais europeus; Locke e outros empiristas britânicos; e, especialmente, Kant, que é considerado o filósofo moderno mais importante para a teoria do conhecimento ou epistemologia, enquanto uma disciplina filosófica. Este mesmo problema do conhecimento – que pressupõe a noção geral de conhecimento como crença (ou opinião) verdadeira e justificada – já aparece nos filósofos da antiguidade grega, em especial, com Platão, em seu diálogo Teeteto. Os epistemólogos ou
Curso: Pedagogia_Disciplina: Fund. Met. do Ensino Ciências	Curso: Filosofia_Disciplina: Filosofia da Educação
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 15 - Atende e Não Atende o item 14_Linguagem

Para a análise dos itens da LVCEAD, verificou-se que nem todos os materiais atingiram um percentual de 100%, portanto destaca-se a seguir os itens mais pontuais em cada uma das instituições no que tange a **linguagem**.

- a) Apresentar conceitos e argumentos claros (capítulos com conceitos e argumentos claros na forma teórica e capítulos com poucos conceitos e argumentos claros exemplificados), a **UNIALFA** e a **UNIBETA** alcançaram a porcentagem máxima.

- b) Apresentar orações sem negações em excesso, (somente utilizar “não” quando necessário), o **UNIGAMA** e a **UNIBETA** alcançaram a percentagem máxima.
- c) Apresentar palavras concretas (palavras concretas nos textos facilitam a linguagem direta e simples e com exemplos concretos), as três instituições atingiram a percentagem máxima neste quesito (**UNIALFA**, **UNIGAMA** e **UNIBETA**).
- d) Combinar o estilo com o assunto a ser tratado (utiliza termos técnicos e expressões relativas a área de estudo), somente a **UNIBETA** correspondeu a este item.
- e) Estruturar as ideias por tópico a tópico (apresenta a introdução do curso, introdução para conhecimento do material, unidades de conteúdo, referências e agradecimentos), somente a **UNIALFA** estruturou adequadamente.
- f) Não economizar conectivos entre palavras e frases (utiliza conectivos entre palavras e frases quando necessário), somente a **UNIBETA** utilizou tal recurso.
- g) Evitar as palavras desnecessárias e difíceis de entender (utiliza linguagem acessível e coloquial, procurando ser mais direto possível.), a **UNIALFA** e a **UNIBETA** alcançaram a percentagem máxima.
- h) Evitar o uso de verbos substantivados (evita-se verbos substantivos), o **UNIGAMA** e a **UNIBETA** alcançaram a percentagem máxima.
- i) Utilizar de forma equilibrada metáforas, analogias, repetições e comparações (faz uso de abreviaturas e figuras de linguagem para enriquecer o texto) somente a **UNIBETA** seguiu a proposta.

Os outros itens podem ser melhor apreciados na lista de verificação dos critérios de conformidade dos materiais assíncronos para EaD – Porcentagem (Anexo III).

6.3 Resultados da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos-Referentes a Estética

A seguir apresentam-se as tabelas 9 a 11 com as cores destacadas em cada item, respectivamente.

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD

ESTÉTICA	Pedagogia Apostila1	Pedagogia Apostila2	Pedagogia Apostila3	Pedagogia Apostila4	Pedagogia Apostila5	Pedagogia Apostila6	Matemática Apostila1	Matemática Apostila2	Matemática Apostila3	Matemática Apostila4	Matemática Apostila5	Matemática Apostila6	A= ATENDE	NA = NÃO ATENDE	P= PARCIAL
1. Manter consistente esquema de títulos e subtítulos em cada unidade	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	A	11	-	1
2. Apresentar símbolos com integração	A	NA	NA	P	A	NA	A	P	A	A	A	NA	6	4	2
3. Planejar as ilustrações a serem incluídas por equipe especializada	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	P	NA	NA	NA	-	11	1
4. Apresentar capa da unidade com nome da instituição, título do curso, título e nº da Unidade	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
5. Ter organizadores de avanços e símbolos	P	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	11	1
6. Apresentar tamanho das letras (corpo) não muito pequenos	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
7. Usar diferentes estilos para dar ênfase	NA	A	A	P	A	A	P	A	P	NA	A	NA	6	3	3
8. Utilizar imagens próximas ao texto a que se referem	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	11	-	1
9. Apresentar ilustrações autoexplicativas	NA	A	A	A	P	P	A	A	A	A	A	P	8	1	3
10. Utilizar ajudas visuais e sinalizações de acessibilidade para orientar o aluno	NA	NA	NA	NA	P	NA	P	P	P	A	A	NA	2	6	4
11. Apresentar legendas e títulos nas ilustrações	NA	NA	A	NA	NA	NA	NA	A	A	P	NA	NA	3	8	1
12. Acompanhar as ilustrações com explicações e clarear acrescentando informações valiosas	P	A	A	P	NA	NA	NA	P	A	P	NA	P	3	4	5
13. Apresentar formato da unidade com folha A4, A5 ou B5	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
14. Apresentar figuras, diagramas e gráficos simples	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
15. Apresentar capa da unidade com cores atraentes e adequadas, caracteres grandes, ou por códigos e símbolos únicos	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	11	-	1
16. Colocar texto sobre um fundo de cor sólida	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	11	-	1
17. Apresentar tipografia (fonte) não misturada. As tipologias mais comumente usadas são Univers e Times	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
18. Escolher linhas de texto que não sejam muito largas nem excessivamente curtas	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	11	1	-
19. Usar iniciais maiúsculas, ortografia e abreviações padronizadas	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	11	-	1
20. Mostrar fotografias que retratam a realidade	NA	A	NA	P	P	NA	A	A	A	A	A	A	7	3	2
21. Utilizar sinais e símbolos com margem	A	NA	NA	NA	NA	P	NA	A	P	NA	NA	NA	2	8	2
22. Evitar imagem com resolução pobre	A	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	P	10	-	2
													173	60	31

Tabela 9 - Dados relativos à estética do material didático da Universidade ALFA

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD

ESTÉTICA	Química Apostila1	Química Apostila2	Química Apostila3	Química Apostila4	Química Apostila5	Química Apostila6	Informática Apostila1	Informática Apostila2	Informática Apostila3	Informática Apostila4	Informática Apostila5	Informática Apostila6	A= ATENDE	NA = NÃO ATENDE	P= PARCIAL
1. Manter consistente esquema de títulos e subtítulos em cada unidade	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	P	11	-	1
2. Apresentar símbolos com integração	NA	A	A	A	A	A	A	A	NA	A	NA	NA	9	3	-
3. Planejar as ilustrações a serem incluídas por equipe especializada	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
4. Apresentar capa da unidade com nome da instituição, título do curso, título e nº da Unidade	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
5. Ter organizadores de avanços e símbolos	NA	NA	NA	NA	NA	P	NA	A	NA	NA	NA	NA	1	10	1
6. Apresentar tamanho das letras (corpo) não muito pequenos	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	8	3	1
7. Usar diferentes estilos para dar ênfase	A	A	A	NA	A	A	P	NA	A	A	A	NA	8	3	1
8. Utilizar imagens próximas ao texto a que se referem	NA	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	NA	A	9	3	-
9. Apresentar ilustrações autoexplicativas	NA	A	A	NA	NA	A	NA	A	NA	A	NA	A	6	6	-
10. Utilizar ajudas visuais e sinalizações de acessibilidade para orientar o aluno	NA	A	A	NA	A	A	A	A	NA	NA	NA	NA	6	6	-
11. Apresentar legendas e títulos nas ilustrações	NA	A	P	NA	P	A	NA	A	A	A	NA	NA	5	5	2
12. Acompanhar as ilustrações com explicações e clarear acrescentando informações valiosas	NA	A	P	NA	P	A	NA	A	A	P	NA	P	4	4	4
13. Apresentar formato da unidade com folha A4, A5 ou B5	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	A	11	1	-
14. Apresentar figuras, diagramas e gráficos simples	NA	A	A	A	A	A	A	A	P	P	A	A	9	1	2
15. Apresentar capa da unidade com cores atraentes e adequadas, caracteres grandes, ou por códigos e símbolos únicos	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	A	2	10	-
16. Colocar texto sobre um fundo de cor sólida	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
17. Apresentar tipologia (fonte) não misturada. As tipologias mais comumente usadas são Univers e Times	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
18. Escolher linhas de texto que não sejam muito largas nem excessivamente curtas	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
19. Usar iniciais maiúsculas, ortografia e abreviações padronizadas	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	A	11	1	-
20. Mostrar fotografias que retratam a realidade	NA	A	A	A	A	P	A	A	A	P	NA	A	8	2	2
21. Utilizar sinais e símbolos com margem	NA	A	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	NA	NA	NA	3	9	-
22. Evitar imagem com resolução pobre	NA	A	NA	NA	NA	A	NA	A	A	P	NA	A	5	6	1
													164	85	15

Tabela 10 - Dados relativos à estética do material didático da Universidade Gama

LISTA DE VERIFICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CONFORMIDADE DOS MATERIAIS ASSÍNCRONOS PARA EAD – LVCEAD

ESTÉTICA	Pedagogia Apostila1	Pedagogia Apostila2	Pedagogia Apostila3	Pedagogia Apostila4	Pedagogia Apostila5	Pedagogia Apostila6	Filosofia Apostila1	Filosofia Apostila2	Filosofia Apostila3	Filosofia Apostila4	Filosofia Apostila5	Filosofia Apostila6	A = ATENDE	NA = NÃO ATENDE	P = PARCIAL
1. Manter consistente esquema de títulos e subtítulos em cada unidade	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
2. Apresentar símbolos com integração	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
3. Planejar as ilustrações a serem incluídas por equipe especializada	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	-	12	-
4. Apresentar capa da unidade com nome da instituição, título do curso, título e nº da Unidade	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
5. Ter organizadores de avanços e símbolos	A	A	A	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	6	6	-
6. Apresentar tamanho das letras (corpo) não muito pequenos	A	A	A	A	A	P	A	A	A	NA	A	A	10	1	1
7. Usar diferentes estilos para dar ênfase	NA	A	NA	NA	NA	NA	A	NA	NA	A	NA	NA	3	9	-
8. Utilizar imagens próximas ao texto a que se referem	A	A	P	NA	A	NA	NA	A	A	A	NA	A	7	4	1
9. Apresentar ilustrações autoexplicativas	NA	P	P	NA	P	NA	NA	NA	P	P	NA	NA	-	7	5
10. Utilizar ajudas visuais e sinalizações de acessibilidade para orientar o aluno	A	A	A	A	P	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	4	7	1
11. Apresentar legendas e títulos nas ilustrações	NA	A	P	NA	P	NA	NA	A	NA	NA	NA	A	3	7	2
12. Acompanhar as ilustrações com explicações e clarear acrescentando informações valiosas	P	A	P	NA	P	NA	NA	A	NA	NA	NA	P	2	6	4
13. Apresentar formato da unidade com folha A4, A5 ou B5	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
14. Apresentar figuras, diagramas e gráficos simples	A	A	A	NA	A	NA	P	A	P	P	P	P	5	2	5
15. Apresentar capa da unidade com cores atraentes e adequadas, caracteres grandes, ou por códigos e símbolos únicos	A	A	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	11	-	1
16. Colocar texto sobre um fundo de cor sólida	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
17. Apresentar tipografia (fonte) não misturada. As tipologias mais comumente usadas são Univers e Times	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
18. Escolher linhas de texto que não sejam muito largas nem excessivamente curtas	A	A	A	A	A	A	P	A	A	A	A	A	11	-	1
19. Usar iniciais maiúsculas, ortografia e abreviações padronizadas	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	12	-	-
20. Mostrar fotografias que retratam a realidade	NA	A	A	NA	A	NA	NA	A	NA	P	NA	A	5	6	1
21. Utilizar sinais e símbolos com margem	P	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	NA	NA	NA	2	9	1
22. Evitar imagem com resolução pobre	A	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	P	A	P	2	8	2
													156	83	25

Tabela 11 - Dados relativos à estética do material didático da Universidade BETA

Através da interpretação visual das cores, bem como observando os totais obtidos em cada uma das tabelas percebe-se claramente que o item “Atende” se destaca em relação aos demais, assim como pode-se inferir que o material didático produzido pela Universidade ALFA é aquele que apresenta a melhor estética (66%), seguida da Universidade GAMA (63%) e da Universidade BETA (59%), conforme pode-se verificar na tabela 12.

	ATENDE		NÃO ATENDE		ATENDE PARCIALMENTE	
UNIALFA	173	66%	60	23%	31	12%
UNIGAMA	167	63%	83	31%	14	6%
UNIBETA	156	59%	83	31%	25	10%

Tabela 12 - Somatório dos itens da lista de verificação referente a estética

A Estética é um critério importante na produção do MDI, ressaltando a importância de uma boa aparência nas unidades. Segundo Laaser (1997), os recursos icônicos (fotos, figuras, desenhos, tabelas), podem e devem ser utilizados didaticamente, uma vez que ajudam a dinamizar a leitura, facilitam e motivam o aprendizado, auxiliando o aluno na relação teoria-prática que, segundo se justifica: torna a mensagem mais clara; quebra a monotonia do texto corrido; ajuda os alunos a lembrar mais facilmente as informações; motiva-os à leitura e aumenta a atenção; torna o impresso mais atrativo; ajuda a tornar a aprendizagem mais real; permite a universalização da comunicação.

No que se refere a estética, da Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EAD é possível observar nas figuras: 16, 17, 18 e 19 os Exemplos de critérios que Atendem (A) e que não atendem (NA) nos itens identificados nas apostilas analisadas.

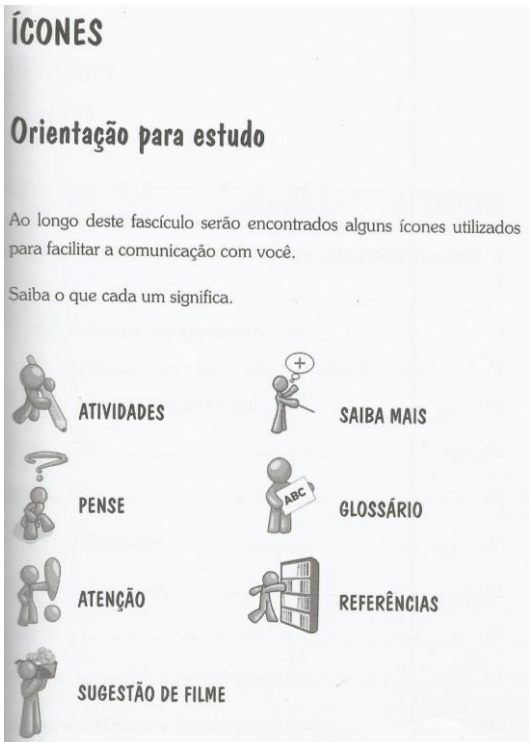
ESTÉTICA_ 10- Utiliza ajudas visuais e sinalizações de acessibilidade para orientar o aluno.	
	84 • ONTOLOGIA I O que, porém, quer dizer “<i>idéia</i>” (εἶδος / eidos)? O significado usual dessa palavra e o modo como Platão a usa parecem criar um paradoxo, pois na língua grega ela está relacionada à visão, isto é, “eidos” significa “forma”, “imagem”, “aspecto” e “figura”. Possivelmente, Platão já operava a partir do significado de “figura” mais refinado dos geômetras, isto é, ela é um recorte sobre um plano. As formas geométricas do triângulo e quadrado, por exemplo, são recortes distintos que inscrevem em si um conteúdo determinado. As figuras geométricas, diferentemente das imagens enganosas da visão empírica, são figuras ou idéias mais precisas. À distância um tijolo pode parecer um cilindro, uma pirâmide egípcia parece um cone, mas, enquanto figuras geométricas, elas são rigorosamente distintas e claras. Assim são as idéias que reúnem em si a multiplicidade informe à simples visão. E, na arquitetura ideal, para além das figuras geométricas, destaca-se, como veremos, a idéia de Bem. Com a habilidade em lidar com esses novos conceitos, a ontologia de Platão vai além do <i>Mênon</i> podendo, então, retomar a noção de opinião, mas agora desde uma ciência mais desenvolvida que lhe permite ampliar ainda mais o fosso entre o inteligível e o sensível. Para melhor ilustrar essa argumentação, o filósofo ateniense concebeu a “alegoria da caverna”. Nela há um desdobramento da oposição parmenídica e pitagórica entre o ser e o não-ser, entre a verdade e a opinião. Mas isso foi feito de modo tão notável que, para Heidegger, determina até hoje a “essência da verdade”, isto é, aquilo que entendemos como o que caracteriza a verdade enquanto tal. A verdade como “idéia”, e esta como a representação da realidade (HEIDEGGER, 2000, p. 197). A verdade como razão, certeza e esclarecimento. A verdade como luz, a falsidade como trevas. 3.2.1 A ALEGORIA DA CAVERNA No diálogo <i>Mênon</i>, Platão mostrara que não é possível ensinar o que é virtude quando não se sabe o que ela é. Ou seja, só se pode ensinar algo quando se tem a posse da sua essência. E, por conseguinte, ninguém estaria autorizado a ensinar o que não sabe. Em <i>A República</i> (Πολιτεία), o cenário é totalmente distinto, pois Para saber mais sobre a noção de “idéia”, veja em HEBECHE “O escândalo de Cristo”, 2005, p. 228 a 238.
Curso: Matemática_Disciplina: Física do Ambiente	Curso: Filosofia_Disciplina: Ontologia I
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 16 - Atende e Não Atende o item 10_Estética

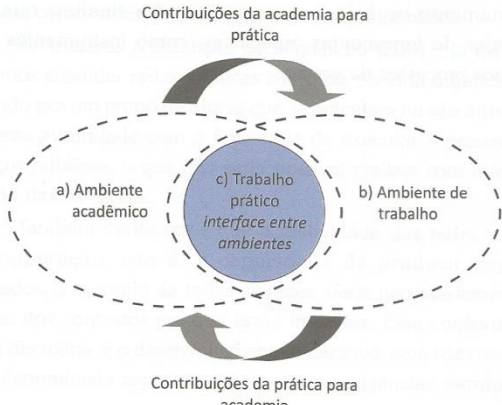
ESTÉTICA_ 11- Apresenta legendas e títulos nas ilustrações	
 Figura 3: Integração entre ambientes: acadêmico e prático Fonte: Elaborada pela autora	Existem universidades que datam de tempos longínquos. Investigue como elas resistiram ao período de escuridão que foi a idade média? 
Curso: Informática_Disciplina: Met. da Investigação Educacional	Curso: Pedagogia_Disciplina: Psicologia da Educação
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 17 – Atende e Não Atende o item 11_Estética

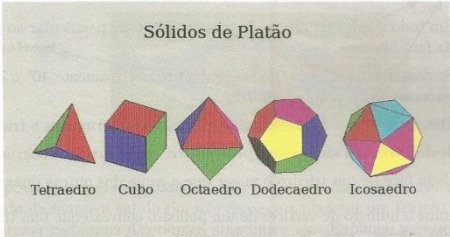
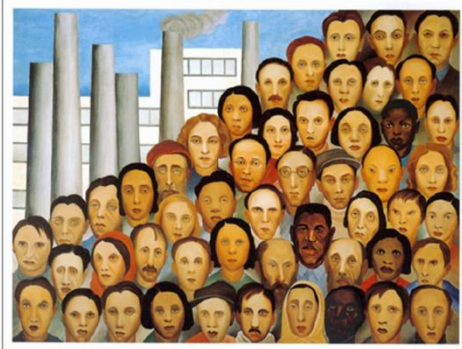
ESTÉTICA_ 12- Acompanhar as ilustrações com explicações e clarear acrescentando informações valiosas.	
Poliedros de Platão Um poliedro é chamado poliedro de Platão se, e somente se, satisfaz as três seguintes condições: • todas as faces têm o mesmo número n de arestas; • todos os ângulos poliédrico têm o mesmo número m de arestas; • Vale a relação de Euler $V - 2 = A - F$. Sólidos de Platão  Exemplo 6. Um poliedro convexo de 28 arestas possui faces triangulares e heptagonais. Quantas faces tem de cada espécie, se a soma dos ângulos das faces é 64 retos? Resolução: de acordo com nossa notação temos, $2A = 3F_3 + 7F_7 \Rightarrow 56 = 3F_3 + 7F_7 \quad (1)$ $S = 64r \Rightarrow (V - 2) \times 4r = 64r \Rightarrow V = 18$ $(V - A + F = 2 \Rightarrow A = 28, V = 18) \Rightarrow F = 12 \Rightarrow F_3 + F_7 = 12 \quad (2)$ De (1) e (2) vem: $F_3 = 7$ e $F_7 = 5$.	 Em sociedades ditas modernas como a nossa, a escola emerge um locus do saber e espaço educacional por excelência. Contudo, sob a égide da igualdade e da homogeneização que a caracteriza, a escola transforma a educação em tão somente ensino e obrigação. É o que gera negação, discriminação e violência. E quem são os sujeitos que se nega, discrimina? São os chamados "outros", os diferentes – crianças, velhos, imigrantes, negros, indígenas, camponeses, caiçaras, etc... Serão eles um problema social? Para quem e por quê?
Curso: Matemática_Disciplina: Geometria Plana	Curso: Filosofia_Disciplina: História da Educação
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 18 – Atende e Não Atende o item 12_Estética

ESTÉTICA_ 22- Evitar imagens com resolução pobre	
Nesse debate, importam, aqui, as ligações entre a educação e a antropologia, em particular aquela que surgiu ao final dos anos de 1980/1990, marcada pela institucionalização e pelo desenvolvimento de um novo campo disciplinar: os estudos culturais. No centro desse novo campo, surgiu como importante o rechaçar da antropologia, vista apenas na sua dimensão clássica. 	Uma classe social intermediária surgiu no Brasil do século XIX, qual? A possibilidade de ascensão social é depositada na escola, pois o título de doutor valia na época tanto quanto o de proprietário de terras.  Proclamação da República Fonte: http://letrasdespidas.files.wordpress.com/2009/04/proclamacao-da-republica.jpg
Curso: Pedagogia_Disciplina: Currículo	Curso: Filosofia_Disciplina: Sociologia Geral
ATENDE	NÃO ATENDE

Figura 19 – Atende e Não Atende o item 22_Estética

Para a análise dos itens da LVCEAD, verificou-se que nem todos os materiais atingiram um percentual de 100%, portanto destaca-se a seguir os itens mais pontuais em cada uma das instituições no que tange a **estética**.

- a) Manter consistente esquema de títulos e subtítulos (títulos e subtítulos devem ser destacados), somente a **UNIBETA** manteve o critério.
- b) Apresentar símbolos com integração (apresenta símbolos através de caixa de texto, marcadores, numerações e estilos de fonte), somente a **UNIBETA** atendeu a este item.
- c) Apresentar capa da unidade com nome da instituição, título do curso, título e número da Unidade (a capa deve conter o nome da instituição, o título do curso, o título e o número da unidade), as três instituições atingiram a porcentagem máxima neste quesito (**UNIALFA**, **UNIGAMA** e **UNIBETA**).
- d) Apresentar tamanho das letras (corpo) não muito pequenas (ideal é fonte de tamanho 12), somente a **UNIALFA** apresentou tal fonte.
- e) Apresentar formato da unidade com folha A4, A5 ou B5 (tipo padrão utilizado A4, A% ou B5), a **UNIALFA** e o **UNIGAMA** alcançaram a porcentagem máxima.
- f) Apresentar figuras, diagramas e gráficos simples (complementar o texto com ilustrações, tabelas, gráficos, esquemas, quadros, organogramas, mapas, desenhos e fotografias), somente a **UNIALFA** apresentou tais recursos.
- g) Apresentar capa da unidade com cores atraentes e adequadas, caracteres grandes, ou por códigos e símbolos únicos (capa da unidade com estilo compatível por meio da escolha de cores agradáveis e apropriadas), somente a **UNIALFA** conseguiu compatibilizar.
- h) Colocar texto sobre um fundo de cor sólida (apresenta texto preto com fundo branco.), as três instituições atingiram a porcentagem máxima neste quesito (**UNIALFA**, **UNIGAMA** e **UNIBETA**).
- i) Apresentar tipografia (fonte) não misturada. As tipologias mais comumente usadas são *Univers* e *Times* (utilizar como tipografia da fonte a *Univers* ou *Times*. Não é bom misturar duas tipologias no mesmo livro), as três instituições atingiram a porcentagem máxima neste quesito (**UNIALFA**, **UNIGAMA** e **UNIBETA**).
- j) Escolher linhas de texto que não sejam muito largas nem excessivamente curtas (possui espaçamento de 1,5 linha), somente o **UNIGAMA** fez corretamente.
- k) Usar iniciais maiúsculas, ortografia e abreviações padronizadas (Inicia frases em maiúsculas), somente a **UNIBETA** corresponde à padronização.

Para a análise dos itens da LVCEAD, verificou-se que nem todos os materiais atingiram um percentual de 100%, portanto destaca-se a seguir os itens mais pontuais em cada uma das instituições no que tange a linguagem.

6.4 Análises dos Questionários com os Docentes

Ao todo 16 professores participaram da pesquisa sendo que 60% eram do sexo feminino, enquanto que, 40% eram do sexo masculino. Sendo que deste quantitativo 3 eram especialistas, 8 mestres e 5 doutores, com idade média entre 28 a 45 anos.

Em relação à formação acadêmica observou-se áreas diversificadas entre elas: Licenciatura em Pedagogia, em Matemática, Licenciatura em Letras, Administração, Artes, Ciências da Computação, Química, História, Filosofia e Biologia.

Quando questionados sobre suas experiências profissionais na Educação a Distância 53,5% revelam que já atuaram como professores autores (desenvolvem material didático) outros 12,5% como professor pesquisador (que ministram disciplinas no EAD) e 23% atuaram como tutores (acompanham as tarefas no ambiente virtual e tiram dúvidas).

Bruno e Lemgruber sobre a docência na EaD, destacam que diante deste cenário surge um novo perfil de professor:

“Esse cenário implica em que o professor assuma múltiplas funções, se integre a uma equipe multidisciplinar e se assuma como professor-autor, realizador de cursos e de materiais didáticos; pesquisador, mediador, orientador. [...] A figura do professor corresponde não a um indivíduo, mas a uma equipe de professores.” (Bruno & Lemgruber, 2010, p.71).

Quanto ao tempo de trabalho na área da Educação a distância, 21,4% afirmaram atuar em até 1 ano de experiência em cursos nesta modalidade, enquanto que 50% estão entre 1 e 2 anos e a menor parcela com 17,8% com mais de 3 anos de experiência.

“Educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas.” (Takahashi, 2000, p.45).

Em relação à formação para produzir material didático para EAD 30,3% disseram já ter passado por cursos de produção destes materiais dedicados a esta modalidade, enquanto que mais da metade 58,9% revelaram não ter qualquer formação específica para tal finalidade. Percebe-se com esses dados uma fragilidade que poderá ocasionar distorções em relação à qualidade e aos requisitos necessários aos materiais didáticos para EAD.

“[...] um dos ‘calcanhares de Aquiles’ da EAD está na formação de docentes integrados na modalidade de EAD e sua identidade, para que a elaboração do

material impresso, no sentido de sua alta qualidade e de sua adequada aplicabilidade, seja através das mais variadas tecnologias e das concepções de aprendizagem, seja nos diversos e diferentes níveis de sujeitos (leitores) a quem ela se destina.” (Comel, 2001, p.179).

Outro aspecto que interessou ser investigado foi se eles já haviam elaborado algum material didático. Neste aspecto, 100% dos docentes investigados revelaram já ter desenvolvido algum tipo de material. Entre as principais disciplinas que eles já elaboraram cita-se:

- a) Gestão Educacional, Comunicação Empresarial, Estudos Comparados em Educação; Introdução a Educação a Distância, Física do Ambiente,, Calculo Vetorial, Fundamentos e Metodologia do Ensino de ciências, História, Política e Cultura da Infância e da Adolescência, Geometria Plana, Engenharia de Software, Educação e trabalho, Psicologia da Educação, Gestão Educacional, Direito Administrativo, Legislação Trabalhistas, Antropologia e Educação, Estatística, Informática, Química Orgânica, Psicologia, Ontologia, Química Inorgânica, Sociologia Geral, Currículo.

Além das informações já obtidas perguntou-se aos docentes qual a importância do material didático impresso para a modalidade a distância. E as principais considerações dos docentes foram:

“Muito relevante haja vistas que os alunos precisam de um material bem elaborado e com bastante clareza.”

“Possibilita aos cursistas, com o material em mãos, realizar suas atividades off-line e depois, com mais rapidez, enviá-las pelo AVA. Quando nos lembramos dos problemas anteriores com queda do sistema, esse já não é um grande problema, mas permite aos alunos à possibilidade de ler os conteúdos impressos, identificar pontos importantes, fazer anotações e construir seus textos, para depois apenas enviá-los.”

“Muito grande, porque é por meio do material impresso que o aluno dá continuidade aos estudos após o momento presencial com o professor. Na maioria das vezes, dependendo do modelo de EaD utilizado, esse é o único recurso que o aluno tem para estudar.”

“Melhorar a fundamentação teórica dos alunos, formar o hábito da leitura, indicar fontes de bibliografia variadas, propor atividades reflexivas.”

“O material impresso além de ativar o processo de ensino-aprendizagem nessa modalidade de ensino, orienta e incentiva o aluno ir à busca de mais informações.”

“O material didático produzido na EaD é pensado a partir da realidade dos alunos, proporcionando o aprendizado das temáticas da disciplina a partir daquilo que faz parte do seu dia a dia e segue um currículo flexível demandando a partir da área em estudo.”

“O material impresso ajuda mais na fixação dos conteúdos trabalhados na aula presencial, nos fóruns e chats disponibilizados no AVA.”

“O material didático é de suma importância, tendo por finalidade constituir como uma estrutura básica de orientação ao aluno e ao tutor.”

“O material didático fornece informações complementares para o aprendizado em EaD.”

“Ele vai direcionar o aluno na ausência de outros recursos.”

A partir das falas dos sujeitos pesquisados entende-se que os mesmos consideram o material muito relevante, visto que permite ao aluno ter conteúdo em mãos para leitura e apontamentos, favorece o hábito da leitura, e os ajudando a fixar os conteúdos vistos na aula presencial.

“Na medida em que a EAD se vale de materiais autoinstrucionais para viabilizar o processo ensino-aprendizagem, é preciso salientar que, entre as funções desse tipo de material, o fomento à autosuficiência do aluno é o mais importante, pois visa a autoaprendizagem a partir da organização do processo educacional, na medida em que nele o aluno encontra todas as orientações para estudo, conteúdo e avaliação da aprendizagem.” (Sartori & Roesler, 2008, p.1).

Sobre a linguagem a ser utilizada no material didático ser igual ou diferenciado dos materiais tradicionais foi outra dúvida de interesse a pesquisar. As principais respostas obtidas pelos sujeitos foram

“Sim, deve ser melhor explorada devido o aluno não ter o professor sempre ao seu lado.”

“Como educadores, precisamos sempre lembrar que em tudo que fazemos temos que considerar os sujeitos que desejamos ensinar – suas condições econômicas, sociais e políticas, a fim de melhor alcançá-los e estimulá-los. Isso significa que, ao produzir o material é importante desenvolver uma comunicação que alcance os alunos, consciente de suas condições para melhor ajudá-los. Isso significa que, independente do tipo de material, ainda precisa alcançar com entusiasmo os sujeitos aprendentes.”

“Acredito. O material deve ser interativo, para atrair a atenção do aluno.”

“Sim, uma vez que a metodologia é diferenciada para atender um aluno cujas condições de aprendizagem são dinâmicas considerando o tempo, a distância da instituição de ensino, sua formação inicial, motivação pessoal para continuidade aos estudos. Quanto mais direcionada é linguagem do material ao aluno de EaD, melhor será a formação da sua autonomia para a aprendizagem.”

“Sim. Pois se o material não tiver uma linguagem atrativa não terá um perfil consonante com a inovação e a dinamicidade exigidas pela EaD.”

“A linguagem é diferenciada por conta de sua forma de execução, já que na EaD a possibilidade de cumprimento de prazos e da realização das tarefas se dá de uma forma mais intensa. Entretanto é necessário lembrar que o conteúdo é o mesmo, apenas a linguagem utilizada é diferenciada.”

“Certamente, pois o tempo de maturação dos alunos EaD difere do presencial em virtude destes muitas vezes terem parado os estudos a anos, logo a linguagem mais clara e acessível é essencial para o entendimento dos assuntos.”

“Entendo que os materiais devem ter outra linguagem, sofrendo ajustes, apresentando um padrão, de caráter institucional.”

“A linguagem deve ser diferenciada aos materiais tradicionais, a metodologia é que fará a diferença do curso.”

“A linguagem utilizada nos materiais para EaD precisa ser clara e direta e sempre na primeira pessoa.”

A partir das respostas obtidas percebe-se que os professores destacam a importância de desenvolver uma comunicação que alcance os alunos direcionados ao desenvolvimento da autonomia, através de uma linguagem atrativa e diferenciada dos materiais tradicionais.

“Os materiais didáticos podem ser utilizados por vários tipos de pessoas, eles também são chamados de ferramentas de apoio que são usados por professores e alunos, devendo apresentar-se dentro de uma linguagem dialógica, que na ausência física do professor possa garantir um certo tom coloquial, reproduzindo em alguns casos uma conversa entre professor e aluno, tornando-se leve e motivadora.” (Andrade, 2003, p.28).

Investigou-se ainda as principais dificuldades para produzir o texto para o público da EaD. E, neste sentido, obtiveram-se as seguintes falas:

“Apesar de conhecer e dominar o conteúdo, para produzir o material tivemos dificuldade por não ter recebido uma formação para trabalhar com este perfil de aluno.”

“Essa não é uma tarefa fácil, pois exige o conhecimento do público que queremos alcançar. Na época em que fui convidado não tive esta preocupação, nem me estimularam para isso, pois o material precisava ser produzido em tempo hábil, caso contrário a disciplina não poderia ser desenvolvida. Hoje, não faria mais assim. Estas experiências nos ensinam muito e é a partir delas que aprimoramos o que fazemos e o como fazemos.”

“Sim, tanto que busquei fazer uma especialização que orienta como fazer material didático para a EaD. Mas gostaria muito de aprender mais.”

“Não, nem na organização de planos de trabalhos e exercícios nem na comunicação no ambiente virtual.”

“Não. Por conhecer o perfil dos alunos dessa modalidade, a produção dos textos flui com facilidade.”

“Não, pois a disciplina já fazia parte da minha área de estudo. Apenas, houve a preocupação para que o material fosse mais dinâmico e que tivesse uma linguagem não tão rebuscada.”

“Apesar de ser professoras da EaD já algum tempo, é sempre difícil produzir um material, principalmente quando você não recebe nenhuma orientação.”

“Foi difícil, mas com a ajuda de outros professores que já tinham participado de um treinamento em produção de material para EaD, ficou mais fácil.”

“Senti um pouco de dificuldade, porque não recebi nenhum treinamento explicando como desenvolver o material.”

“Não foi tão complicado porque participei antes de uma formação.”

A partir da interpretação das opiniões dos sujeitos percebe-se que as dificuldades apresentadas encontram-se principalmente na carência em formação pedagógica para a produção destes materiais considerando a linguagem e a estética apropriada. Sendo que o conteúdo foi o fator que menos dificultou a produção.

“A experiência em cursos presenciais não é suficiente para assegurar a qualidade de materiais educacionais que serão veiculados por diferentes meios de comunicação e informação. Cada recurso utilizado - material impresso, vídeos, programas televisivos, radiofônicos, videoconferências, páginas Web e outros – tem sua própria lógica de concepção, de produção, de linguagem, de uso do tempo. Seu uso combinado deve ser harmônico e traduzir a concepção

de educação da instituição de ensino, possibilitando o alcance dos objetivos propostos.” (Universidade Aberta do Brasil [UAB], 2007, p. 11).

“Ao longo de cada etapa surgem inúmeros obstáculos que precisam ser superados a cada dia, a cada módulo, a cada disciplina. Alguns desses obstáculos giram em torno de três aspectos: o cumprimento dos prazos, o preparo dos professores e a infraestrutura necessária para a sua realização. Desses aspectos dependem não só a qualidade do produto final, mas a qualidade do curso que se oferece e, por conseguinte, do estudante que se está formando, por isso esses são itens tão importantes.” (Gouvêa, 2006, p.42).

O penúltimo aspecto investigado relaciona-se com a linguagem utilizada nos materiais didáticos impressos para a interação com os alunos. Neste aspecto, obtiveram-se as seguintes opiniões.

“Associar os materiais aos exemplos práticos da vida.”

“Não tive esta preocupação na época, o que não faria de novo, pois acredito na importância das ilustrações na literatura.”

“Sim. Muitas imagens; texto dividido em pequenas partes, dialógico, interativo, problematizador; links para acesso a novas informações; tabelas e gráficos.”

“Sim. Organização de slide com os conteúdos para melhor exemplificar os temas de cada capítulo, aula vídeo com foco na essência do conteúdo, atividades reflexivas, elaboração de projetos pedagógicos de intervenção na escola, pautados no tema da aprendizagem.”

“Sim. Ícones gráficos que continham assuntos voltados para o cotidiano.”

“Além da produção acadêmica em si foram utilizados figuras, quadros, charges, sugestões de leituras e filmes, como forma de enriquecer a discussão da temática abordada em cada capítulo.”

“Usei sempre pronomes próximos que dão ideia de familiaridade e intimidade sem ser coloquial e sem deixar de ser científica, além de usar figuras, atividades fáceis interativas. Além de sempre apresentar um resumo do assunto ao final de cada conteúdo.”

“Um texto direto, objetivo, contextualizado e com exemplificações cotidianas e regionalizadas, sem perder a condição teórica e técnica.”

A partir das respostas obtidas conclui-se que as opiniões são muito distintas a este aspecto, pois alguns acreditam que as imagens ajudam no processo de interação, outros as partes dialógicas, outros ícones gráficos, o uso de pronomes, as charges, as indicações de leitura e outros exemplos cotidianos.

Segundo Comel, “Uma linguagem visual atraente, com ícones, destaque para hipertexto, imagens que se integram ao conteúdo estudado, gráficos e tabelas que facilitam a aprendizagem e organizadores, todos estes elementos favorecem a interação do aluno com o material didático.” (Comel, 2001, p.16).

O último aspecto investigado relaciona-se à utilização de ícones gráficos ao longo dos textos. Todos os docentes consideram que este aspecto é relevante, sendo suas opiniões:

“Sim, chama a atenção dos alunos e delimita o que se escreve.”

“Sem dúvida alguma é importante tornar uma publicação ilustrativa, pois permite aos leitores melhor interação com o texto, além de causar melhor impacto visual e estimular o olhar.”

“Sim, muito importante, porque leva o aluno a interagir e o deixa sempre atento.”

“Sim, considerando a dinâmica da EaD, as necessidades de interação do aluno, que é autodidata, com o conteúdo, motivação para a leitura aluno e facilitação na apreensão do conhecimento por associação.”

“Sim, Esses ícones gráficos tornam os textos mais atrativos e ricos em informação.”

“Sim, a leitura iconográfica proporciona a todos os alunos uma forma de reflexão e complementa aquilo que está sendo discutido no texto. Acredito que ela é válida para a EaD e para o ensino presencial.”

“Certamente as figuras chamam atenção e torna mais didático o material.”

“Eu compreendo que se utilizado de forma contextualizada sim, contudo ao trabalhar o conteúdo deve ser explorado com cautela, pois os alunos apresentam limitações para leitura de elementos iconográficos.”

“A diversidade de ícones só tem a contribuir com a qualidade do material didático.”

“Sim, o material tem que ser atrativo para os alunos e favorecer a aprendizagem. As imagens e ícones contribuem de forma significativa para que isso aconteça.”

Conclui-se que os ícones chamam a atenção do aluno, permite ao mesmo uma maior atenção e interação com o conteúdo, deixando o material mais didático.

A esse respeito Santos alerta que “a imagem motiva, facilita o conhecimento intuitivo, provocando a reflexão.” (Santos, 2012. p.237). O uso de recursos icônicos, tabelas, gráficos e imagens no MDI, facilitam uma relação de interação entre o educando, o professor-autor e o texto, favorecendo o processo de ensino aprendizagem.

Conclusão

As tecnologias de informação e comunicação beneficiaram de forma significativa a modalidade de Educação a Distância, tornando o processo ensino-aprendizagem mais prazeroso e também potencializando a interatividade entre docentes e discentes.

Diante de tantos atrativos tecnológicos, o material didático impresso permanece como uma das ferramentas pedagógicas mais utilizadas no processo educacional, sendo um recurso que facilmente está à disposição do aluno, por ser de fácil mobilidade, favorecendo o estudo no horário e local que o aluno preferir. Essa versatilidade oportunizada pelo material didático impresso é um atributo que faz dele um elemento imprescindível na Educação a Distância.

Retomando as questões de investigação propostas no início deste estudo, verifica-se que a primeira questão relacionava-se com o processo de produção, mais especificamente do material didático impresso no Brasil e nas universidades públicas do Maranhão.

Com a realização da pesquisa percebeu-se que o desenvolvimento de materiais didáticos para a educação a distância no Brasil e no mundo é algo que merece atenção dos educadores, bem como de todos os atores envolvidos neste processo, e verificou-se que, na maioria dos casos, esta produção é realizada através de uma equipe multidisciplinar composta de profissionais tanto da educação, como tecnólogos e designers. A produção segue todo um processo que pretende deixar o material didático claro, dialógico, com conteúdo suficiente para desenvolver no aluno a capacidade de estudo, capaz de despertar a curiosidade para a pesquisa e exploração dos temas, bem como a rápida localização dos tópicos e sessões através dos recursos gráficos e visuais.

Interessou saber, principalmente, acerca da qualidade do material didático produzido pelas instituições de ensino superior públicas do Maranhão no que tange a qualidade estética, linguagem e conteúdo. E, neste sentido, considerando apenas o item atende na LVCEAD tem-se a tabela 13:

Item Verificado	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA
Conteúdo	56%	43%	62%
Estética	66%	63%	59%
Linguagem	65%	55%	76%

Tabela13 - Somatório de itens “atende” verificados nas instituições pesquisadas

Através da interpretação destes dados percebe-se que no quesito conteúdo a UNIBETA foi a instituição que teve um valor mais elevado (62%) seguidos da UNIALFA (56%) e UNIGAMA (43%). Em relação à estética e recursos visuais verifica-se que a UNIALFA obteve um valor superior às demais (66%), seguidos do UNIGAMA (63%) e UNIBETA (59%). No quesito Linguagem a UNIBETA teve um valor muito superior às demais (76%), mostrando bastante qualidade neste aspecto, seguida da UNIALFA (65%) e UNIGAMA (55%). A partir dos dados obtidos destaca-se que a UNIBETA tem o melhor material didático das três instituições pesquisadas, uma vez que obteve valores superiores em dois quesitos importantes como o conteúdo e a linguagem. Apesar de não terem superado a UNIALFA no componente estética, estes dois quesitos atendidos podem superar as carências gráficas destacando-se como o material que mais se aproxima às exigências dos referenciais de qualidade atestados pela grelha de análise aplicada aos materiais analisados.

A elaboração do MDI, contudo, ainda é um grande desafio por ser um procedimento complexo, de abrangência interdisciplinar. Inicialmente é de fundamental importância que se perceba que a estrutura e o planejamento do material para EaD não é o mesmo utilizado na educação presencial, por isso deve ser especialmente preparado para contemplar os critérios de conformidade que são: conteúdo, linguagem e estética.

O conteúdo deve ser trabalhado de forma clara e objetiva para possibilitar que aluno possa fazer uma relação com sua realidade, permitindo que o conteúdo visto tenha aplicabilidade e favoreça a aprendizagem. Quando esse conteúdo não apresenta clareza e organização traz grandes prejuízos ao processo ensino-aprendizagem, visto que o educando poderá não compreender a aplicabilidade do conteúdo estudado.

A linguagem é outro componente primordial na qualidade do material didático produzido para a educação a distância. Este estudo mostrou que as Instituições pesquisadas tiveram resultados satisfatórios nesse quesito, o que é fundamental para o processo ensino-aprendizagem, visto que a linguagem favorece a interação e colaboração entre alunos e professores que estão distantes geograficamente.

A qualidade da apresentação visual do material didático impresso é um meio que pode estimular e até potencializar a aprendizagem, o que torna a estética um componente importante para os cursos a distância. Por meio da estética o material didático impresso poderá atrair a atenção do aluno ou desviá-la, prejudicando ou interferindo na aquisição do conhecimento.

Constata-se na pesquisa realizada que a avaliação das Instituições, de modo geral, apresentaram um resultado satisfatório com maior percentual de conformidade nos critérios estabelecidos.

É relevante ressaltar que a boa formação do professor-autor, juntamente com o apoio de uma equipe multidisciplinar é condição *sinequa non* para a produção de um MDI que favoreça a aprendizagem do aluno da EaD. Nesse aspecto, a grande maioria dos docentes relatou certa dificuldade na produção do material e isto se deu pela falta de preparação prática para a escrita, considerando que o perfil do aluno a distância é diferente do aluno presencial, ou seja, somente uma apresentação expositiva não é suficiente para prepará-los para o trabalho, são necessárias atividades práticas em forma de oficinas e minicursos.

Constatou-se através da análise dos questionários respondidos pelos docentes, ser necessário uma maior orientação ao professor-autor quanto ao planejamento do processo de produção do MDI, considerando o uso que o mesmo faz dos critérios de conformidade do conteúdo, da linguagem e da estética, com o objetivo de aliar qualidade textual aos diversos elementos audiovisuais existentes (imagens, gráficos, tipografias e designs).

O professor-autor deve perceber-se como produtor de conteúdos educacionais, ou seja, autor de materiais didáticos que tem como objetivo desenvolver competências comunicativas e priorizar uma abordagem dialógica na produção textual dos MDI.

É de grande relevância que se fomente formação continuada das equipes envolvidas na produção de materiais didáticos, em especial, o professor-autor, a fim de que tome conhecimento das diversas estratégias que podem favorecer o processo ensino-aprendizagem.

É imprescindível que haja uma reflexão, sobre a elaboração de MDI, uma vez que ela poderá sob forma de outros estudos fazer com se outras questões as quais não foram contempladas ou até mesmo remodelar as já apresentadas nesta pesquisa como: estudos mais aprofundados sobre design instrucional; análise sobre AVA, entre outros. Acredita-se que este trabalho possa permitir ou despertar a vontade de aperfeiçoar e ampliar o estudo dessa temática.

Estes critérios apresentados demonstram que apesar da complexidade em adequar todos os requisitos, (o conteúdo, linguagem e estética), quando bem planejados, com uma linguagem acessível, um conteúdo organizado e estruturado e uma estética apropriada, permitem um material de qualidade em conformidade aos referenciais de qualidade da educação a distância.

Fazer uso de um material didático impresso de qualidade na Educação a Distância é permitir e propiciar ensino, educação sem fronteiras e barreiras. É o conhecimento que pode chegar a qualquer pessoa, em qualquer lugar, como forma de crescimento pessoal e social. É favorecer a democratização da educação.

As principais limitações do estudo estão na avaliação apenas de uma amostra de cursos ofertados pelas instituições de ensino públicas do Maranhão, ou seja, se o estudo tivesse sido realizado com todos os cursos (licenciaturas, bacharelados e tecnólogos) talvez o resultado fosse diferente. No caso da pesquisa, a amostra de professores-autores foi de apenas 16 indivíduos, mas caso apresentasse um número maior, talvez os dados também pudessem sofrer algumas alterações, ou ainda se a lista de verificação fosse outra, também seriam produzidos novos dados para a pesquisa.

A utilização dos dados que foram investigados durante a pesquisa, finalmente, mostram que o corpo docente precisa de qualificação no que diz respeito aos itens: linguagem, conteúdo e estética.

Em um estudo futuro é possível que se possa realizar outros tipos de análises a fim de garantir uma produção de material de melhor qualidade.

Bibliografia

- Almeida, F. J. (2007). *Computador, escola e vida: aprendizagem e tecnologias dirigidas ao conhecimento*. São Paulo: Cubzac.
- Almeida, L., & Freire, T. (2007). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Almeida, M. E. B. (2003). Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, 29(2), 327-340.
- Alves, J. R. M. (2009). A história da EAD no Brasil. In F. M., Litto, & M., Formiga (Orgs.). *Educação a distância o estado da arte* (pp. 36-46). São Paulo: Pearson Education.
- Anderson, T., & Dron, J. (2011). Three generations of distance education pedagogy. *International Review of Research in Open and Distance Learning*, 2(3), 80-97.
- Andrade, A. F. (2003). Construindo um ambiente de aprendizagem a distância inspirado na concepção sociointeracionista de Vygotsky. In M., Silva (Org.). *Educação on-line*. São Paulo: Loyola.
- Aparici, R. (2010). *Conectados en el ciberespacio*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Aretio, L. G. (2001). *La educación a distancia: de la teoría e la práctica*. Barcelona: Ariel.
- Aretio, L. G. (2002). *La educación a distancia: de la teoría a La práctica*. Barcelona: Editora Ariel.
- Associação Brasileira de Educação a Distância [ABED]. (2011). *Censo EAD.br: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2010*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Associação Brasileira de Educação a Distância [ABED]. (2013). *Censo EAD.br: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2012*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Ausubel, D. P. (2000). *The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view*. Holanda: KluwerAcademicPublishers.
- Averbug, R. (2003). Material didático impresso para educação a distância: tecendo um novo olhar. *Colabor@*, 2(5), 11-31.
- Bakhtin, M. (1993). *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: Unesp.
- Barberà, E. (2001). *La incógnita de la educación a distancia*. Barcelona: Horsori.

- Bardin, L.(1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastos Filho, O. C., & Teixeira, C. M. (2008). *Educação a distância*. São Luís: EdUNIALFA.
- Belisário, A. (2003). O material didático na educação a distância e a constituição de propostas interativas. In M., Silva (Org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa* (pp. 139 - 144). São Paulo: Edições Loyola.
- Belisário, A. (2006). O material didático na educação a distância e a construção de propostas interativas. In: M., Silva (Org.). *Educação online* (2ª ed, pp. 138-145). São Paulo: Edições Loyola.
- Belloni, M. L. (2008). *Educação à distância* (5ª ed.). Campinas: Autores Associados.
- Bianchetti, L. (1998). Da chave de fenda ao laptop: um estudo sobre as qualificações dos trabalhadores na Telecomunicações de Santa Catarina (Telesc). Tese apresentada ao Departamento de História e Filosofia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para obtenção do grau de doutor, orientada por Celso João Ferreti, São Paulo.
- Bonilla, M. H. S., & Pretto, N. D. L. (2007). Formação de professores: as TIC estruturando dinâmicas curriculares horizontais. In A., Bohumila, K. S., Freitas (Orgs.). *Educação a distância no contexto brasileiro: experiências em formação inicial e formação continuada* (pp. 73-92). Salvador: ISP/UFBA.
- Bonsiepe, G. (1997). *Design: do material ao digital*. Florianópolis: FIESC/IEL.
- Borderie, R. (1997). *Education à l'image et aux médias*. Paris: Nathan, 1997.
- Brunner, J. J. (2004). Educação no encontro com as novas tecnologias. In C. J., Tedesco (Org.). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* (pp. 17-76). São Paulo: Cortez.
- Bruno, A. R., & Lemgruber, M. S. (2010). Docência na Educação online: professorar e (ou) tutorar? In R. A., Bruno, M. E., Borges, & L. S. P., Silva. (Orgs.). *Tem professor na rede* (pp. 71-82). Juiz de Fora: UFJF.
- Burch, S. Sociedade da informação/ sociedade do conhecimento. In: Ambrosi, A.; Peugeot, V.; Pimenta, D. Desafios das palavras. Ed. VECAM, 2005. Disponível em: <http://vecam.orgqarticle699.html> Acesso em: 22 de dezembro 2014.
- Carvalho, A. A. A. (2007). Rentabilizar a internet no ensino básico e secundário: dos recursos e ferramentas online aos LMS. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, (3), 25-40.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

- Castells, M., & Cardoso, G. (Org.). (2006). *A sociedade em rede: do conhecimento á acção política*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Comel, N. E. D. (2001). E.A.D.: o material impresso em questão. *Olhar do Professor*, 4(1), 171-181. Acesso em 20 de agosto de 2014, em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1371/1015>
- Commonwealth of Learning [COL]. (2005). *Creating learning materials for open an distance learning: a handbook for authors and instructional designers*. Vancouver: Commonwealth of Learning. Disponível em: http://www.col.org/PublicationDocuments/pub_odlinstdesignHB.pdf >. Acesso em 18 agos. 2014.
- Coutinho, C. (2011) Tpack: em busca de um referencial teórico para a formação de professores em tecnologia educativa. *Paidéia*, 2(4). Acesso em 20 de junho de 2014, em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13670/3/TPACKCCoutinho.pdf>.
- Couto, Z. S., Oliveira, M. V., & Santos, R. C. G. (2008). Construindo outra cultura de EAD: a produção de material didático instrucional para o curso de Pedagogia UAB/FURG. *Revista Didática Sistemica*, 8(2008), 27-37. Acesso em 12 de maio de 2014, em <http://www.seer.furg.br/redsis/article/view/1184/497>.
- Cybis, W. (2007). *Ergonomia e usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações*. São Paulo: Novatec Editora.
- Decreto n.º 5.622/05 de 19 de dezembro. Regulamenta o art. 80 da Lei 9.394/96, 20 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Acesso em 17 de julho de 2014, em http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf.
- Demo, P. (2009). Aprendizagens e novas tecnologias. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*, 1(1), 53-75. Acesso em 3 de março de 2014, em <http://www.facec.edu.br/seer/index.php/docenciaepesquisaeducacaoofisica/article/viewFile/80/140>.
- Duchastel, P. (1988). Illustrations in text: a retentionalrole. *Programmed Learning and Educational Technology*, 1988.(**me envie este material**, só acho o ano de 2001 Programmed Learning andEducational Technology, 18(1), 11-15.)
- Durkheim, E. (1984). *As regras do método do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Effting, M. O. (2010). *Material didático impresso em EAD: ferramenta que se estabelece*. Comunicaçãoapresentada no X Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur, Mar del Plata.
- Enguita, M. F. (1996). O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In A. P. A., Gentili, T. T., Silva. *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas* (4ª ed., pp. 95-110). Petrópolis: Vozes.

- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. A., Lima, & J. A., Pacheco (Orgs.). *Fazer investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto: Porto Editora.
- Fernandez, C. T. (2009). Os métodos de preparação de material impresso para EaD. In F. M., Litto, & M., Formiga. *Educação a Distância: o estado da arte* (pp. 396-402). São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Ferreira, R. (2000). *A Internet como ambiente da educação à distância na formação continuada de professores*. Dissertação apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso para obtenção do grau de mestre, Cuiabá. Acesso em 22 de setembro de 2014, em http://cev.ucb.br/qq/ruy_ferreira/tese.htm.
- Filatro, A. (2008). *Design instrucional na prática*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Filatro, A. (2009). As teorias pedagógicas fundamentais em EaD. In F. M., Litto, & M., Formiga (Orgs.). *Educação a distância: o estado da arte* (pp. 96-104). São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Fiorentini, L. M. R. (1996). *Educação a distância e comunicação educativa: questões conceituais e curriculares*. IV Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores: Formação do Educador - dever do Estado, tarefa da Universidade, Águas de São Pedro. Anais. São Paulo: Unesp.
- Fiorentini, L. M. R. (2000) Linguagens e interatividade na educação a distância. São Paulo: P&D, 2000.
- Franco, M. A. (2007). Elaboração de material impresso: conceitos e propostas. In J., Corrêa (Org.). *Educação a distância: orientações metodológicas* (pp. 25-36). Porto Alegre: Artmed.
- Franco, M. A., Cordeiro, L. M., & delCastillo, R. A. F. (2003). O ambiente virtual de aprendizagem e sua incorporação na Unicamp. *Educação e Pesquisa*, 29(2), 341-353. Acesso em 28 de abril de 2014, em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a11v29n2.pdf>.
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do oprimido* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freixo, M. (2012). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e práticas* (4ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Friedman, T. L. (2007). *O mundo é plano: Uma história breve do século XXI*. Lisboa: Actual Editora.
- Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz]. (2010). *A construção do livro didático na EAD/Ensp: Normas para os autores*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Gamboa, S. A. S. (2007). *Epistemologia da educação física: as inter-relações necessárias*. Maceió: EDUFAL.

- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Goetz, J., & Lecompte, M. D. (1984). *Ethnography and qualitative design in educational research*. Orlando: Academic Press.
- Gomes Filho, J. (2003). *Ergonomia do objeto: sistema técnico de leitura ergonômica*. São Paulo: Escrituras Editora.
- Gomes, M. J. (2005). E-learning: reflexões em torno do conceito. In P., Dias & C. V., Freitas (Orgs.). *Actas da IV Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação Challenges/Desafios* (pp. 229-236). Braga: Centro de Competência Nónio Séc. XXI.
- Gomes, P. G. (2004). *Tópicos de teoria da comunicação: processos midiáticos em debate* (2ª ed.). São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Gouvêa, G., & Oliveira, C. I. (2006). *Educação a distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent.
- Guevara, A. A. (2000). Ética en la sociedad de la información: reflexiones desde América Latina. In <http://webworld.unesco.org>. Acesso em 15 de março em http://webworld.unesco.org/infoethics2000/documents/paper_agudo.rtf.
- Gutiérrez, F. & Prieto, D. (1994). *A mediação pedagógica: Educação à distância alternativa*. São Paulo: Editora Papirus.
- Holmes, B., Tangney, B., Fitzgibbon, A., Savage, T., & Mehan, S. (2001). Communal constructivism: students constructing learning for as well as with others. In <https://www.cs.tcd.ie>. Acesso em 23 de abril de 2014, em <https://www.cs.tcd.ie/publications/tech-reports/reports.01/TCD-CS-2001-04.pdf>.
- Ianni, O. (2006). *Teorias da globalização* (13ª ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Illich, I. (1985). *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes.
- IMS Global Learning Consortium. (2002). *IMS Learning Consortium meta-data Specification*. Acesso em 20 de março de 2014, em <http://www.imsproject.org/metadata>.
- IMS Global Learning Consortium. (2003). *IMS Learning Design Best Practice and Implementation Guide*. In <http://www.imsproject.org>. Acesso em 20 de março de 2014, em http://www.imsproject.org/learningdesign/ldv1p0/imsld_bestv1p0.html.
- IMS Global Learning Consortium. (2007). *IMS Learning question and teste interoperability: specification*. Acesso em 20 de março de 2014, em <http://www.imsproject.org/question/qti2p1/imscti-2pd2.html>.

- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia [UNIGAMA]. (2009). *PDI: Programa de Desenvolvimento Instituo (2009-2013)*. São Luís: UNIGAMA. Acesso em 30 de outubro de 2014, em http://www.UNIGAMA.edu.br/proen/arquivos/Legislacao/pdi_UNIGAMA_2009_2013.pdf.
- Instituto Nacional de Educação à Distância [INED]. (2003). *Conceber materiais de ensino aberto e à distância*. Vancouver: Commonwealth of Learning. Acesso em 18 de agosto de 2014, em <http://www.abed.org.br/col/concebermateriais.pdf>.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP]. Censo da educação superior, 2012. In <http://sistemascensosuperior.inep.gov.br>. Acesso em: 20 de outubro de 2014, em http://sistemascensosuperior.inep.gov.br/censosuperior_2012/.
- Ivic, I., & Coelho, E. P. (Orgs.). (2010). *Lev Semionovich Vygotsky*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Acesso em 16 de junho de 2014, em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4685.pdf>.
- Jonassen, D. (1996). O uso das novas tecnologias na educação a distância e a aprendizagem construtivista. *Em Aberto*, 16(70), 70-88. Acesso em 22 de setembro de 2014, em <http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2504.pdf>.
- Jonassen, D. H. (2007). *Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora.
- Juran, J. M. (1995). *Juran na liderança pela qualidade* (3ª ed.). São Paulo: Pioneira.
- Keegan, D. (1996). ***Foundations of distance education*** (3ª ed.). London: Routledge.
- Kenski, V. M. (2013). *Tecnologias e tempo docente*. Campinas: Papirus.
- Kenski, V. M., & Barbosa, A. C. L. S. (2007). Gestão de pós-graduação a distância: curso de especialização em designer instrucional para educação on-line. *II Congresso Luso-Brasileiro de Política e Administração da Educação, Porto Alegre. Anais*. Porto Alegre: Anpae.
- Laaser, W. (1997). *Manual de criação e elaboração de materiais para educação a distância*. Brasília: CEAD.
- Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Acesso em 3 de julho de 2014, em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>.
- Lencastre, J. A. (2009). ***Educação on-line: um estudo sobre o blended learning na formação pós graduada a partir da experiência de desenho, desenvolvimento e implementação de um protótipo Web sobre a Imagem***. Tese de doutorado apresentado ao Departamento de Educação da Universidade do Minho para obtenção do grau de doutor, orientada por José Henrique Chaves, Braga.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

Libâneo, J. C. (2000). *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez.

Libâneo, J. C. (2004). ***Organização e gestão da escola: teoria e prática*** (5ª ed.). Goiânia: Editora Alternativa.

Lima, J. R., & Capitão, Z. (2003). *E-Learning e e-Conteúdos*. Lisboa: Centro Atlântico.

Lisboa, E. S., & Coutinho, C. P. (2012). O processo da comunicação na Sociedade da Informação: em busca de um referencial teórico. In J. B., Bottentuit Junior. *Educação online: conceitos, metodologias, ferramentas e aplicações* (pp. 41-61). Curitiba: CRV Editora.

Lisboa, E. S., Bottentuit Junior, J. B., & Coutinho, C. P. (2010). Conceitos emergentes no contexto da sociedade da informação: um contributo teórico. *Paidéi@*, 2(3). Acesso em 23 de abril de 2014, em <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>.

Litto, F. M. (2009). O atual cenário internacional da EAD. In C. M., Formiga (Org.). *Educação a distância: o estado da arte* (pp. 9-13). São Paulo: Pearson Education do Brasil.

Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Macário, M. J., Tréz, T., Ferrão-Lopes, S., Gonçalves, J., Cabrita, I. & Pombo, L. (2010). Comunidades de prática em ambientes virtuais: da teoria à experiência colaborativa. In M., Rodríguez, R., Silveira, & P., Escudeiro (Eds.). *TICAI2010: TICs para el Aprendizaje de la Ingeniería* (pp. 159-166). Vigo: Universidad de Vigo. Acesso em 23 de abril de 2014, em <http://romulo.det.uvigo.es/ticai/libros/2010/2010/cap22.pdf>.

Maffezoli, M. (1999). *No fundo das aparências* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Maia, C., & Mattar, J. (2007). *ABC da EaD: a educação a distância hoje*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Martinez, J. H. G. (2004). Novas tecnologias e o desafio da educação. In J. C., Tedesco (Org.). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* (pp. 95-108). São Paulo: Cortez.

Masseto, M. T. (2008). *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus.

Mattar, J. (2009). Interatividade e aprendizagem. In F. M., Litto & M., Formiga (Orgs.). *Educação a distância: o estado da arte* (pp. 112-120). São Paulo: Pearson Education do Brasil.

Mattar, J. (2013). *Web 2.0 e redes sociais na educação*. São Paulo: ArtesanatoEducativo.

- McMillan, J., & Schumaker, S. (1997). *Research in Education: evidence-based inquiry* (6ª ed.). Boston: Pearson Education.
- Meister, J. C. (1999). *Educação corporativa*. São Paulo: Makron Books.
- Mendoza, B. A. P., et al. (2010). Designer Instrucional: membro da polidocência na Educação a Distância. In D., Mill, M. R. G., Oliveira, L. R. C., Ribeiro (Orgs.). *Polidocência na educação a distância: múltiplos enfoques*. São Carlos: EDUFSCar.
- Mercado, L. P. L., & Freitas, M. A. S. (2013). Avaliação de materiais didáticos para educação online dos cursos da uab: perspectiva analítica e reconstrutiva. *Revista e-Curriculum*, 2(11).
- Mills, C. W. (1965). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (7ª ed.). São Paulo: Hucitec.
- Ministério da Educação e Cultura [MEC]. (2002). *Referenciais para elaboração de material didático para EAD no ensino profissional e tecnológico*. Brasília: MEC. Acesso em 17 de setembro de 2014 em http://www.etecbrasil.mec.gov.br/gCon/recursos/upload/file/ref_materialdidatico.pdf.
- Ministério da Educação e Cultura [MEC]. (2007 a). Referenciais de qualidade para educação superior a distância. Brasília: MEC. Acesso em 15 de março de 2014, em <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refeed1.pdf>.
- Ministério da Educação e Cultura [MEC]. (2007 b). *Referenciais para elaboração de material didático para EAD no ensino profissional e tecnológico*. Brasília: MEC.
- Moore, M. G., & Kearsley, G. (2007). *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Thomson Learning.
- Moran, J. M. (2000). Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In J. M., Moran, M. T., Masetto, & M. A., Behrens. *Novas tecnologias e mediação pedagógica* (12ª ed., pp. 11-66). Campinas: Papirus.
- Moran, J. M. (2002). O que é educação a distância. In <http://www2.eca.usp.br>. Acesso em 21 de outubro de 2014, em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>.
- Moran, J. M. (2003). Educação inovadora presencial e a distância. In <http://www.eca.usp.br>. Acesso em: 20 de janeiro de 2014, em http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/innov.pdf.
- Moran, J. M. (2008). O que é educação à distância. In <http://www2.eca.usp.br>. Acesso em 18 de abril de 2014, em <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>.

- Moreira, M. A. (1999). Sobre o ensino do método científico. *Caderno Catarinense de Ensino de Física*, 10(1), 108-117.
- Moreira, S. V. (2005). Análise documental como método e como técnica. In: J., Duarte, & A., Barros (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 269-279). São Paulo: Atlas.
- Mugnol, M. (2009). A educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos. *Diálogo Educacional*, 27(9), 335-349.
- Neder, M. L. C., & Possari, L. H. V. (2001). Oficina para produção de material impresso. In O. B., Martins (Org.). *Curso de formação em educação a distância: educação e comunicação em educação a distância: módulo 3* (pp. 158-161). Rio Grande: Unired.
- Núcleo de Educação à Distância [NEAD]. (2014). Apresentação. In <http://www.nead.UNIALFA.br>. Acesso em 22 de outubro de 2014, em <http://www.nead.UNIALFA.br/index.php/2013-03-30-15-15-02/apresentacao>.
- Núcleo de Tecnologias para Educação [UNIBETANET]. 2014. <http://www.UNIBETAnet.UNIBETA.br/portal/index.php/2012-08-09-17-26-35>. Acesso em 22 de outubro de 2014, de UNIBETANET em <http://www.UNIBETAnet.UNIBETA.br>.
- Nunes, I. B. (2009). A história da EaD no mundo. In F. M., Litto, & M., Formiga (Orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Oliveira, E. G. (2003). *Educação a distância na transição paradigmática*. São Paulo: Papirus.
- Ota, M. A. (2011). *Contribuições teórico-metodológicas para produção de materiais didáticos*. Dissertação apresentada ao Departamento Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Manuel Tavares, Lisboa.
- Pacheco, L. H. M., & Pacheco, R. L. (2008). O que é sociedade? Uma abordagem para cursos tecnológicos. In <http://www.inf.ufsc.br>. Acesso em 2 de junho de 2014, em http://www.inf.ufsc.br/~lucia/INE5407/3-Sociedade/071-Sociedade_INTERTECH'2008.
- Paladini, E. P. (1995). *Gestão da qualidade no processo: a qualidade na produção de bens e serviços*. São Paulo: Atlas.
- Peres, P., & Pimenta, P. (2011). *Teorias e práticas de B-Learning*. Lisboa: Edições Silabo.
- Perez, F. G., & Castillo, D. P. (1991). *Mediación pedagógica: apuntes para una educación a distancia alternativa*. S. José: Radio Nederland Training Center.
- Peters, O. (2002). *Didática do ensino a distância*. São Leopoldo: Unisinos.

- Porto, Y. S. (2009). *Mediação pedagógica em educação a distância: competências necessárias* Rio Grande do Sul: UFPEL.
- Possari, L. H. V. (2009). Produção de material didático para a EaD. In M. L. C., Neder, & L. H. V., Possari. *Educação a Distância: Material didático para a Ead: processo de produção* (pp. 47-62). Cuiabá: EdUFMT.
- Prensky, M. (2001). Nativos digitais, imigrantes digitais. In <http://www.colegiongeracao.com.br>. Acesso em 30 de julho de 2014, em http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf.
- Preti, O. (2000). Autonomia do aprendiz na educação a distância: significados e dimensões. In O., Preti (Org.). ***Educação a distância: construindo significados* (pp. 125-145)**. Brasília: Plano.
- Preti, O. (2002). Bases epistemológicas e teorias em construção na educação a distância. In <http://www.uab.ufmt.br>. Acesso em 22 de maio de 2014, em http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/bases_epistemologicas.pdf.
- Preti, O. (2009). *Educação a distância: fundamentos e políticas*. Cuiabá: UFMT.
- Preti, O. (2010). *Produção de material didático impresso: orientações técnicas e pedagógicas*. Cuiabá: UAB/UFMT.
- Santaella, L. (2000). *Estética: de Platão a Peirce* (2ª ed.). São Paulo: Experimento.
- Santos, B. S. (2002). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, B. S. (2007). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo.
- Santos, E. (2003 a). Articulação de saberes na EAD online: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In M., Silva (Org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa* (pp. 217 – 230). São Paulo: Edições Loyola.
- Santos, E. (2003 b). Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livre, plurais e gratuitas. *Revista FAEBA*, 12(18). (Texto no prelo). Acesso em 28 de abril de 2014, em <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/ava.pdf>.
- Santos, E. (2010). Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In M., Silva, L., Pesce, & A., Zuin (Orgs.). *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicos* (pp. 29-48). Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Santos, E., & Silva, M. (2005). *Avaliação da aprendizagem em educação online*. São Paulo: Loyola.

- Santos, R. M., & Silva, P. (2009). A didática da EAD virtual. In <http://pedagogiaaopedaletra.s3.amazonaws.com>. Acesso em 21 de setembro de 2014, em <http://pedagogiaaopedaletra.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2012/04/EAD-VIRTUAL.pdf>
- Santos, W. (2012). A utilização de imagens na construção do material didático na ead. In R. N., Linhares (Org.). *Anais do 3º Simpósio de Educação e Comunicação* (pp. 229-240). Aracaju: Universidade Tiradentes. Acesso em 3 de junho de 2014, em http://geces.com.br/simposio/anais/anais-2012/Anais_completo_2012.pdf.
- Santos, Z. C., et al. (2014). Avaliação do material didático e desempenho do docente em EAD: medidas de qualidade no Cead/Unimontes. *Revista Digital*, 19(195).
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sartori, A. S., & Roesler, J. (2003). Estratégias de produção de material escrito na EAD: do impresso ao digital. In http://nourau.uniararas.br/en_US. Acesso em 30 de julho de 2014, em http://nourau.uniararas.br/en_US/document/?code=180.
- Sartori, A., & Roesler, J. (2005). *Educação superior a distância: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line*. Tubarão: Editora Unisul.
- Sartori, A., & Roesler, J. (2005). *Educação superior a distância: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line*. Tubarão: Editora Unisul.
- Sathler, L. (2014). Especialistas apostam em crescimento de cursos a distância para 2014. In <http://noticias.terra.com.br>. Acesso em 22 de abril 2014, em <http://noticias.terra.com.br/educacao/especialistas-apostam-em-crescimento-de-cursos-a-distancia-para-2014,bf8e95a5a4624410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>.
- Saussure, F. (1985). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Scherer, S. (2005). Material impresso: um diálogo sobre estatística aplicada à educação. In <http://www.abed.org.br>. Acesso em 19 de maio de 2014, em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/077tcc3.pdf>.
- Schlemmer, E. (2005). Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem. In R. M., Barbosa (Org.). *Ambientes virtuais de aprendizagem* (pp. 29-49). Porto Alegre: Artmed.
- Schnell, R. F., & Quartiero, E. M. (2009). A sociedade da informação e os novos desafios para a educação. *Revista Linhas*, 10, 103-125.
- Schons, C. (2009). *Validação de critérios para material didático assíncrono em educação a distância*. Dissertação apresentada ao Departamento de Engenharia de Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de mestre, orientada por Rosângela Schwartz Rodrigues, Florianópolis.

- Segenreich, S. C. D. (2009). *Expansão da educação Superior pós – LDB/1996 e EAD*. Trabalho apresentado no XVI Seminário Nacional Universitas, Campo Grande.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico* (23ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Siemens, G. (2004). Connectivism: a learning theory for the digital age. In <http://www.elearnspace.org>. Acesso em 16 de maio de 2014, em <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>.
- Silva, A. R. L., & Castro, L. P. S. (2009). A relevância do design instrucional na elaboração de material didático impresso para cursos de graduação a distância. *Revista Intersaberes*, 4(8), 136-149.
- Silva, J. A. R. (2009). Performance da inovação em ead: o caso UNIBETANET. In <http://www.abed.org.br>. Acesso em 10 de outubro de 2014, em <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1552009231902.pdf>.
- Silva, L., & Silva, M. (2007). A avaliação online num ambiente virtual de aprendizagem. V *Encontro de educação e tecnologias de informação e comunicação [E-TIC]*. Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Estádio de Sá. Acesso em 28 de abril de 2014, em <http://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/unesalanasilva.pdf>.
- Silva, M. (2010). Desenho didático: contribuições para a pesquisa sobre formação de professores para a docência online. In M., Silva, L., Pesce, & A., Zuin (Orgs.). *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicos* (pp. 215-231). Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Silva, R. S. (2011). *Moodle para autores e tutores: educação a distância na web 2.0*. São Paulo: Novatec.
- Skinner, B. F. (1982). *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- Soares, S. J. (2014). Análise do material didático impresso do curso técnico em vigilância em saúde Unimontes/E-TEC. *XX Congresso Brasileiro de Educação a Distância, Curitiba. Anais*. Curitiba: Abed.
- Soletic, A. (2001). A produção de materiais escritos nos Programas de Educação a Distância: problemas e desafios. In E., Litwin (Org.). *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa* (pp. 73-92). Porto Alegre: Artmed.
- Takahashi, T. (2000). Educação na sociedade da informação. In T., Takahashi (Org.). *Sociedade da informação no Brasil: livro verde* (pp. 43-56). Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. Acesso em 16 de maio de 2014, em <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf>.
- Teles, L. F. (2009). A aprendizagem por e-learning. In F. M., Litto, & M. M. M., Formiga (Orgs.). *Educação a distância: o estado da arte* (pp. 72-84). São Paulo: Pearson Education do Brasil.

Trejo, M. (2008). La elaboración de material didáctico impreso: un camino para la herramienta en línea. In <http://www.suafyl.filos.unam.mx>. Acesso em 22 de abril de 2014, em <http://www.suafyl.filos.unam.mx>.

Triviños, A. N. S. (1992). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Tomazi, Nelson D. [et al.]. *Iniciação à Sociologia*. São Paulo: Atual, 2000.

Universidade Aberta do Brasil [UAB]. (2007).
http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=5.
Acesso em 15 de março de 2014, de UAB em <http://uab.capes.gov.br>.

Vavassori, F. B., & Raabe, A. L. A. (2003). Organização de atividades de aprendizagem utilizando ambientes virtuais: um estudo de caso. In M., Silva (Org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa* (pp. 311-326). São Paulo: Edições Loyola.

Vieira, F. M. S. (2004). Avaliação de software educativo: reflexões para uma análise criteriosa. In <http://www.edutecnet.com.br>. Acesso em 16 de abril de 2014, em <http://www.edutecnet.com.br/Textos/Alia/MISC/edmagali2.htm>.

Vygotsky, L. S. (1984). *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Watson, J. B. (1914). *Behavior: an introduction to comparative psychology*. Philadelphia: Lippincott.

Wenger, E. (2006). Communities of practice: a brief introduction. In <http://www.ewenger.com>. Acesso em 23 de abril de 2014, em <http://www.ewenger.com/theory/index.htm>.

Zordan, G. R. (2012). *Estudo sobre os fatores que influenciaram a evasão no curso de Administração da UNIALFA, na modalidade a distância no pólo presencial de PortoFranco-MA*. Dissertação apresentada a Departamento de Cultura e Sociedade da Universidade ALFA para obtenção do grau de mestre, orientada por Reinaldo Portal Domingo, São Luís.

Índice Remissivo Onomástico

A

Almeida, F. J., 23, 106
Almeida, L., 82, 106
Almeida, M. E. B., 31, 39, 106
Alves, J. R. M., 14, 42, 106
Anderson, T., 26, 34, 36, 106
Andrade, A. F., 53, 62, 99, 106
André, M. E. D. A., 70, 112
Aparici, R., 39, 106
Araújo, E. M., 115
Aretio, L. G., 48, 53, 62, 63, 78, 82, 106
Associação Brasileira de Educação a
Distância, 15, 106
Ausubel, D. P., 47, 106
Averbug, R., 15, 63, 106

B

Bakhtin, M., 65, 106
Barberà, E., 32, 106
Barbosa, 40, 41, 54, 111
Bardin, L., 82, 107
Bastos Filho, O. C., 72, 107
Belisário, A., 15, 66, 107
Belloni, M. L., 30, 107
Bianchetti, L., 21, 107
Bonilla, M. H. S., 25, 107
Bonsiepe, G., 68, 107
Borderie, R., 24, 107
Bottentuit Junior, J. B., 1, 2, 5, 112
Brunner, J. J., 20, 107
Bruno, A. R., 41, 42, 96, 107

C

Capitão, Z., 30, 33, 34, 112
Carvalho, A. A. A., 36, 107

Castells, M., 20, 21, 22, 36, 107
Castillo, D. P., 51, 114
del Castillo, R. A. F., 40, 109
Castro, L. P. S., 55, 117
Coelho, E. P., 35, 111
Comel, N. E. D., 97, 101, 108
Commonwealth of Learning, 78, 108
Coutinho, C., 23, 108
Coutinho, C. P., 22, 36, 112
Couto, Z. S., 55, 108
Cybis, W., 67, 108

D

Demo, P., 50, 108
Dron, J., 26, 34, 36, 106
Duchastel, P., 58, 108
Durkheim, E., 19, 108

E

Effting, M. O., 15, 108
Enguita, M. F., 58, 108
Esteves, M., 83, 108

F

Fernandez, C. T., 58, 59, 67, 68, 91, 109
Ferrão-Lopes, S., 112
Ferreira, R., 43, 109
Filatro, A., 35, 55, 109
Fiorentini, L. M. R., 66, 109
Fitzgibbon, A., 36, 110
Franco, M. A., 40, 66, 109
Freire, T., 82, 106
Freire, P., 52, 109
Freitas, M. A. S. 16, 64, 113
Freixo, M., 82, 109
Friedman, T. L., 40, 109

Fundação Oswaldo Cruz, 51, 109

G

Gamboa, S. A. S., 70, 109

Gil, A. C., 71, 109

Goetz, J., 82, 110

Gomes, 30, 32, 33, 110

Gomes Filho, 54, 110

Gouvêa, G., 100, 110

Guevara, A. A., 21, 110

Gutiérrez, F., 64, 110

H

Holmes, B., 36, 37, 110

I

Ianni, O., 21, 110

Illich, I., 26, 110

IMS Global Learning Consortium, 110

Instituto Federal de Educação, 74, 111

Instituto Nacional de Educação à
Distância, 78, 111

Ivic, I., 35, 111

J

Jonassen, D. H., 27, 35, 111

Juran, J. M., 58, 111

K

Kearsley, G., 48, 58, 60, 63, 65, 78, 82,
113

Keegan, D., 30, 51, 111

Kenski, 40, 41, 54, 111

L

Laaser, W., 49, 61, 63, 65, 68, 78, 82, 95,
111

Lecompte, M. D., 82, 110

Lemgruber, M. S., 96, 107

Lencastre, J. A., 25, 31, 111

Lévy, P., 20, 22, 36, 41, 111

Libâneo, J. C., 25, 112

Lima, J. R., 25, 30, 33, 34, 108, 112

Lisboa, E. S., 22, 67, 112

Litto, F. M., 31, 63, 112

Lüdke, M., 70, 112

M

Macário, M. J., 37, 112

Maffezoli, M., 67, 112

Maia, C., 30, 43, 112

Martinez, J. H. C., 25, 112

Masseto, M. T., 87, 112

Mattar, J., 27, 30, 33, 43, 112

McMillan, 82, 112

Mehan, S., 36, 110

Meister, J. C., 42, 113

Mendoza, B. A. P., 55, 113

Mercado, L. P. L., 16, 64, 113

Mills, C. W., 19, 113

Minayo, M. C. S., 70, 113

Moore, M. G., 32, 48, 58, 60, 63, 65, 78,
82, 113

Moran, J. M., 24, 31, 42, 113

Moreira, M. A., 70, 113

Moreira, S. V., 78, 114

Mugnol, M., 43, 114

N

Neder, M. L. C., 52, 53, 62, 114, 115

Núcleo de Educação à Distância, 8, 72,
114

Núcleo de Tecnologias para Educação, 8,
76, 114

Nunes, I. B., 30, 114

O

Oliveira, E. G., 43, 114

Oliveira, M. V., 55, 108

Oliveira, C. I., 100, 110

Ota, M. A., 66, 114

P

Pacheco, L. H. M., 19, 108, 114
Paladini, E. P., 58, 114
Peres, P., 34, 35, 114
Perez, F. G., 51, 114
Peters, O., 32, 63, 78, 82, 114
Pimenta, P., 34, 35, 114
Pombo, L., 37, 112
Porto, Y. S., 14, 114
Possari, L. H. V., 15, 52, 53, 62, 114, 115
Prensky, M., 24, 115
Preti, O., 15, 30, 32, 43, 45, 47, 115
Pretto, N. D. L., 107
Prieto, D., 64, 110

Q

Quartiero, E. M., 20, 117

R

Raabe, A. L. A., 40, 118
Roesler, J., 47, 98, 116

S

Santaella, L., 67, 115
Santos, Z. C., 15, 116
Santos, B. S., 27, 50, 115
Santos, E., 39, 40, 41, 64, 115, 116
Santos, R. C. G., 55, 108
Santos, W., 101, 116
Santos, R. M., 31, 116
Saramago, J., 19, 116
Sartori, A., 47, 98, 116
Sathler, L., 44, 116
Saussure, F., 65, 116
Savage, T., 36, 110
Scherer, S., 66, 67, 116
Schlemmer, E., 31, 116
Schnell, R. F., 20, 117
Schons, C., 66, 78, 82, 83, 117

Schumaker, S., 82, 112
Segenreich, S. C. D., 72, 117
Severino, A. J., 80, 117
Siemens, G., 26, 36, 117
Silva, A. R. L., 55, 117
Silva, J. A. R., 75, 117

Silva, L., 41, 117
Silva, M., 39, 41, 43, 64, 115, 117
Silva, P., 31, 116
Silva, R. S., 15, 67, 117
Skinner, B. F., 34, 117
Soares, S. J., 15, 117
Soletic, A., 66, 117

T

Takahashi, T., 27, 97, 117
Tangney, B., 36, 110
Teixeira, C. M., 72, 107
Teles, L. F., 31, 118
Trejo, M., 53, 63, 118
Triviños, A. N. S., 71, 118
Tomazi, N. D., 19, 116

U

Universidade Aberta do Brasil, 100, 118

V

Vavassori, F. B., 40, 118
Vieira, F. M. S., 25, 110, 118
Vygotsky, L. S., 65, 118

W

Watson, J. B., 34, 118
Wenger, E., 37, 118

Z

Zordan, G. R., 14, 71, 72, 118

Anexos

Anexo I - Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EAD – LVCEAD

CONTEÚDO	ATENDE	NÃO ATENDE	PARCIAL
1. Ter conhecimento do público-alvo			
2. Manter uma ordem lógica e relação entre as diferentes frases e parágrafos			
3. Conter bibliografia de referências			
4. Ter um sistema de acompanhamento e avaliação			
5. Apresentar objetivos de aprendizagem claros e específicos			
6. Ter conteúdos que geram interatividade e motivação			
7. Apresentar coesão do conteúdo com seções autossuficientes			
8. Sequenciar e segmentar o conteúdo			
9. Ter guia do aluno com orientação sobre o curso			
10. Especificar equipe de elaboração do material didático			
11. Ter acréscimo de glossário			
12. Apresentar lições com ordem lógica			
13. Orientar cada atividade do conteúdo			
14. Concretizar os conceitos através de exemplos			
15. Utilizar sumário detalhado			
16. Destacar claramente quais são as ideias principais			
17. Apresentar descrição geral de caso do uso em termos educacionais			
18. Respeitar questão de direitos autorais			
19. Apresentar durabilidade e funcionalidade			
20. Fragmentar o texto em separadores, porções ou ideias fundamentais.			
21. Recapitular ideias principais ao fim das seções			
22. Prover a formação inicial e familiarização com a EAD			
23. Oferecer nos títulos pistas para recordar			

Fonte: Elaborado por Schons (2009, p.56) com base em Laaser (1997), Aretio (2002), Peters (2002), Moore e Kearsley (2007), Col (2003, 2005), IMS (2002, 2003, 2007) e MEC (2007).

LINGUAGEM	ATENDE	NÃO ATENDE	PARCIAL
1. Apresentar conceitos e argumentos claros			
2. Manter estilo conversacional com incentivos e amigável			
3. Utilizar abordagem lógica com método dedutivo e método indutivo			
4. Apresentar linguagem inclusiva e acessível			
5. Manter esquema de correção			
6. Ter parágrafos com uma ou duas ideias principais			
7. Propor frases curtas, bem estruturadas e conectadas entre si			
8. Apresentar orações sem negações em excesso			
9. Escrever verbos ativos e diretos, verbos de ação, em voz ativa e no presente			
10. Apresentar palavras concretas			
11. Explicar todos os termos técnicos e expressões idiomáticas			
12. Combinar o estilo com o assunto a ser tratado			
13. Estruturar as ideias por tópico-a-tópico			
14. Utilizar estilo pessoal, usando “você” aos alunos e referindo-se a si por “eu”			
15. Não economizar conectivos entre palavras e frases			
16. Evitar as palavras desnecessárias e difíceis de entender			
17. Evitar o uso de verbos substantivados			
18. Usar pronomes pessoais e possessivos			
19. Utilizar de forma equilibrada metáforas, analogias, repetições e comparações			

Fonte: Elaborado por Schons (2009, p.61) com base em Laaser (1997), Aretio (2002), Peters (2002), Moore e Kearsley (2007), Col (2003 e 2005), IMS (2002, 2003 e 2007) e MEC (2007).

ESTÉTICA	ATENDE	NÃO ATENDE	PARCIAL
23. Manter consistente esquema de títulos e subtítulos em cada unidade			
24. Apresentar símbolos com integração			
25. Planejar as ilustrações a serem incluídas por equipe especializada			
26. Apresentar capa da unidade com nome da instituição, título do curso, título e número da Unidade			
27. Ter organizadores de avanços e símbolos			
28. Apresentar tamanho das letras (corpo) não muito pequenos			
29. Usar diferentes estilos para dar ênfase			
30. Utilizar imagens próximas ao texto a que se referem			
31. Apresentar ilustrações autoexplicativas			
32. Utilizar ajudas visuais e sinalizações de acessibilidade para orientar o aluno			
33. Apresentar legendas e títulos nas ilustrações			
34. Acompanhar as ilustrações com explicações e clarear acrescentando informações valiosas			
35. Apresentar formato da unidade com folha A4, A5 ou B5			
36. Apresentar figuras, diagramas e gráficos simples			
37. Apresentar capa da unidade com cores atraentes e adequadas, caracteres grandes, ou por códigos e símbolos únicos			
38. Colocar texto sobre um fundo de cor sólida			
39. Apresentar tipologia (fonte) não misturada. As tipologias mais comumente usadas são Univers e Times			
40. Escolher linhas de texto que não sejam muito largas nem excessivamente curtas			
41. Usar iniciais maiúsculas, ortografia e abreviações padronizadas			
42. Mostrar fotografias que retratam a realidade			
43. Utilizar sinais e símbolos com margem			
44. Evitar imagem com resolução pobre			

A = ATENDE NA = NÃO ATENDE P = PARCIAL

Fonte: Elaborado por Schons (2009, p.66) com base em Laaser (1997), Aretio (2002), Peters (2002), Moore e Kearsley (2007), Col (2003 e 2005), IMS (2002, 2003 e 2007) e MEC (2007).

Anexo II - Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EAD – LVCEAD Comentada

CONTEÚDO	DESCRIÇÃO
1. Ter conhecimento do público-alvo	Apresenta conhecimento do público-alvo no livro-texto e no guia do aluno.
2. Manter uma ordem lógica e relação entre as diferentes frases e parágrafos	Apresenta em ordem lógica as unidades através de breve introdução e exemplos práticos para apresentar o conteúdo.
3. Conter bibliografia de referências	Citar bibliografia de referências no final de cada unidade e bibliografia complementar numa seção intitulada “Saiba mais.”
4. Ter um sistema de acompanhamento e avaliação	Planeja os passos da aprendizagem para a apropriação do conteúdo, aconselhando e orientando os alunos quanto aos métodos de estudo.
5. Apresentar objetivos de aprendizagem claros e específicos	Deixar claro os objetivos a que se propõe alcançar durante o curso em cada capítulo.
6. Ter conteúdos que geram interatividade e motivação	Com uma conversa dirigida por unidade apresentando exercícios de reflexão para discutir com os colegas e atividades como estudo de caso no final das mesmas
7. Apresentar coesão do conteúdo com seções autossuficientes	As seções são independentes e os conteúdos das unidades são auto-suficientes e inter referenciados.
8. Sequenciar e segmentar o conteúdo	Utiliza mecanismos linguísticos que permitem uma sequência lógico-semântica entre as partes de um texto.
9. Ter guia do aluno com orientação sobre o curso	No guia do aluno deve contar os principais procedimentos do curso e da disciplina; direitos e deveres dos alunos; informações sobre avaliação, entre outros.
10. Especificar equipe de elaboração do material didático	Exibir detalhes sobre a equipe multidisciplinar responsável pela elaboração do material didático.
11. Ter acréscimo de glossário	Apresenta glossário nas unidades de estudo inserido no corpo do texto.
12. Apresentar lições com ordem lógica	Seguir a sequência das atividades conforme a apresentação do conteúdo.
13. Orientar cada atividade do conteúdo	As atividades de aprendizagem devem constar no final de cada unidade, subentendendo que o conteúdo a ser respondido corresponde a essa unidade.
14. Concretizar os conceitos através de exemplos	Os exemplos expostos no conteúdo são acessados em documentos e páginas na internet.
15. Utilizar sumário detalhado	Apresentar sumário detalhado com subseções
16. Destacar claramente quais são as ideias principais	Destaca as ideias principais através de palavras em negrito e quadros de texto.
17. Apresentar descrição geral de caso do uso em termos educacionais	O livro apresenta conteúdo claro e apresenta vários exemplos
18. Respeitar questão de direitos autorais	Obedecer às leis de direitos autorais, valorizando a propriedade intelectual do conteúdo e obter autorização formal.
19. Apresentar durabilidade e funcionalidade	Conteúdo evolutivo e dinâmico, tratando de toda história, seus modelos e tendências.
20. Fragmentar o texto em separadores, porções ou ideias fundamentais.	Textos curtos favorecem a segmentação do texto, sua divisão em parágrafos permite selecionar a informação mais relevante, identificar as ideias principais e organizar essas ideias em função de seu grau de importância.
21. Recapitular ideias principais ao fim das seções	Apresenta resumo no final de cada unidade, estabelecendo a ligação entre a aprendizagem anterior e a atual.
22. Prover a formação inicial e familiarização com a EAD	Deve sugerir referências sobre a modalidade.
23. Oferecer nos títulos pistas para recordar	É sugerido títulos curtos que remetam ao conteúdo proposto.

LINGUAGEM	DESCRIÇÃO
1. Apresentar conceitos e argumentos claros	Apresenta capítulos com conceitos e argumentos claros na forma teórica e capítulos com poucos conceitos e argumentos claros exemplificados
2. Manter estilo conversacional com incentivos e amigável	Introduz o conteúdo com exemplos reais com perguntas e questões cotidianas, às vezes utiliza a primeira pessoa para aproximar-se do leitor.
3. Utilizar abordagem lógica com método dedutivo e método indutivo	Utiliza referências de uma unidade a outra, já que só é possível prosseguir nas unidades se o aluno conseguiu resolver as resoluções anteriores, pois o nível de dificuldade vai crescendo.
4. Apresentar linguagem inclusiva e acessível	A linguagem deve ser pessoal e os textos devem ser explicativos.
5. Manter esquema de correção	Texto acadêmico que segue as regras e normas ortográficas.
6. Ter parágrafos com uma ou duas ideias principais	Parágrafos muito longos dificultam a assimilação do conteúdo.
7. Propor frases curtas, bem estruturadas e conectadas entre si	Frases estruturadas, com conexões e hipertexto
8. Apresentar orações sem negações em excesso	Somente utilizar não quando necessário.
9. Escrever verbos ativos e diretos, verbos de ação, em voz ativa e no presente	As sentenças ativas são geralmente mais vigorosas, mais curtas, mais dinâmicas e mais fáceis de ler do que passiva. Trabalhar, ler, escrever, anotar, utilizar, etc.
10. Apresentar palavras concretas	Palavras concretas nos textos facilitam a linguagem direta e simples e com exemplos concretos.
11. Explicar todos os termos técnicos e expressões idiomáticas	Os termos técnicos devem ser explicados na medida que aparecem no corpo do texto ou em marcadores.
12. Combinar o estilo com o assunto a ser tratado	Utiliza termos técnicos e expressões relativas a área de estudo.
13. Estruturar as ideias por tópico a tópico	Apresenta a introdução do curso, introdução para conhecimento do material, unidades de conteúdo, referências e agradecimentos.
14. Utilizar estilo pessoal, usando “você” aos alunos e referindo-se a si por “eu”	Utiliza estilo conversacional e pessoal com uso de “você” e “nós.”
15. Não economizar conectivos entre palavras e frases	Utiliza conectivos entre palavras e frases quando necessário.
16. Evitar as palavras desnecessárias e difíceis de entender	Utiliza linguagem acessível e coloquial, procurando ser mais direto possível.
17. Evitar o uso de verbos substantivados	Utilizar somente quando necessário
18. Usar pronomes pessoais e possessivos	Utiliza os pronomes pessoais referindo-se ao aluno, aluno/professor, aluno/autores e seu no sentido de posse quando necessário.
19. Utilizar de forma equilibrada metáforas, analogias, repetições e comparações.	Utiliza abreviaturas e figuras de linguagem para enriquecer o texto.

ESTÉTICA	DESCRIÇÃO
1. Manter consistente esquema de títulos e subtítulos em cada unidade	Os títulos e subtítulos devem ser destacados.
2. Apresentar símbolos com integração	Apresenta símbolos através de caixa de texto, marcadores, numerações e estilos de fonte.
3. Planejar as ilustrações a serem incluídas por equipe especializada	Seu emprego facilita uma clara estrutura visual dos dados, permitindo captar de um só golpe de vista a informação essencial.
4. Apresentar capa da unidade com nome da instituição, título do curso, título e número da Unidade	A capa deve conter o nome da instituição, o título do curso, o título e o número da unidade.
5. Ter organizadores de avanços e símbolos	Apresenta itens e subitens numéricos.
6. Apresentar tamanho das letras (corpo) não muito pequenos	Tamanho das letras (corpo) evitando-se usar tipo muito pequenos, por tornarem a página densa demais e intimidarem o leitor. O ideal é fonte de tamanho 12.
7. Usar diferentes estilos para dar ênfase	Utiliza técnicas de realce (tamanho e grossura das letras, maiúscula, negra, itálica, sublinhada, cor, sombreada, etc.).
8. Utilizar imagens próximas ao texto a que se referem	Apresenta imagens (tabelas e quadros) próximas ao texto ou no corpo do texto.
9. Apresentar ilustrações autoexplicativas	As ilustrações devem ser claras, atrativas, chamativas e fáceis de entender.
10. Utilizar ajudas visuais e sinalizações de acessibilidade para orientar o aluno	As ilustrações sinalizam para o que deve fazer o estudante no momento determinado do estudo: escrever, responder, ver um vídeo, consultar Internet, etc.
11. Apresentar legendas e títulos nas ilustrações	Utilizar legendas e títulos nas ilustrações ajuda o estudante a entendê-las melhor.
12. Acompanhar as ilustrações com explicações e clarear acrescentando informações valiosas	Figuras devem ser simples e evitar muitos detalhes que não sejam relevantes à mensagem e inseridas próximas ao texto a que se referem
13. Apresentar formato da unidade com folha A4, A5 ou B5	Tamanho padrão da página A4, A5 ou B5
14. Apresentar figuras, diagramas e gráficos simples	Complementar o texto com ilustrações, tabelas, gráficos, esquemas, quadros, organogramas, mapas, desenhos e fotografias.
15. Apresentar capa da unidade com cores atraentes e adequadas, caracteres grandes, ou por códigos e símbolos únicos	Capa da unidade com estilo compatível por meio da escolha de cores agradáveis e apropriadas.
16. Colocar texto sobre um fundo de cor sólida	Apresenta texto preto com fundo branco.
17. Apresentar tipografia (fonte) não misturada. As tipologias mais comumente usadas são Univers e Times	Utilizar como tipografia da fonte a <i>Univers</i> ou <i>Times</i> . Não é bom misturar duas tipologias no mesmo livro.
18. Escolher linhas de texto que não sejam muito largas nem excessivamente curtas	Possui espaçamento de 1,5 linha.
19. Usar iniciais maiúsculas, ortografia e abreviações padronizadas	Inicia frases em maiúsculas.
20. Mostrar fotografias que retratam a realidade	Os gráficos apresentados devem retratar o assunto abordado.
21. Utilizar sinais e símbolos com margem	Indiquem o que deve fazer o estudante no momento determinado do estudo: escrever, responder, ver um vídeo, consultar Internet etc.
22. Evitar imagem com resolução pobre	As figuras devem ser simples evitando muitos detalhes que não sejam relevantes à mensagem. As fotografias coloridas devem imitar a realidade com mais precisão

Anexo III - Lista de Verificação dos Critérios de Conformidade dos Materiais Assíncronos para EAD – LVCEAD Porcentagem

	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA
CONTEÚDO	A= ATENDE	A= ATENDE	A= ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	P= PARCIAL	P= PARCIAL	P= PARCIAL
1. Ter conhecimento do público-alvo	58%	0%	50%	42%	100%	50%	0%	0%	0%
2. Manter uma ordem lógica e relação entre as diferentes frases e parágrafos	100%	100%	100%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
3. Conter bibliografia de referências	92%	100%	100%	8%	0%	0%	0%	0%	0%
4. Ter um sistema de acompanhamento e avaliação	25%	8%	17%	42%	92%	75%	33%	0%	8%
5. Apresentar objetivos de aprendizagem claros e específicos	58%	25%	100%	33%	75%	0%	8%	0%	0%
6. Ter conteúdos que geram interatividade e motivação	50%	42%	67%	25%	50%	25%	25%	8%	8%
7. Apresentar coesão do conteúdo com seções autossuficientes	42%	42%	92%	8%	50%	0%	50%	8%	8%
8. Sequenciar e segmentar o conteúdo	58%	50%	75%	0%	25%	0%	42%	25%	25%
9. Ter guia do aluno com orientação sobre o curso	33%	0%	0%	67%	100%	100%	0%	0%	0%
10. Especificar equipe de elaboração do material didático	17%	0%	83%	67%	100%	17%	17%	0%	0%
11. Ter acréscimo de glossário	8%	8%	25%	92%	83%	75%	0%	8%	0%
12. Apresentar lições com ordem lógica	83%	58%	67%	8%	33%	25%	8%	8%	8%
13. Orientar cada atividade do conteúdo	33%	8%	8%	50%	58%	92%	17%	33%	0%
14. Concretizar os conceitos através de exemplos	83%	25%	17%	8%	33%	8%	8%	42%	75%
15. Utilizar sumário detalhado	92%	83%	100%	0%	17%	0%	8%	0%	0%
16. Destacar claramente quais são as ideias principais	33%	50%	50%	17%	42%	8%	50%	8%	42%
17. Apresentar descrição geral de caso do uso em termos educacionais	83%	58%	100%	0%	25%	0%	17%	17%	0%

	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA
CONTEÚDO	A= ATENDE	A= ATENDE	A= ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	P= PARCIAL	P= PARCIAL	P= PARCIAL
18. Respeitar questão de direitos autorais	100%	92%	100%	0%	0%	0%	0%	8%	0%
19. Apresentar durabilidade e funcionalidade	83%	92%	100%	0%	0%	0%	17%	8%	0%
20. Fragmentar o texto em separadores, porções ou ideias fundamentais.	92%	83%	67%	0%	17%	0%	8%	0%	33%
21. Recapitular ideias principais ao fim das seções	8%	17%	58%	75%	83%	42%	17%	0%	0%
22. Prover a formação inicial e familiarização com a EAD	33%	50%	42%	42%	42%	25%	25%	8%	33%
23. Oferecer nos títulos pistas para recordar	17%	0%	17%	75%	83%	75%	8%	17%	8%

	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA
LINGUAGEM	A= ATENDE	A= ATENDE	A= ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	P= PARCIAL	P= PARCIAL	P= PARCIAL
1. Apresentar conceitos e argumentos claros	100%	83%	100%	0%	0%	0%	0%	17%	0%
2. Manter estilo conversacional com incentivos e amigável	25%	0%	17%	58%	92%	67%	17%	8%	17%
3. Utilizar abordagem lógica com método dedutivo e método indutivo	33%	8%	58%	17%	92%	0%	50%	0%	42%
4. Apresentar linguagem inclusiva e acessível	67%	58%	92%	0%	8%	0%	33%	33%	8%
5. Manter esqUNIBETA de correção	17%	0%	0%	75%	100%	100%	8%	0%	0%
6. Ter parágrafos com uma ou duas ideias principais	92%	67%	50%	0%	25%	17%	8%	8%	33%
7. Propor frases curtas, bem estruturadas e conectadas entre si	92%	92%	67%	0%	8%	0%	8%	0%	33%
8. Apresentar orações sem negações em excesso	92%	100%	100%	0%	0%	0%	8%	0%	0%
9. Escrever verbos ativos e diretos, verbos de ação, em voz ativa e no presente	33%	8%	58%	17%	58%	25%	50%	33%	17%
10. Apresentar palavras concretas	100	100%	100%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
11. Explicar todos os termos técnicos e expressões idiomáticas	75%	17%	92%	0%	8%	0%	25%	75%	8%
12. Combinar o estilo com o assunto a ser tratado	83%	75%	100%	0%	8%	0%	17%	17%	0%
13. Estruturar as ideias por tópico a tópico	100%	83%	81%	0%	17%	8%	0%	0%	8%
14. Utilizar estilo pessoal, usando “você” aos alunos e referindo-se a si por “eu”	17%	0%	17%	42%	100%	92%	42%	0%	8%
15. Não economizar conectivos entre palavras e frases	42%	75%	100%	0%	25%	0%	58%	0%	0%
16. Evitar as palavras desnecessárias e difíceis de entender	100%	92%	100%	0%	0%	0%	0%	8%	0%
17. Evitar o uso de verbos substantivados	92%	100%	100%	0%	0%	0%	8%	0%	0%
18. Usar pronomes pessoais e possessivos	8%	0%	17%	33%	100%	75%	58%	0%	8%
19. Utilizar de forma equilibrada metáforas, analogias, repetições e comparações	75%	92%	100%	0%	0%	0%	25%	8%	0%

	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA
ESTÉTICA	A= ATENDE	A= ATENDE	A= ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	P= PARCIAL	P= PARCIAL	P= PARCIAL
1. Manter consistente esqUNIBETA de títulos e subtítulos em cada unidade	92%	92%	100%	0%	0%	0%	8%	8%	0%
2. Apresentar símbolos com integração	50%	75%	100%	33%	25%	0%	17%	0%	0%
3. Planejar as ilustrações a serem incluídas por equipe especializada	0%	0%	0%	92%	100%	100%	8%	0%	0%
4. Apresentar capa da unidade com nome da instituição, título do curso, título e número da Unidade	100%	100%	100%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
5. Ter organizadores de avanços e símbolos	0%	8%	50%	92%	83%	50%	8%	8%	0%
6. Apresentar tamanho das letras (corpo) não muito pequenos	100%	67%	83%	0%	25%	8%	0%	8%	8%
7. Usar diferentes estilos para dar ênfase	58%	67%	25%	25%	25%	75%	17%	8%	0%
8. Utilizar imagens próximas ao texto a que se referem	92%	75%	58%	0%	25%	33%	8%	0%	8%
9. Apresentar ilustrações autoexplicativas	67%	50%	0%	8%	50%	58%	25%	0%	42%
10. Utilizar ajudas visuais e sinalizações de acessibilidade para orientar o aluno	17%	50%	33%	50%	50%	58%	33%	0%	8%
11. Apresentar legendas e títulos nas ilustrações	25%	42%	25%	67%	42%	58%	8%	17%	17%
12.Acompanhar as ilustrações com explicações e clarear acrescentando informações valiosas	25%	33%	17%	33%	33%	50%	42%	33%	33%
13.Apresentar formato da unidade com folha A4, A5 ou B5	100%	92%	100%	0%	8%	0%	0%	0%	0%
14.Apresentar figuras, diagramas e gráficos simples	100%	75%	42%	0%	8%	17%	0%	17%	42%
15.Apresentar capa da unidade com cores atraentes e adequadas, caracteres grandes, ou por códigos e símbolos únicos	100%	17%	92%	0%	83%	0%	0%	0%	8%
16.Colocar texto sobre um fundo de cor sólida	100%	100%	100%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
17.Apresentar tipologia (fonte) não misturada. As tipologias mais	100%	100%	100%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA	UNIALFA	UNIGAMA	UNIBETA
ESTÉTICA	A= ATENDE	A= ATENDE	A= ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	NA= NÃO ATENDE	P= PARCIAL	P= PARCIAL	P= PARCIAL
comumente usadas são Univers e Times									
18.Escolher linhas de texto que não sejam muito largas nem excessivamente curtas	92%	100%	92%	8%	0%	0%	0%	0%	8%
19.Usar iniciais maiúsculas, ortografia e abreviações padronizadas	92%	92%	100%	0%	8%	0%	8%	0%	0%
20.Mostrar fotografias que retratam a realidade	58%	67%	42%	25%	17%	50%	17%	17%	8%
21.Utilizar sinais e símbolos com margem	17%	25%	17%	67%	75%	75%	17%	0%	8%
22.Evitar imagem com resolução pobre	83%	42%	17%	0%	50%	67%	17%	8%	17%

Anexo IV - Questionário Docente

QUESTIONÁRIO DOCENTE
DADOS DA IDENTIFICAÇÃO
NOME:
FORMAÇÃO ACADÊMICA:
IDADE:
1) Quais as experiências profissionais com EaD? ☐ Professor-Autor ☐ Professor Conteudista ☐ Tutor()Outro _____
2) Quanto tempo trabalha na área de EaD? ☐ Até 1 Ano() Entre 1 e 2Anos() Mais de 3 Anos
3) Você já recebeu alguma formação para produzir Material Didático para EaD? ☐ Sim ☐ Não
4) Você já elaborou algum Material Didático para EaD? ☐ Sim ☐ Não
5) Para qual (ais) disciplina (s) você elaborou Material Didático?
6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?
7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos matérias tradicionais?
8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?
9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?
10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

Fonte: Silva(2010)

Anexo V – Resumo Currículo Docentes

1-PROFESSORA MRB	
Perfil - Mestranda em Ciências da Educação possui graduação em Pedagogia pela Universidade Ceuma (2005). Atualmente é gestora educacional – Secretaria Municipal de Educação, professora da Universidade BETA – UEMA, da Faculdade do Maranhão – FACAM, tutora e professora da Universidade ALFA. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação.	
6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?	“Muito grande, porque é por meio do material impresso que o aluno dá continuidade aos estudos após o momento presencial com o professor. Na maioria das vezes, dependendo do modelo de EaD utilizado, esse é o único recurso que o aluno tem para estudar.”
7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?	“A linguagem utilizada nos materiais para EaD precisa ser clara e direta e sempre na primeira pessoa.”
8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?	“Apesar de ser professoras da EaD já algum tempo, é sempre difícil produzir um material, principalmente quando você não recebe nenhuma orientação.”
9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?	“Não tive esta preocupação na época, o que não faria de novo, pois acredito na importância das ilustrações na literatura.”
10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?	“Sim, muito importante, porque leva o aluno a interagir e o deixa sempre atento.”
2-PROFESSORA MEA	
Perfil - Graduada em Pedagogia pela Universidade ALFA (2004) e Mestre em Saúde e Ambiente também pela mesma instituição (2006). Possui especialização em Tecnologia Educacional pela PUC-Rio (2010) e atualmente é aluna da Especialização em Gestão Pública, pela UEMA. É concursada como Especialista em Educação pela SEDUC (2005) e como Professora pela SEMED de São Luis (2002). Lecionou entre 2010 e 2012 na Universidade ALFA como professora contratada, lecionou no curso de Pedagogia a Distância da UFMA. Foi membro da Secretaria Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência SBPC, nos mandatos eletivos de 200 a 2002 e entre 2009 a 2013, atualmente participa do Conselho Regional da SBPC. Compõem o Comitê Estadual de Análise e Aprovação do PDE interativo e realiza formação e acompanhamento dos gestores escolares da rede estadual de ensino no Maranhão. Possui publicação de livro e artigos científicos em anais de eventos nacionais e internacionais e dezenas de participações em encontros científicos. É pesquisadora nas áreas de história e divulgação da ciência nas escolas e gestão democrática da educação pública.	

- 6) **Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?**
 “O material impresso além de ativar o processo de ensino-aprendizagem nessa modalidade de ensino, orienta e incentiva o aluno ir à busca de mais informações.”
- 7) **Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?**
 “Sim. Pois se o material não tiver uma linguagem atrativa não terá um perfil consonante com a inovação e a dinamicidade exigidas pela EaD.”
- 8) **Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?**
 “Não foi tão complicado porque participei antes de uma formação.”
- 9) **No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?**
 “Sim, utilizei um txtto claro e dialógico, sempre chamando a atenção do aluno para os pontos mais importantes e fazendo uso também de exemplos práticos.”
- 10) **Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?**
 “É de fundamnetal importância, porque desperta um maior interesse do aluno durante a leitura.”

3-PROFESSORA FDSQ

Perfil - Mestranda em Ciências da Educação na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT (Portugal). Especialista em Gestão Educacional – Faculdade Mário Schenberg (2014), especialista em Tecnologias da Informação para Educadores- Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (2009). Especialista em Currículo e aprendizagem – Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB (2008). Possui graduação em Pedagogia – UNDB (2007). Professora do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professora do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Membro da Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED.

- 6) **Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?**
 “O material didático produzido na EaD é pensado a partir da realidade dos alunos, proporcionando o aprendizado das temáticas da disciplina a partir daquilo que faz parte do seu dia a dia e segue um currículo flexível demandando a partir da área em estudo.”
- 7) **Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?**
 “Certamente, pois o tempo de maturação dos alunos da EaD difere do presencial em virtude destes muitas vezes terem parado os estudos a anos, logo a linguagem mais clara e acessível é essencial para o entendimento dos assuntos.”
- 8) **Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?**
 “Sim, tanto que busquei fazer uma especialização que orienta como fazer material didático para a EaD. Mas gostaria muito de aprender mais.”
- 9) **No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?**
 “Associar os materiais aos exemplos práticos da vida.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“Os ícones ao longo do texto favorecem uma aprendizagem mais dinâmica para o aluno, e menos intediosa.”

4-PROFESSORA PBS

Perfil - Graduada em pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias – Portugal. Especialista em Formação Continuada de Professores para o Atendimento Educacional Especializado – Universidade Federal do Ceará – UFC, em Gestão Educacional pela Faculdade Mário Schenberg, em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, em Neuroeducação pela Faculdade Santa Fé, em Psicologia Clínica e Institucional pela Universidade Ceuma. Tem experiência docente como: professora substituta e professora do Curso de Especialização em psicologia da Educação na UEMA, professora do Curso de Pedagogia a Distância da UFMA, do curso de Especilaizção em Docência na Educação Infantil da UFMA.

6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?

“Muito relevante, haja vistas que os alunos precisam de um material bem elaborado e com bastante clareza.”

7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?

“Entendo que os materiais devem ter outra linguagem, sofrendo ajustes, apresentando um padrão, de caráter institucional.”

8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?

“Apesar de conhecer e dominar o conteúdo, para produzir o material tivemos dificuldades por não ter recebido uma formação para trabalhar com este perfil de aluno.”

9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?

“Sim. Muitas imagens; texto dividido em pequenas partes, dialógico, interativo, problematizador; links para acesso a novas informações; tabelas e gráficos.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“Sim, Esses ícones gráficos tornam os textos mais atrativos e ricos em informação.”

5-PROFESSORA ESL

Perfil - Doutora e Mestre em Ciências da Educação, Área de Especialização em Tecnologias Educativas pela Universidade do Minho, Braga, Portugal. Desenvolve pesquisas no Campo das Redes Sociais Virtuais, com ênfase no Desenvolvimento Profissional em Tecnologia de Informação e Comunicação. Possui 74 artigos publicados, dos quais 20 foram publicados em períodos nacionais e internacionais, 52 congressos no Brasil e no exterior e 2 publicações em capítulos de livros. Professora do Curso de Informática à Distância no Instituto Federal do Maranhão – IFMA. Exerce também o cargo de especialista em educação na Secretaria Municipal de Educação de São Luís.

- 6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?**
 “Possibilita aos cursistas, com o material em mãos, realizar suas atividades off-line e depois, com mais rapidez, enviá-las pelo AVA. Quando nos lembramos dos problemas anteriores com queda do sistema, esse já não é um grande problema, mas permite aos alunos a possibilidade de ler os conteúdos impressos, identificar pontos importantes, fazer anotações e construir seus textos, para depois apenas enviá-los.”
- 7 Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos matérias tradicionais?**
 “A linguagem é diferenciada por conta de sua forma de execução, já que na EaD a possibilidade de cumprimento de prazos e da realização das tarefas se dá de uma forma mais intensa. Entretanto é necessário lembrar que o conteúdo é o mesmo, apenas a linguagem utilizada é diferenciada.”
- 8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?**
 “Apesar de ter participado de uma oficina, ainda tive problemas com a escrita do texto.”
- 9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?**
 “Sim. Organização de slide com os conteúdos para melhor exemplificar os temas de cada capítulo, aula vídeo com foco na essência do conteúdo, atividades reflexivas, elaboração de projetos pedagógicos de intervenção na escola, pautados no tema da aprendizagem.”
- 10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?**
 “Eu compreendo que se utilizado de forma contextualizada sim, contudo ao trabalhar o conteúdo deve ser explorado com cautela, pois os alunos apresentam limitações para leitura de elementos iconográficos.”

6-PROFESSORA SCS

Perfil - Mestranda em Ciências da Educação na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT (Portugal), possui graduação em Biblioteconomia e Pós-Graduação em Gestão de Arquivos pela Universidade Federal do Maranhão –UFMA. Professora do Instituto Federal do Maranhão – IFMA, Coordenadora de Tutoria do Curso de Administração Pública à Distância na UFMA com as disciplinas: Administração Pública na Educação.

- 6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?**
 “O material impresso ajuda mais na fixação dos conteúdos trabalhados na aula presencial, nos fóruns e chats disponibilizados no AVA.”
- 7 Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos matérias tradicionais?**
 “É através de uma linguagem diferenciada, que o professor através do material didático terá acesso ao aluno.”
- 8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?**
 “Foi difícil, mas com a ajuda de outros professores que já tinham participado de um treinamento em produção de material para EaD, ficou mais fácil.”
- 9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?**
 “Busquei sempre enfatizar exemplos de fácil entendimento dos alunos e também com imagens.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“Sim, fiz uso de vários elementos icônicos, pois acredito que estes dialogam diretamente com os alunos.”

7-PROFESSOR GRG

Perfil - Possui graduação em Química Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Mestrado em Química Analítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor adjunto da UFMA. Tem experiência na área de Química, com ênfase em Química de petróleo. Atualmente é coordenador e professor do curso de Química a distância do Instituto Federal do Maranhão – IFMA.

6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?

“Facilita a aprendizagem do aluno, considerando que o mesmo estuda sozinho e necessita do fascículo, assim também como as videoaulas.”

7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?

“Sim, deve ser melhor explorada devido o aluno não ter o professor sempre ao seu lado.”

8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?

“Não é fácil produzir um texto e em se tratando de textos para alunos da EaD, se torna ainda mais complexo, por tanto a necessidade de formação específica para produção de recursos para esta modalidade.”

9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?

“Ao longo do texto, fiz indicação de outros textos, link de vídeos e sempre me reportava ao aluno.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“É importante ilustrar o texto, mas é necessário também ter cuidado para que estas imagens não sejam elementos distrativos para o aluno.”

8-PROFESSORA JCM

Perfil - Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Especialista em Leitura e práticas Educativas pela UFMA, Experiência em docência com as disciplinas de Filosofia, Metodologia Científica, Ética. Atuou como professora substituta na UFMA e na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Participa da Escola Brasileira de Psicanálise. Atualmente é servidora da UFMA como Técnico em Assuntos Educacionais no Núcleo de Educação a Distância – NEAD-UFMA.

6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?

“Ele vai direcionar o aluno na ausência de outros recursos.”

7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?

“Acredito. O material deve ser interativo, para atrair a atenção do aluno.”

8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?

“Senti um pouco de dificuldade, porque não recebi nenhum treinamento explicando como desenvolver o material.”

9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?

“Sim, ícones gráficos que continham assuntos voltados para o cotidiano.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“É de grande relevância a inserção de imagens no texto e principalmente quando estas figuras contemplam o conteúdo em que elas estão inseridas”.

9-PROFESSORA RBM

Perfil - Possui graduação em Estatística pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e mestrado em Engenharia Ambiental Urbana pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Coordenadora de Tutoria e Professora do Curso de Licenciatura em Matemática a Distância da UFMA.

6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?

“O material didático é de suma importância, tendo por finalidade constituir como uma estrutura básica de orientação ao aluno e ao tutor.”

7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?

“O texto deve ser escrito em uma linguagem dialógica, para que o aluno se sinta parte do processo.”

8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?

“Não, nem na organização de planos de trabalhos e exercícios nem na comunicação no ambiente virtual.”

9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?

“Fiz uso de muitas imagens e de link da internet.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“Símbolos, imagens, fotos, estes elementos icônicos são fundamentais no material impresso.”

10-PROFESSORA THCC

Perfil - Possui Graduação em Pedagogia (Administração e Supervisão Escolar) – Faculdades Integradas Colégio Moderno, Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Especialista em Psicopedagogia – UNIB-SP, e em Educação Especial – UFMA. Professora concursada da UFMA, atuando nos seguintes temas: Educação Especial, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Metodologia da Pesquisa Científica, Psicopedagogia, Ensino-

Aprendizagem, Problemas e Distúrbios de aprendizagem. Professora do curso de Pedagogia a Distância e na Especialização Mídias na Educação da UFMA. Professora Pesquisadora do processo ensino-aprendizagem de alunos com deficiência nas Instituições de Educação Superior e no Mercado de Trabalho.

6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?

“É de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EaD, pois a distância geográfica será compensada com o uso das TIC's e principalmente com o uso do material didático impresso.”

7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada das matérias tradicionais?

“É de fundamental importância, que os fascículos sejam produzidos, em uma linguagem dialógica favorecendo ao aluno um processo de interação com o professor.”

8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?

“Não, pois a disciplina já fazia parte da minha área de estudo. Apenas, houve a preocupação para que o material fosse mais dinâmico e que tivesse uma linguagem não tão rebuscada.”

9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?

“Além da produção acadêmica em si foram utilizados figuras, quadros, charges, sugestões de leituras e filmes, como forma de enriquecer a discussão da temática abordada em cada capítulo.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“Sim, o material tem que ser atrativo para os alunos e favorecer a aprendizagem. As imagens e ícones contribuem de forma significativa para que isso aconteça.”

11-PROFESSOR JBBJ

Perfil - Doutor em Educação com área de especialização em Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho. Mestre em Educação Multimídia pela Universidade do Porto. Tecnólogo em Processamento de Dados pelo Centro Universitário UMA. Especialista em Docência do Ensino Superior pela PUC-MG e em Engenharia de Sistemas pela ESAB. Membro da Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED. Publicou mais de uma centena de artigos em periódicos especializados e trabalhos em anais de congressos, possui ainda livros e capítulos de livros publicados no Brasil e no Exterior. Professor Adjunto III da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, atuando no Departamento de Educação II. Professor permanente dos Programas de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Mestrado Acadêmico) e Gestão de Ensino da Educação Básica (Mestrado Profissional) da UFMA. Atua na área de Educação, Informática na Educação, Metodologia da Pesquisa, Educação a Distância, Formação de Professores e Tecnologia Educativa. É avaliador de cursos de graduação presenciais e a distância do MEC/INEP.

6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?

“Melhorar a fundamentação teórica dos alunos, formar o hábito da leitura, indicar fontes de bibliografia variadas, propor atividades reflexivas.”

- 7 Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?**
 “Como educadores, precisamos sempre lembrar que em tudo que fazemos temos que considerar os sujeitos que desejamos ensinar – suas condições econômicas, sociais e políticas, a fim de melhor alcançá-los e estimulá-los. Isso significa que, ao produzir o material é importante desenvolver uma comunicação que alcance os alunos, consciente de suas condições para melhor ajudá-los. Isso significa que, independente do tipo de material, ainda precisa alcançar com entusiasmo os sujeitos aprendentes.”
- 8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?**
 “Essa não é uma tarefa fácil, pois exige o conhecimento do público que queremos alcançar. Na época em que fui convidado não tive esta preocupação, nem me estimularam para isso, pois o material precisava ser produzido em tempo hábil, caso contrário a disciplina não poderia ser desenvolvida. Hoje, não faria mais assim. Estas experiências nos ensinam muito e é a partir delas que aprimoramos o que fazemos e o como fazemos.”
- 9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?**
 “Usei sempre pronomes próximos que dão ideia de familiaridade e intimidade sem ser coloquial e sem deixar de ser científica, além de usar figuras, atividades fáceis interativas. Além de sempre apresentar um resumo do assunto ao final de cada conteúdo.”
- 10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?**
 “Sim, considerando a dinâmica da EaD, as necessidades de interação do aluno, que é autodidata, com o conteúdo, motivação para a leitura aluno e facilitação na apreensão do conhecimento por associação.”

12-PROFESSOR CMQF

Perfil - Especialista em Tecnologia da Informação para Educadores – Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. Especialista em Teoria e Metodologia do Ensino da História pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Possui graduação em História pela UFMA. Professor concursado da Rede de Educação do Estado do Maranhão. Professor do curso de Pedagogia a Distância da UFMA e da UEMA.

- 6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?**
 “Melhorar a fundamentação teórica dos alunos, formar o hábito da leitura, indicar fontes de bibliografia variadas, propor atividades reflexivas.”
- 7 Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?**
 “A linguagem deve ser diferenciada aos materiais tradicionais, a metodologia é que fará a diferença do curso.”
- 8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?**
 “Não. Por conhecer o perfil dos alunos dessa modalidade, a produção dos textos flui com facilidade.”
- 9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?**

Sim, tentei inserir imagens reais e contextualizadas.

- 10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?**

“A diversidade de ícones só tem a contribuir com a qualidade do material didático.”

13-PROFESSOR NSB

Perfil - Mestrando em Engenharia Elétrica na UFMA. Especialista em Fundamentos da Matemática pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Graduado em Licenciatura Matemática pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professor da Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB.

- 6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?**

“O fascículo é considerado uma das melhores alternativas para mediar a comunicação entre alunos e professor nos cursos a distância.”

- 7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?**

“É de fundamental importância que o docente estabeleça um diálogo com o aluno, e para tanto, esta interação deverá se consolidar a partir de um processo dinâmico e dialógico que é diferente do ensino presencial.”

- 8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?**

“Encontrei dificuldade, considerando que não conhecia a realidade dos alunos e também ainda não domina completamente a linguagem da EaD.”

- 9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?**

“Sempre me dirigia na escrita do texto chamando o aluno de “você caro aluno” e em forma de diálogo.”

- 10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?**

“Sim, muito importante, porque leva o aluno a interagir e o deixa sempre atento.”

14-PROFESSOR RPD

Perfil - Possui doutorado em Tecnologias Educativas pela Academia de Educação da Rússia. Formado em Letras pela Universidade Pedagógica de Moscou. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando nos seguintes temas: Educação a Distância, Tecnologia Educativa, Currículo, Avaliação. Coordenador Pedagógico do Núcleo de Educação a Distância da UFMA. Professor do Mestrado em Cultura e Sociedade da UFMA.

- 6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?**

“O material didático impresso é de grande relevância na EaD, tem o objetivo de desenvolver habilidades e competências, sendo o seu texto dialógico, propicia um desenvolvimento da autonomia do aluno, sendo um recurso determinante no processo de aprendizagem do educando.”

- 7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos**

matérias tradicionais?

“Sim, uma vez que a metodologia é diferenciada para atender um aluno cujas condições de aprendizagem são dinâmicas considerando o tempo, a distância da instituição de ensino, sua formação inicial, motivação pessoal para continuidade aos estudos. Quanto mais direcionada é linguagem do material ao aluno de EaD, melhor será a formação da sua autonomia para a aprendizagem.”

8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?

“Não, porque passei por várias capacitações e também já conhecia o perfil dos alunos. Estes elementos facilitam o desenvolvimento do material impresso.”

9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?

“Um texto direto, objetivo, contextualizado e com exemplificações cotidianas e regionalizadas, sem perder a condição teórica e técnica.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“Sim, a leitura iconográfica proporciona a todos os alunos uma forma de reflexão e complementa aquilo que está sendo discutido no texto. Acredito que ela é válida para a EaD e para o ensino presencial.”

15-PROFESSOR NMT

Perfil - Mestre em Engenharia de Eletricidade pela UFMA. Especialista em Análise e Projetos de Sistemas pela UFMA. Graduado em Ciência da Computação pela UFMA. Membro da Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED. Membro da Associação Brasileira de Computação – SBC. Professor do Instituto Federal do Maranhão – IFMA, Professor da Especialização em Sistemas e Tecnologias Avançadas para Intranet e Internet. Foi consultor da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Sistemas de Computação, atuando principalmente nos temas: Inteligência Artificial, Redes de Computadores, Engenharia de Software e TI.

6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?

Por ser o recurso mais acessível e de fácil comunicação, se torna elemento fundamental nos cursos a distância, pois o aluno pode ter acesso em qualquer lugar e a qualquer hora.

7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?

“A linguagem do material didático elaborado para o aluno da EaD deve necessariamente ser direcionada para o desenvolvimento da autonomia do discente.”

8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?

“Muitas, considerando que para este tipo de público o texto deve ser diálogo e favorecer a interação entre o professor e o aluno.”

9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?

“Utilizei imagens que retravam a realidade, também tentei produzir um texto direcionado ao aluno e contextualizado”.

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“Certamente as figuras chamam atenção e torna mais didático o material.”

16-PROFESSORA GPB

Perfil – Doutor em Química Orgânica. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, graduada em Pedagogia e Pós-graduado em Psicopedagogia e Metodologia do Ensino Superior. Professora Assistente I da UFMA. Coordenadora do projeto de Pesquisa PIBID/Capes, sobre formação de Professores e Práticas Pedagógicas. Coordenador de Estágio. Atuou como docente do Curso de Graduação em pedagogia do centro de Ensino Atenas Maranhense – FAMA, do Centro Universitário do Maranhão-UNICEUMA, Professor da Pós-graduação da Faculdade Santa Fé, Professora pesquisadora dos cursos de graduação a distância pelo NEAD/UFMA dos cursos de Pedagogia, Matemática, Biologia e Química, foi tutora à distância dos seguintes programas de formação de professores da UFMA: Mídias na educação, Escola de Gestores da Educação Básica e Gênero e Diversidade na Escola.

6) Para você qual a importância do Material Didático Impresso para a modalidade a distância?

“O livro didático é de grande relevância, tendo como objetivo orientar o aluno no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo também a sua autonomia.”

7) Você acredita que a linguagem do material didático para EaD deve ser diferenciada dos materiais tradicionais?

“Para alcançar os objetivos planejados, se faz necessário uma avaliação diagnóstica para se traçar o perfil do aluno da EaD, considerando as diversidades e o ritmo de aprendizagem de cada um.”

8) Você teve dificuldade para produzir o texto para o público da EaD?

“Sim, muita dificuldade, mas com ajuda da equipe do curso, consegui concluir a produção.”

9) No que diz respeito à linguagem utilizada nos Materiais Didáticos Impressos, você utilizou alguma estratégia para interagir com os alunos?

“Fiz uso de uma linguagem que se aproxime da realidade do aluno, sem perder a cientificidade. Utilizei também várias imagens para exemplificar as temáticas discutidas.”

10) Você considera importante a utilização de ícones gráficos (figuras, quadrinhos, charges, dentre outros) ao longo dos textos?

“Sem dúvida alguma é importante tornar uma publicação ilustrativa, pois permite aos leitores melhor interação com o texto, além de causar melhor impacto visual e estimular o olhar.”